



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO – MESTRADO EM SAÚDE DA FAMÍLIA
FACULDADE DE MEDICINA – CAMPUS DE SOBRAL

LEIDIANA DO NASCIMENTO PINTO

SIGNIFICADOS E SENTIDOS DO FUTEBOL FEMININO PARA AS JUVENTUDES
ATENDIDAS PELA ESTAÇÃO JUVENTUDE EM SOBRAL-CE.

SOBRAL – CE

2022

LEIDIANA DO NASCIMENTO PINTO

**SIGNIFICADOS E SENTIDOS DO FUTEBOL FEMININO PARA AS JUVENTUDES
ATENDIDAS PELA ESTAÇÃO JUVENTUDE EM SOBRAL-CE.**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Saúde da Família, da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Ceará, *Campus* de Sobral, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Saúde da Família.

Orientadora: Prof^a. Dra. Camilla Araújo
Lopes Vieira

SOBRAL – CE

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

P728s Pinto, Leidiana do Nascimento.

SIGNIFICADOS E SENTIDOS DO FUTEBOL FEMININO PARA AS JUVENTUDES ATENDIDAS
PELA ESTAÇÃO JUVENTUDE EM SOBRAL-CE. / Leidiana do Nascimento Pinto. – 2021.
123 f. : il. color.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Campus de Sobral, Programa de Pós-Graduação
em Saúde da Família, Sobral, 2021.

Orientação: Prof. Dr. Camilla Araújo Lopes Vieira.

1. Juventudes; gênero; saúde; futebol feminino. I. Título.

CDD 610

LEIDIANA DO NASCIMENTO PINTO

**SIGNIFICADOS E SENTIDOS DO FUTEBOL FEMININO PARA AS JUVENTUDES
ATENDIDAS PELA ESTAÇÃO JUVENTUDE EM SOBRAL-CE.**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Saúde da Família, da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Ceará, *Campus* de Sobral, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Saúde da Família.

Orientadora: Prof^a. Dra. Camilla Araújo Lopes Vieira

Aprovada em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dra. Camilla Araújo Lopes Vieira (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof^a. Dra. Maria Adelane Monteiro da Silva
Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA)

Prof^o. Dr. Luis Achilles Rodrigues Furtado
Universidade Federal do Ceará (UFC)

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente aos Deuses e Deusas, que me encham de força e coragem para viver feliz com minhas escolhas.

Ao Programa de Mestrado em saúde da família, pelo aprendizado dado a realização do sonho em me tornar mestre para atuar no SUS, e por incentivar as pesquisas na área.

A minha família, em especial meu grande amor Ingrid que tem me acompanhado nessa construção de conhecimento, ela que tem tido paciência tem sido calma nos momentos de angustiante. Meus pais Ana e Antônio, minha avó Mazor (em memória), meus irmãos e sobrinhos que com cuidado, atenção e amor sempre estiveram ao meu lado, compreendendo as ausências em momentos importantes, agradeço a eles por tudo que representam em minha vida.

A professora Camila Vieira pela orientação dessa pesquisa, pelas conversas sobre a vida e o trabalho, sobre as vacinas, sobre política e especialmente pelas palavras de conforto em um momento tão cruel que está sendo a pandemia da COVID-19.

Agradeço também as minhas irmãs do coração Lelé, Anne, Hileana e Eriene que divide as alegrias de uma boa amizade.

A Alexandra e Ilana, amigas queridas, agradeço pelas revisões pelo encorajamento a seguir escrevendo e aprendendo.

Aos profissionais da SECJEL em especial da estação juventude da Cohab I e do Recanto em nome da Aninha, Leandro e Ada, pelo companheirismo no processo de trabalho na construção do trabalho.

Aos jovens participantes da pesquisa os quais tenho aprendido diariamente e que deram o impulso necessário para a pesquisa.

Aos meus amigos e companheiros das duas gestões ao qual fiz e faço parte do CRESS-CE que me mostra a cada dia que nossa voz na rua vem para lutar e que ver cores nas cinzas e a vida reinventar nunca vez tanto sentido.

Aos amigos e companheiros do NUCRESS que me possibilitam continuar na luta por essa categoria aguerrida dos assistentes sociais.

As jovens mulheres do futebol feminino, pela luta diária para serem reconhecidas e livres com suas escolhas.

“Minha luta diária é para ser reconhecida como sujeito, impor minha existência numa sociedade que insiste em negá-la”. (RIBEIRO, 2015)

RESUMO

O trabalho parte da descoberta, averiguada por estudos, de que as Políticas Públicas de juventude, construída para atender as demandas e anseios das juventudes do Brasil, não tem fomentado uma discussão significativa dos temas que transversaliza o cotidiano dos jovens. A pesquisa defende a ideia de que as políticas públicas de juventude devem ser de juventude, com e para as juventudes numa perspectiva fundamental de participação. O trabalho estuda sentidos e significados do futebol feminino para as juventudes atendidas pela estação juventude em Sobral - CE. Analisa as percepções que os jovens têm em relação ao futebol feminino; identifica as reflexões que os jovens fazem sobre sua participação na estação juventude; investiga os principais conteúdos reproduzidos por jovens. Tem como marco teórico as Política Pública de juventude e da mulher dos últimos 15 anos, com ênfase na saúde e no esporte. Organizou-se como pesquisa de campo exploratória de abordagem qualitativa. Como estratégia metodológica principal, realiza análise temática, através da análise crítica do discurso, de maneira empírica através de entrevistas com os participantes. Os resultados da pesquisa dividem-se em três temas principais, além da análise da caracterização dos participante. A avaliação feita sobre o perfil dos jovens atendidos pela EJ aponta um cenário de pobreza e desigualdade social, considerando que 54,6% não tem casa própria e mais de 80% são pardos e negros, além dos baixos salários que não chegam a R\$ 2.000,00. O tema dos discursos produzidos pelas juventudes destaca a importância dos projetos sociais e a necessidade de assegurar mecanismos que assegurem os direitos das juventudes, principalmente nas áreas da educação, trabalho e saúde. Foram apontados vários elementos importantes sobre as percepções de participação na ótica das juventudes. As novas formas de participação; a capacidade de leitura social dos jovens; a capacidade de praticar a co-responsabilização com o espaço EJ e a necessidade de demandas específicas para os jovens. Em relação ao tema re-flexões sobre gênero aponta para o aprimoramento da EJ, uma vez que o equipamento reforça a heteronormatividade, priorizando e incentivando ações esportivas apenas para os meninos; necessidade de aprofundamento em temas transversais, respeitando as trajetórias e diversidades dos jovens.

Palavras chave: Juventudes; gênero; saúde; futebol feminino

ABSTRACT

The work starts from the discovery, verified by studies, that the Public Policies for youth, built to meet the demands and aspirations of young people in Brazil, have not fostered a significant discussion of the themes that cross the daily lives of young people. The research defends the idea that public youth policies should be for youth, with and for youth in a fundamental perspective of participation. The work studies senses and meanings of women's football for youths attended by the youth station in Sobral - CE. It analyzes the perceptions that young people have in relation to women's football; identifies the reflections that young people make about their participation in the youth station; investigates the main contents played by young people. Its theoretical framework is the Public Policy for youth and women in the last 15 years, with an emphasis on health and sport. It was organized as an exploratory field research with a qualitative approach. As the main methodological strategy, it performs thematic analysis, through critical discourse analysis, empirically through interviews with the participants. The survey results are divided into three main themes, in addition to the analysis of the socioeconomic profile. The evaluation carried out on the profile of young people served by the EJ points to a scenario of poverty and social inequality, considering that 54.6% do not have their own home and more than 80% are brown and black, in addition to low wages that do not reach R\$ 2,000.00. The theme of the speeches produced by the youth highlights the importance of social projects and the need to ensure mechanisms that guarantee the rights of youth, especially in the areas of education, work and health. Several important elements were pointed out about the perceptions of participation from the perspective of youths. The new forms of participation; the ability of young people to read socially; the ability to practice co-responsibility with the EJ space and the need for specific demands for young people. Regarding the theme reflections on gender, it points to the improvement of EJ, since the equipment reinforces heteronormativity, prioritizing and encouraging sports actions only for boys; the need to delve deeper into transversal themes, respecting the trajectories and diversities of young people.

Keywords: Youth; gender; health; women's football

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AB	Atenção Básica
APS	Atenção Primária à Saúde
ACD	Análise Crítica do Discurso
ACS	Agente Comunitário de Saúde
CA	Centro Acadêmico
CRAS	Centro de Referência da Assistência Social
COI	Comitê Olímpico Internacional
CONJUV	Conselho Nacional de Juventude
ESF	Estratégia Saúde da Família
EJ	Estação Juventude
FGV	Fundação Getúlio Vargas
GEPECJU	Grupo de Estudo e Pesquisas sobre Culturas Juvenis
MMFDH	Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IST	Infecções Sexualmente Transmissíveis
HIV	Vírus Imunodeficiência Humana
ONG	Organização Não Governamental
ONU	Organização das Nações Unidas
OMS	Organização Mundial de Saúde
PAISM	Programa Assistência Integral à Saúde da Mulher
PROUNI	Programa Universidade para todos
PPJs	Políticas Públicas de Juventudes
PNEF	Plano Nacional de Enfrentamento ao Femicídio
RMSF	Residência Multiprofissional em Saúde da Família
SPM	Secretaria de Políticas para Mulheres
SUS	Sistema Único de Saúde
SNJUV	Secretária Nacional de Juventude
SNPM	Secretária Nacional de Políticas para Mulheres
SECJEL	Secretaria da Cultura, Juventude, Esporte e Lazer
UFC	Universidade Federal do Ceará

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
1.1	Sobre o desejo de estudar as juventudes	17
2	OBJETIVOS	21
2.1	Objetivo geral	21
2.2	Objetivos específicos	21
3	MARCO TEÓRICO	22
3.1	Juventudes e a discussão das Políticas Públicas para as Juventudes – PPJs	22
3.2	Juventudes e o setor saúde se associam? Breve relato das políticas públicas de saúde e as juventudes no Brasil	29
3.3	Sexualidade e Gênero: Lugar de mulher é onde ela quiser	35
3.4	Conhecendo as Políticas Públicas para o público feminino	39
3.5	As minas no País do Futebol: A era do futebol feminino	43
4	METODOLOGIA TRILHADA	47
4.1	Tipo de estudo	47
4.2	Local e período da pesquisa	48
4.3	Participantes da pesquisa	49
4.4	Aspectos éticos	51
4.5	Instrumentos para produção de dados	52
4.6	Análise e interpretação dos dados	54
5	RESULTADOS E DISCUSSÕES	59
5.1	Caracterização dos participantes	59
5.2	Discursos produzidos pelas juventudes	65
5.2.1	<i>Sentidos e significados da estação juventude para os jovens</i>	66
5.3	Percepções sobre a ideia de participação na ótica das juventudes	69
5.3.1	<i>O jovem no Brasil não é levado a sério</i>	69
5.4	Re-flexões sobre gênero: o feminino no esporte heteronormativo	72
5.4.1	<i>Marias guerreiras de chuteiras</i>	73
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	81
	REFERÊNCIAS	83
	APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E	90

ESCLARECIDO (TCLE)	
APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO: SOCIOECONÔMICO E FAMILIAR DOS – JOVENS	93
APÊNDICE C - PERGUNTAS PRÉ-DEFINIDAS A PARTIR DOS OBJETIVOS DA PESQUISA	97
APÊNDICE D – ENTREVISTAS	98
ANEXO A - PARECER CONSUBSTANCIADO DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA – CEP	120
ANEXO B - CARTA DE ANUÊNCIA	123

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa de mestrado aborda questionamentos nascidos durante minha trajetória de formação e atuação profissional enquanto trabalhadora e pesquisadora da temática das juventudes. A presente dissertação do Mestrado Acadêmico em Saúde da Família realizado pela Universidade Federal do Ceará – UFC traz um debate sobre “Significados e sentidos do futebol feminino para as juventudes, em especial os jovens que foram ou são beneficiários das políticas públicas na cidade de Sobral - CE, no Programa Estação Juventude.

A Juventude pode ser caracterizada como uma condição que vai além de uma faixa etária, um processo no qual há concorrência de um conjunto de elementos que constituem a autonomia material e afetiva dos sujeitos. Elementos como à escolarização, à profissionalização, aos relacionamentos afetivos-sexuais, à conjugalidade, à reprodução e à participação social (ABRAMO, 2005). Cerca de 26% da população latino-americana e 27% da população brasileira se encontram na faixa etária dos 15 aos 29 anos, compreendida pelo Estado Brasileiro como uma população economicamente ativa que necessita de políticas públicas específicas (BARREIRO; MALFITANO, 2017).

Dados da Organização Mundial de Saúde (OMS), informam que há 1,8 bilhão de adolescentes e adultos jovens no mundo, cerca de um quarto da população mundial. Dois terços vivem em países em desenvolvimento, onde problemas evitáveis como HIV/aids, gravidez precoce, acidentes e violência são ameaças diárias (BOUER, 2016).

De acordo com os dados que integram a pesquisa “Jovens: Projeções Populacionais, Percepções e Políticas Públicas” realizado pelo Centro de Políticas Públicas da Fundação Getúlio Vargas (FGV) Social, que faz parte do projeto Atlas das Juventudes, divulgou que a população brasileira com idade entre e 15 e 29 anos será inferior a 50 milhões até o fim deste ano, ficando abaixo desse patamar pela primeira vez desde 2002. O País havia ultrapassado a marca de 50 milhões de jovens (15 a 29 anos) em 2002, atingindo o pico em 2009, quando 52,3 milhões de brasileiros integravam essa faixa etária, o número oscilou e desde 2014 não parou de cair. A queda prevista da população jovem brasileira acompanha uma tendência mundial. De acordo com a ONU, o número de jovens vai diminuir em quase todos os 201 países com projeções populacionais até 2060 (NERI; HECKSHER, 2021).

A pesquisa informou ainda que brasileiros de 15 a 29 anos estão mais tristes, mais preocupados e mais pobres, a autoavaliação sobre felicidade tinha média de 7,2 pontos, mas veio decaindo e ficou em 6,4 no ano passado. Quando a questão é preocupação, o índice de

jovens brasileiros que se disse preocupado subiu para 59% no ano passado, era de 44% entre 2015 e 2018.

Deste modo, é fundamental uma compreensão das juventudes e de seus direitos, entendendo essa etapa como uma fase de experimentações e de formação individual, ultrapassando as visões arcaicas que enxergam os jovens como uma mera fase de transição ou uma fase problemática. As discussões sobre juventudes perpassam pela necessidade de lutar pela garantia de direitos e ampliação das políticas públicas como saúde, educação, trabalho e cultura, de modo que evidencie a emancipação e protagonismo dos jovens.

Nesse sentido é crucial um breve relato do programa Estação Juventude-EJ, um programa do Governo Federal, desenvolvido através da Secretaria Nacional de Juventude e executado pelos órgãos municipais de juventude. A EJ surge no ano de 2013 como um conjunto de ações estratégicas para levar aos jovens de 15 a 29 anos políticas que garantam seus direitos e os auxiliem na emancipação, participação social e autonomia, levando em consideração a história e a cultura de cada bairro e dos jovens atendidos. A cidade de Sobral foi pioneira na execução do Programa EJ. Em 2022 o município conta com 06 EJ distribuídos em bairros e distritos da cidade, são 02 EJ na zona rural, no distrito de Arataiaçu e outra em Taparuaba e 04 EJ nos bairros da cidade, os contemplados são: Cohab I, Recanto II, Nova Caiçara e Tamarindo. Adiante que falaremos mais sobre esse espaço e suas ações no decorrer do texto.

A EJ é um espaço de sociabilidade e de encontro de jovens, levando em consideração a história e as potencialidades de cada território e dos grupos de jovens, nesse sentido as ações desenvolvidas pela EJ são direcionadas para emancipação, participação social e autonomia. Os eixos do programa se voltam para uma programação contínua com estação da cultura, programação formativa e estação do esporte e lazer. No que se refere a estação do esporte e lazer, podemos destacar ações de saúde e bem-estar, cultura de paz e redução de danos. Essas ações são desenvolvidas em parceria com Secretaria de saúde e com os cursos de enfermagem e educação física de Instituições de Ensino Superior.

Lembrando o que nos diz o Estatuto da Juventude (Lei Nº 12.852, de 5 de agosto de 2013), a saúde é um dos direitos a serem garantidos ao jovem brasileiro, considerando suas especificidades e diversidade. Na Seção V, discorre que “O jovem tem direito à saúde e à qualidade de vida, considerando suas especificidades na dimensão da prevenção, promoção, proteção e recuperação da saúde de forma integral”.

Do ponto de vista do eixo de esporte e lazer, principalmente de saúde e bem-estar, é possível elencar diversas formas de trabalhar essa temática, no entanto os educadores da EJ

tinham duas maneiras de abordar esse tema, primeiro com as garotas, com ações voltada para prevenção da gravidez na adolescência e sobre as infecções sexualmente transmissíveis (IST), já com os garotos, as ações são futsal, futebol, torneios esportivos dentre outros. No entanto observou-se que não existiam iniciativas, ou até incentivo para a prática do esporte feminino, todas os torneios esportivos se voltavam para o público masculino, digo os esportes predominantemente masculinos como é o caso do futebol e futsal. Desse modo surge a inquietação em relação a participação feminina nos esportes, sobretudo os esportes oferecidos pelas políticas públicas de juventude, no caso o futsal e futebol.

Os discursos e naturalização de que a mulher representa uma beleza e uma fragilidade acaba por reforçar a privação da participação das meninas em alguns espaços, inclusive em modalidades esportivas predominantemente masculinas, como é o caso do futebol. Nesse contexto identificamos uma grande lacuna no que diz respeito às manifestações femininas no esporte, e no âmbito da saúde as ações restringe-se apenas à vinculação ao exercício da sexualidade ou a gravidez (PINTO, 2016).

Evidencia-se que essa questão, cada vez mais presente na atualidade, precisa ser discutida, em diversos setores, e requer uma demanda de olhares, principalmente da abordagem de gênero do setor saúde, considerando que “saúde” é um estado de bem-estar que envolve várias dimensões da vida humana, como educação, saneamento, meio ambiente, equidade e justiça social (SOUZA; GRUNDY, 2004).

Dessa forma apresentaremos um breve histórico da participação feminina no futebol brasileiro. O futebol feminino começou a ser questionado desde suas primeiras aparições. Em 1913 especialistas, dirigentes e até o Presidente da República Getúlio Vargas acreditavam que o futebol era violento demais para as moças, coisa para macho, que o esporte reservado ao público masculino poderia comprometer o “sexo frágil” e que as meninas corriam o risco de nunca serem mães. Contudo, foram incentivadas outras modalidades esportivas para o público feminino, como por exemplo, ginástica, dança e natação. No ano de 1941 foi implantado um Decreto-Lei 3.199, que proibia as mulheres de praticarem atividades esportivas que não estivesse de acordo com sua natureza.

Sendo assim, pesquisar os jovens atendidos por políticas públicas para as juventudes, dentro de suas realidades culturais, religiosas e familiares é essencial para a compreensão de como esses jovens enxergam as diferenças sexuais nos esportes e a invisibilidade do futebol feminino. A questão que se funda como inspiradora desse estudo parte do desejo de compreender “Significados e sentidos do futebol feminino para as juventudes atendidas pela Estação Juventude em Sobral-CE.

O objetivo geral deste estudo é compreender os significados e sentidos do futebol feminino para as juventudes atendidas pela Estação Juventude e os objetivos específicos são: Caracterizar o perfil socioeconômico das juventudes participantes da pesquisa; Analisar as percepções que as juventudes atendidas pela Estação Juventude têm em relação ao futebol feminino; Identificar as reflexões que os jovens fazem sobre sua participação na Estação Juventude; Investigar os principais conteúdos reproduzidos por essas juventudes.

A pesquisa possui o intuito de contribuir para promoção de políticas públicas de/para/com juventudes, o reconhecimento das mulheres como sujeito de direito, assim como proporcionar uma visão da complexidade das ações de promoção da saúde para as juventudes e também colaborar para o incentivo da prática do futebol feminino na EJ. Compreender os discursos produzidos pelas juventudes participantes da estação juventude nos fornece embasamento teórico para contribuir com as PPJs, além de identificar sua forma de participação e seu envolvimento com as políticas públicas. O trabalho também apresenta a visão que os jovens têm em relação a participação das mulheres em um esporte de dominação masculino, como é o caso do futebol feminino. Nesse caso traremos a questão do gênero e da sexualidade considerando relações de alienação e de dominação vivenciadas pelas mulheres. Nosso principal desafio foi construir a pesquisa em meio uma pandemia¹ que devastou milhares de vida, um contexto diferenciado para a pesquisadora e os sujeitos da pesquisa. O fechamento dos espaços físico da EJ durou mais de um ano e meio e a aproximação com os jovens teve que ser em formato presencial, mas também em formato remoto, utilizando os recursos disponíveis pela internet.

Assim, a partir da introdução e na perspectiva de lidar com essas questões que envolvem políticas públicas, juventudes, saúde, gênero e futebol feminino, nos permitimos discutir sobre significados e sentidos do futebol feminino para as juventudes que participam da estação juventude. A realidade que esses jovens vivenciam a experiência da estação juventude é na periferia de Sobral, uma realidade de limitação de espaços de cultura e lazer, com histórico de violência entre os jovens e violação de direitos humanos.

A pesquisa configura-se a partir de método interpretativo, exploratório e de abordagem qualitativa e foi desenvolvida no período de agosto 2021 a fevereiro de 2022, com jovens com idade entre 18 e 27 anos, moradores da cidade de Sobral-Ce. Dentre as seis

¹ Segundo a OMS a pandemia de COVID-19 teve início na china em 2019. Tratava-se de uma nova cepa de coronavírus que não havia sido detectada antes em seres humanos. Em 2020 a doença recebeu o nome de SARS-COVI-2. O vírus foi responsável por matar mais de 5 milhões de pessoas em todo o mundo.

Estação Juventude do município de Sobral, escolhemos as quatro EJ da sede nos bairros Cohab I, Vila Recanto II, Tamarindo e Caiçara, a escolha de pesquisar as EJ da zona urbana se fez necessário diante das dificuldades de locomoção e o agravamento da pandemia de COVID-19. Inicialmente traçamos a caracterização dos participantes através de um roteiro com ajuda da plataforma Google forms, posteriormente realizamos encontros no formato virtual e presencial para aplicação das entrevistas semiestruturada.

O presente estudo divide-se em 03 capítulos, o primeiro se refere ao marco teórico que aborda temas que norteiam o contexto das juventudes e das mulheres atendidos pelas políticas públicas, divididos em cinco partes: primeira parte abordaremos a discussão sobre as políticas públicas para as juventudes com o intuito de compreender os avanços e retrocessos da atuação governamental para contemplar as diversas maneiras de enxergar a condição juvenil, seus dilemas, suas fragilidades, demandas e potencialidades.

A segunda parte discutiremos sobre juventudes e saúde, faremos um breve relato sobre as políticas de saúde destinado aos jovens, levando em consideração que o Estatuto da juventude aponta os direitos das juventudes em relação a saúde.

Já a terceira parte apresenta o debate sobre sexualidade e gênero e suas representações sociais. Pretende-se por meio dele destacar alguns aspectos vivenciados por jovens meninas, com suas restrições de oportunidades e invisibilidade.

A quarta parte explanaremos questões referente as políticas públicas para as mulheres, os programas, projetos e os desafios para a valorização da mulher e sua inclusão no processo de desenvolvimento social, econômico, político e social do país.

Na última parte do primeiro capítulo contextualizaremos a gênese do futebol feminino e o esporte majoritariamente praticado por homens e a influência nos corpos e sexualidade das mulheres.

O segundo capítulo apresentaremos a metodologia escolhida para compor o estudo, no caso nosso trabalho será de natureza qualitativa, exploratória. A análise dos resultados se deu a partir da ACD - Análise Crítica do Discurso.

O terceiro capítulo mostraremos os resultados das entrevistas com os jovens. Primeiro apresentando a caracterização dos participantes, em seguida as discussões das entrevistas com as seguintes categorias: Discursos produzidos pelas juventudes; Percepções sobre a ideia de participação na ótica das juventudes e Re-flexões sobre gênero: o feminino no esporte heteronormativo.

1.1 Sobre o desejo de estudar as juventudes

O fato de me perceber no mundo, com o mundo e com os outros me põe numa posição em face do mundo que não é a de quem nada tem a ver com ele. Afinal, minha presença no mundo não é de quem a ele se adapta mas a de quem nele se insere. É a posição de quem luta para não ser apenas objeto, mas sujeito também da História (FREIRE, 1996, p. 54)

O desejo de estudar as juventudes adveio de minha trajetória de vida recheada de complexidade em um bairro periférico em Sobral-CE. Com as reflexões que trago aqui, relato minha escolha pela pesquisa com as juventudes atendidas pelo Programa Estação Juventude. Minhas inquietações e curiosidades sobre o futebol feminino não vem de agora. Na época do ensino médio, na escola Carmosina no bairro Sumaré em Sobral, sempre tive curiosidade e proximidade com as jovens que se atreviam a jogar esse esporte majoritariamente masculino, assisti diversos torneios feminino de futebol e sempre havia muito preconceito envolvido, seja vindo dos pais, professores e até os alunos.

Expresso que a principal influência pela escolha da pesquisa, surgiu por minha experiência na vida social, política e profissional, seja enquanto jovem inserida em movimentos juvenis e atendidas pelas políticas públicas como o grêmio estudantil da Escola Carmosina Ferreira Gomes, como também na Câmara Infante Juvenil, que atuei como presidente da organização de jovens lideranças, no grupo de quadrilha junina - Arraiá Botando Quente, Projeto Ver Nascer, Associação Cara preta, Rede de Jovens do Nordeste e desde 2008 sou pesquisadora do Grupo de Estudo sobre Culturas Juvenis (GEPECJU) ligado à Universidade Estadual Vale do Acaraú.

O GEPECJU foi um divisor de águas na minha vida acadêmica, tive ricas experiências que me fortaleceram na compreensão das juventudes, estimulando-me a posicionar-me na busca contínua de melhor compreendê-la, o grupo também me possibilitou sonhar em entrar uma faculdade como estudante, digo isso, pois a maioria dos jovens com quem tinha proximidade não tinham sonhos de estudar em uma faculdade, os sonhos dos meus amigos da minha idade, nada mais era do que ter um trabalho para ter acesso a bens necessários na vida de cada um deles. A partir da vivência com o grupo de estudo, que funcionava dentro da Universidade tive a certeza que era aquilo que eu queria para minha vida, queria estudar, ler livros, escrever e fazer uma faculdade. Sonho bem diferente das meninas da minha idade. Não conheço nenhuma das minhas amigas do colégio que hoje tenha um curso de graduação. Todas tomaram outros caminhos, algumas casaram, tiveram filhos,

estão trabalhando, outras viajaram, moram em outras cidades, enfim, estão vivendo cada uma da sua maneira.

O sonho em cursar Serviço social, se deu pelo posicionamento de algumas assistentes sociais que conheci na adolescência, eram falas firmes e sempre em defesa das juventudes, dos pobres e dos movimentos sociais, a partir de então o interesse foi se intensificando e fui pesquisando as bandeiras de luta da categoria e as entidades representativas do serviço social. A identificação foi tomando conta de mim, mesmo estando cursando filosofia em uma universidade pública, e com grande receio em mudar para outro curso em uma instituição privada foi desafiador, no entanto os programas sociais sempre me salvaram, família beneficiada pelo bolsa família, financiamento estudantil, PROUNI, Residência Multiprofissional, foi graças a esses programas e projetos que consegui cursar o serviço social em uma instituição privada. O serviço social mesmo tendo em sua gênese uma forte tendência conservadora, logo foi rompida e coletivamente a categoria seguiu defendendo as conquistas históricas dos trabalhadores e fortalecendo os princípios do código de ética profissional. Além de disso o Assistente social é uma profissão comprometida socialmente, para o campo da saúde e faz parte da categoria profissional que é reconhecida como profissionais de saúde, segundo o Ministério da saúde e do Conselho Nacional de saúde através da resolução nº 218, de 06 de março de 1997.

Quando estudante de graduação em Serviço Social, eu e outros colegas de turma tomamos a frente do centro acadêmico (CA), como membro do CA fui coordenadora de políticas para mulheres, realizamos diversos debates acerca do curso e suas implicações para os estudantes, levando em consideração que estávamos em uma instituição privada de ensino, e que a instituição tem dono era difícil tratar alguns assuntos sem que o mesmo autorizasse. Certamente construímos debates necessários para um entendimento do fazer profissional do Assistente social em seus diversos campos de atuação, mas sempre com sentimento que deveríamos ter feito mais.

Esses percursos me traziam esperança em novas conquistas e sonhos a serem realizados. Na graduação estudei a participação social das juventudes nas políticas públicas, as motivações para a participação e os desafios da participação juvenil nas políticas públicas. Desde então venho me envolvendo nos estudos sobre esse público juvenil e as questões que transversalizam os debates das PPJ's.

Em 2014 fui aprovada no Programa de Residência Multiprofissional em Saúde da Família (RMSF), realizado pela Escola de Formação em Saúde da Família Visconde de Sabóia em Sobral. Essa experiência de descobrir a crença e luta do SUS foi fantástica, um

desafio colocado e aceito por mim e pelos outros profissionais para contribuir efetivamente na construção da saúde no Brasil. A Residência Multiprofissional não foi a primeira experiência com a saúde da família. A Estratégia Saúde da Família sempre fez parte da minha rotina, minha mãe é agente comunitária de saúde a mais de 30 anos, sendo uma das pioneiras na cidade de Sobral. A primeira sede da ESF que na época era chamada de posto de saúde ficava em frente minha casa e por longos anos presenciei diversas ações e serviços da APS, até a construção e inauguração da unidade de saúde que recebeu o nome de uma ACS Cleide Cavalcante no bairro Sumaré. No entanto, para falar sobre atenção básica em saúde, vou tratar da experiência enquanto assistente social na XI turma do Programa de Residência e primeira experiência em ensino e serviço na Atenção Primária a Saúde.

Durante o período de dois anos que durou o Programa de Residência pude conhecer e me aproximar de vários grupos de juventudes nos bairros Vila União e Terrenos Novos, porém mais uma vez fui surpreendida com uma gigante equipe de futebol feminino, o time “Locomotiva”. Foram longos dois anos de troca e cuidado com essa equipe. O resultado disso foi o Trabalho de conclusão da residência, uma pesquisa de campo produzida por mim e intitulado “autonomia, saúde e juventude, a experiência das meninas jogadoras de futebol no bairro Vila União em Sobral”. Tal experiência firmou minha identidade profissional e de pesquisadora no campo do tema juventudes, a pesquisa realizada constatou que são muitos os dilemas e desafios colocados para os profissionais de saúde, principalmente para aqueles que estão abertos a apreender e a notar a importância e a coexistência da atuação das jovens mulheres como protagonistas do cotidiano. Faz necessário que se possibilite igualdade de oportunidades para as mulheres na perspectiva de estabelecer verdadeira intersecção entre saúde e autonomia. Com essas duas dimensões devem-se aferir demandas específicas para as mulheres na contramão das opressões impostas. Nessa perspectiva me vejo na condição de sujeito implicado como nos diz o autor Emerson Mehry (2006), as ideias do autor se aproximam muito com os desafios da pesquisa:

O seu problema é que além de sujeito interessado você é um sujeito implicado. Você é o pesquisador e o pesquisado. E, assim, o analisador e o analisado. Você é um sujeito militante que pretende ser epistêmico e os desenhos de investigação que temos como consagrados no campo das ciências não dão conta deste tipo de processo (MEHRY, 2006, p. 02).

Nesse sentido entendemos a saúde como não somente ausência de doença, mas, principalmente, como grande cenário para construção de saberes, no sentido de estruturar ações assertivas dentro do campo do cuidado a saúde. A Lei Federal 8.080, de 19 de setembro

de 1990, base legal do Sistema Único de Saúde (SUS), que dispõe em seu Artigo 2º: “A saúde é um direito fundamental do ser humano, devendo o Estado prover as condições indispensáveis ao seu pleno exercício” isso significa dizer que o jovem também é um usuário do SUS e deve ser atendido em sua plenitude de acordo com os princípios do SUS, – universalidade, equidade e integralidade.

Corroborando com Dias & Silva (2021) que compreende a família como participante de todo processo, pois influencia e é influenciada pelos impactos da enfermidade e das intervenções em saúde, o jovem como usuário do SUS e ameaçado por problemas que envolve gravidez precoce, IST, acidentes e violência deveria ter ações priorizadas no setor saúde.

Enquanto assistente social, me engajei com o trabalho na ESF por diversas vezes me inquietei com os inúmeros obstáculos para o avanço desse trabalho, sobretudo questionando seu verdadeiro sentido e seus impactos na vida das pessoas atendidas. Meus anseios eram sempre compartilhados com os companheiros e companheiras da equipe e carreguei essas inquietações em todos os espaços sócio ocupacionais que atuo.

Na vida profissional atuei como articuladora municipal de grupos juvenis, trabalho realizado junto a Fundação de Ação Social, coordenadora do PROJovem Adolescente, gerente da Coordenadoria Especial de Políticas Públicas para juventude e Coordenadora Municipal de Políticas Públicas para juventude. Experiências vivenciadas no município de Sobral-CE. O fato de estudar a mesma realidade com a qual lido em meu trabalho me fez mergulhar cotidianamente na subjetividade das juventudes, levando em consideração um posicionamento ético-político a qual compartilho.

Através das experiências supracitadas o interesse foi aprofundado na interface com o Serviço Social, a militância com e para as juventudes. Desde que soube da aprovação do mestrado já me imaginava estudando as juventudes participantes das políticas públicas, no sentido de melhor compreender esse público e sua forma de participação, além de estudar a visão dos jovens sobre o futebol feminino, os debates sobre gênero, sexualidade. Saber como as juventudes enxergam o futebol feminino me instiga a debater se é senso comum ou essas juventudes atendidas pelas políticas públicas conseguem ter outra visão mais ampliada sobre o esporte exercido pelo público feminino.

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo geral

- Compreender significados e sentidos do futebol feminino para as juventudes atendidas pela Estação Juventude em Sobral-CE.

2.2 Objetivos específicos

- Caracterização dos participantes da pesquisa;
- Analisar as percepções que as juventudes atendidas pela Estação Juventude têm em relação ao futebol feminino;
- Identificar as reflexões que os jovens fazem sobre sua participação na Estação Juventude;
- Investigar os principais conteúdos reproduzidos por essas juventudes

3 MARCO TEÓRICO

3.1 Juventudes e a discussão das Políticas Públicas para as Juventudes – PPJs

Eu acredito é na rapaziada, que segue em frente e segura o rojão, eu ponho fé é na fé da moçada que não foge da fera e enfrenta o leão. Eu vou à luta com essa juventude, que não corre da raia a troco de nada, eu vou no bloco dessa mocidade que não tá na saudade e constrói a manhã desejada (GONZAGUINHA, 1980).

Para iniciarmos a discussão é importante evidenciar que estamos renunciando ao conceito de adolescência, pois entendemos que esta concepção se alinha muito no campo da saúde desenvolvimentista. Optamos por trabalhar com conceito de juventudes que há uma diversidade de caracterização, procuramos explorar algumas concepções sobre juventudes², no plural mesmo, para contemplar as diversas maneiras de enxergar essa condição. Para as políticas públicas de juventude do Brasil o jovem pode ser caracterizado de acordo com a idade, que varia de 15 a 29 anos. O Estatuto da Juventude estabelece a realização de políticas especialmente dirigidas às pessoas entre 15 e 29 anos uma obrigação do Estado, independente da vontade de governo.

Grosso (2017) considera a definição da juventude como uma fase da vida social que é caracterizada por um status social com independência relativa em relação ao núcleo familiar original e por menor autonomia diante das instituições sociais para além das famílias.

Segundo o autor, a juventude se distingue da infância por ter um status, ou grau de prestígio social, maior. E se distingue também da maturidade pelo menor prestígio social, o que significa menores direitos diante do mundo público e relativa dependência do núcleo familiar (GROSSO, 2017).

Sposito (2018) em seus estudos sobre os jovens no Brasil, estabelece algumas marcações etárias de modo a investigar as singularidades dos jovens. Os dados situam-se nas dimensões da escolaridade, do trabalho da nupcialidade e dos filhos, sendo explorado em três momentos: questões relativas aos adolescentes de 15 a 17 anos; eixos que marcam o percurso de vida na faixa etária de 18-24 anos; e questões que se situam mais proximamente ao grupo de 25 a 29 anos, incluindo desafios e transição para a vida adulta.

Grosso (2016) destaca que uma das teorias na sociologia da juventude mais apropriadas com sucesso no interior das pesquisas sobre juventude, bem como nas próprias PPJs, foi a de que o jovem deveria ser promovido a sujeito social. Esta noção aparece

² Quando utilizamos o termo “juventudes”, buscamos enfatizar a diversidade existente entre os jovens brasileiros.

principalmente por meio de termos derivados, tais como agente social, ator estratégico de desenvolvimento, protagonista juvenil, jovem voluntário etc. O autor complementa que diversas organizações Não Governamentais (ONGs) voltadas aos jovens, principalmente as de cunho mais progressista, também adotaram esta noção e fizeram com que fosse influente nas recentes PPJs no Brasil.

Com isso, as juventudes brasileiras ocupam um lugar de destaque para os pesquisadores, movimentos sociais e gestores das PPJs. No Brasil o debate sobre “Políticas Públicas de Juventude” ganhou força nos anos 90, passando a contemplar aspectos singulares da experiência social dessa geração, identificando suas fragilidades, demandas e potencialidades. Dayrell (2007) vai chamar essa condição de “um novo modo de ser jovem” e torna-se objeto de grande interesse social, ao que parece guiando a atuação do governo para questões que afetam os jovens brasileiros na atualidade. Temos, então: investimentos na educação, saúde, qualificação profissional e incentivo à participação política juvenil. As implicações disso é que se passa a entender que as diversas juventudes demandam articulação de políticas gerais com políticas específicas, de distintos setores do Estado Brasileiro.

Na concepção Malfitano & Barreiro (2017) que, embora as políticas públicas para a juventude no Brasil tiveram um avanço perante sua configuração institucional, as práticas efetivadas nos serviços destinados para os jovens e as jovens ainda possuem um recorte de classe social, que podem trazer em suas ações políticas um viés assistencialista.

Neste contexto ideológico sobre quem são os jovens e as jovens e o que “merecem” receber da sociedade, acirra-se uma disputa entre a não assunção social e o julgamento de sua vida, frente a incorporação pública de sua demanda, na lógica da juventude como uma categoria “problema” ou como sujeitos de direitos (BARREIRO; MALFITANO, 2017, p. 1112).

Sposito (2018) nos revela que em 2014 os jovens com idade de 18 a 24, negros e do sexo feminino, se destacavam com maior relevo percentual entre os jovens que não estudavam e não trabalhavam. A autora se refere a esses jovens como os *nem, nem*, que não trabalham e não estudam, sendo considerados como grupo vulneráveis.

Deste modo, estas políticas podem contribuir para fortalecer no jovem a capacidade de atuar, escolher, julgar e ter relações sociais. Também, fortalecer no jovem a personalidade para resistir a pressões e à falta de estímulos e recompensas, empoderar o indivíduo como resistência orgânica e mental (alguns diriam, fomentar sua resiliência e autoestima. (GROPPO, 2016, p. 5).

As políticas públicas devem buscar mecanismos de suporte para que os jovens possam desenvolver sua formação e habilidades na vida social. Refiro-me nas diferentes áreas de execução das políticas públicas: saúde, educação, trabalho, cultura, esporte, lazer e outros.

Políticas universais precisam atender as demandas e anseios nas especificidades das juventudes. Diante disso, cabe então mencionar o que o Conselho Nacional de Juventude (CONJUVE) relata:

A juventude é uma dimensão social que articula movimentos de vários tipos e com distintas práticas discursivas e de organização. De acordo com essa realidade, o poder público deve ser criativo no desenvolvimento de metodologias e oportunidades que ampliem as condições de participação de um conjunto cada vez maior de jovens, assegurando a pluralidade de manifestação da juventude (CONJUVE, 2006, p. 37).

Carrano (2007), afirma que as dificuldades sociais e econômicas enfrentadas pela maioria da população jovem brasileira incidem diretamente no aumento da sensação de insegurança no presente e das incertezas quanto à vida futura. É num quadro de crescente instabilidade e desesperança frente às capacidades do Estado em promover direitos, bem-estar social e segurança, que se estabelecem os principais entraves para o desenvolvimento da cidadania e da participação juvenil.

É preciso admitir, no entanto, que os investimentos em PPJs têm sido insuficientes e que suas ações são cada vez mais fragmentadas e desconectadas com a realidade das juventudes. Tendo em vista essa situação, é preciso considerar que os jovens serão os principais afetados, permitindo uma barreira para que os jovens possam ampliar seu acesso a serviços e ações que garantam seus direitos e contribuam para uma vida em uma sociedade democrática.

Em 2020, o Brasil atingiu o recorde de 29,33% na taxa de jovens entre 15 e 29 anos que nem trabalham e nem estudam, os conhecidos como “nem-nem”. Só na pandemia a desocupação dos jovens sobe de 49,37% para 56,34%. Os maiores percentuais dos nem-nem afeta desproporcionalmente as mulheres (31,29%), desigualmente responsabilizadas por trabalhos domésticos, especialmente em domicílios com crianças. No Ceará, a taxa de desocupação desses jovens chegou a 37,19% no segundo trimestre de 2020. Em 2019, a média dos nem-nem no Estado ficou em 28,76%. (NERI, 2021).

Nesse sentido, as juventudes precisam ser compreendidas na sua diversidade e nas múltiplas possibilidades de como esta condição é ou pode ser vivida. É preciso considerar a pluralidade deste seguimento juvenil que marca a vida de cada jovem. Segundo o Conselho Nacional de Juventude (CONJUVE, 2006), a juventude deve ser vista em uma dimensão social que articula diversas demandas e com distintas bandeiras de luta. No entanto, os órgãos governamentais devem manter o diálogo com a juventude para o desenvolvimento de

metodologias e oportunidades que ampliem as condições de participação de um conjunto cada vez maior de jovens.

Um importante adendo é falar sobre a situação de epidemia promovida pela covid-19 e quais os efeitos da pandemia na vida dos jovens. Entre os dias 15 e 31 de maio de 2020, o Conselho Nacional de Juventude (CONJUVE), em parceria com várias instituições, realizou a pesquisa Juventude e pandemia do Coronavírus, que contou com a participação de 33 mil jovens de todas as regiões do Brasil. A pesquisa foi separada em 7 blocos temáticos: Informação, Hábitos, Educação e aprendizado, economia, emprego e renda, saúde e bem-estar, contexto e expectativa e perfil socioeconômico. Os dados de pesquisa revelaram que a maioria dos jovens brasileiros internalizou a ideia de que são imunes ao vírus. Apenas 27% dos entrevistados disseram ter medo de morrer, a ansiedade, o tédio e a impaciência foram apontados como os sentimentos mais presentes durante o isolamento social, a pesquisa deixa evidente que os jovens revelam estar mais afetados pelos desafios vivenciados no contexto da pandemia.

Na segunda edição da pesquisa realizada em maio de 2021, foram entrevistados 68 mil jovens de todas as regiões do Brasil. Em relação aos efeitos da pandemia sobre a saúde de jovens, 6 a cada 10 jovens relatam ansiedade e uso exagerado de redes sociais; 5 a cada 10 sentem exaustão ou cansaço constante; e 4 a cada 10 têm insônia ou tiveram distúrbios de peso. Todas essas situações são ainda mais relatadas entre mulheres. E a idade parece mudar a percepção sobre questões de saúde; quanto mais velhos mais apontam múltiplos impactos em seu estado físico e emocional; quando mais novos, mais indicam brigas frequentes dentro de casa. Em relação aos sentimentos sobre futuro da saúde, os dados apontam que às perspectivas de saúde são em geral mais negativas: 5 a cada 10 estão chateados e inseguros em relação à saúde. Ao mesmo tempo, 3 a cada 10 declaram-se esperançosos. Sentimentos ruins e muito ruins são mais comum entre mulheres. Importante salientar que garantir o acesso a serviços de atendimento e acompanhamento psicológico especializado em jovens, em serviços de saúde pública ou em escolas, é a principal prioridade para essas juventudes, especialmente mulheres.

Em Sobral o processo de construção das Políticas Públicas para a Juventude iniciou-se em 2004, a partir dos debates que estavam acontecendo em função do processo de eleições municipais, onde os candidatos ao governo municipal estavam organizando plenárias para a construção dos seus planos de governo. Foi então apresentado um documento com o título: Políticas Públicas para a Juventude de Sobral. Nesse documento estava posto a necessidade de um amparo da gestão pública para os jovens do município compreendendo a

transversalidade das políticas, mas entendendo a importância de se criar um espaço institucional que teria como tarefa discutir, elaborar e articular uma agenda de Políticas Públicas para jovens do município. Em 2005, foi criada a Secretaria de Esporte e Juventude de Sobral. No ano de 2013 a coordenação de juventude passou a ser uma coordenadoria ligada ao gabinete do prefeito. Esse movimento sinalizou uma vontade política do gestor em colocar no centro do seu governo a pauta da juventude. Em 2017 a Coordenadoria de Juventude, passou por mais um processo de reforma administrativa, passando a ser uma pasta dentro da Secretaria da Cultura, Juventude, Esporte e Lazer, ganhando espaço e centralidade política nessa nova gestão.

Dados da Prefeitura Municipal de Sobral apontam que a cidade tem cerca de 33,3% da população composta por jovens de 15 a 29 anos, compreendendo um total de 66 mil jovens. Por isso, há a necessidade que sejam garantidos vários direitos durante essa etapa. Deste modo ver-se necessária uma compreensão das juventudes como uma fase de experimentações e de formação individual e coletiva, na perspectiva de ultrapassar as visões tradicionais, que enxergam as juventudes com uma mera fase de transição entre infância e a idade adulta ou uma fase problemática.

Em Sobral é notável um grande número de jovens que participa de grupos e organizações, tais como: movimento hip hop, movimento estudantil, grupos de quadrilhas juninas, teatro, capoeira, swingueira, grupos religiosos e participantes de projetos sociais. O que os diferenciam são os estilos, modos de vida, valores e bandeiras de luta. Nesse processo exercitam diversas formas de participação, que os conduzem ao desenvolvimento do seu potencial criativo, exercício da alegria e das expressões corporais. Em suma, os jovens possuem diferentes formas organizacionais para se expressarem e assim constituírem suas identidades.

A compreensão de pesquisar os significados e sentidos do futebol feminino para os jovens atendidos pela Estação Juventude tem a perspectiva disparadora de entender como os mesmos enxergam essas meninas amantes do futebol, diante do discurso machista que futebol é coisa para macho. Também propor inovações de políticas que estimulem a criação e fortalecimentos de participação das meninas nos diversos espaços nas políticas públicas, inclusive na política de juventude.

A gestão municipal do então Prefeito de Sobral Ivo Gomes tem em seu plano de governo como prioridade as políticas voltadas ao público juvenil. Na gestão de 2016-2020 o Município tinha como principal marca o Programa #OcupaJuventude, que direcionava diversas ações para os jovens de 14 a 29 anos. As ações eram amplas e diversificadas de

inclusão social dos jovens sobralenses. Cito aqui os 12 projetos lançados pela prefeitura de Sobral em 2018. Os projetos são: Estágio Municipal, Bolsa Atleta, Bolsa Universidade, Inova Sobral, Robótica Educativa, Sobral Empreendedor, Capacita Sobral, Qualifica Sobral, Sobral Profissionalizado, Jovem Guarda e Jovem Agentes Rurais. Além dos projetos já existentes como a Estação Juventude, foram ofertadas mais de 12 mil vagas.

É possível, entretanto, pensar que as políticas públicas de juventude devem ser compreendidas de forma a evidenciar necessidades dos e das jovens de maneira em que essas políticas estejam conectadas com a realidade das juventudes, sobretudo das juventudes que mais precisam. Penso que o caminho da construção de políticas juvenis seja: de/com /e para as juventudes, com a participação articulada com os diversos setores das juventudes, participação esta que deve ser tanto na elaboração, mobilização ou fiscalização das ações.

O Programa *#OcupaJuventude* como dito anteriormente é da recente gestão do então Prefeito Ivo Ferreira Gomes. Os 12 projetos apresentados são dos anos de 2018 a 2020. Nesse sentido aprofundaremos apenas o Programa Estação Juventude, que foi instituído através de uma política da Secretaria Nacional de Juventude no ano de 2013.

Foi sobretudo devido as pressões e lutas promovidas pelos movimentos e organizações juvenis, que o Poder Legislativo, em 2003, constituiu uma Comissão Especial de Políticas Públicas de Juventude. A mesma fez audiências públicas por todo o Brasil e realizou uma Conferência Nacional. Nesta caminhada criou-se uma proposta de emenda constitucional, um Plano Nacional de Juventude e uma proposta de Estatuto da Juventude.

Uma medida provisória foi mandada ao Congresso Nacional e o Governo Federal aprovou a lei nº 11.129, de 30 de junho de 2005 o Conselho Nacional de Juventude (CONJUVE), com caráter consultivo, cuja tarefa principal é fomentar estudos e propor diretrizes para a referida política, a Secretaria Nacional de Juventude, vinculada a Secretária-Geral da Presidência da República (SNJUV)³ e o Programa Nacional de Inclusão de Jovens – Projovem, que representou um novo patamar de políticas públicas voltadas para a juventude brasileira.

³ Cabe à Secretária Nacional de Juventude a tarefa de formular, coordenar, integrar e articular políticas públicas para a juventude, além de promover programas de cooperação com organismos nacionais e internacionais, públicos e privados, voltados para as políticas juvenis. Já o Conselho Nacional de Juventude é responsável por formular e propor diretrizes da ação governamental, voltadas para os jovens, bem como elaborar estudos e pesquisas sobre a realidade socioeconômica desse público. <http://www.juventude.gov.br/sobre-a-secretaria>

Para Malfitano & Barreiro (2017) muitas ações ocuparam a agenda pública do país nos últimos anos acerca da juventude brasileira. Entre elas podemos citar o Estatuto da Juventude, sancionado em 2013, que tem por objetivo instituir os direitos dos jovens e das jovens, por meio dos princípios e das diretrizes para as ações políticas nacionais com esta população.

A Secretaria Nacional de Juventude – SNJ explica que o Programa Estação Juventude, lançado em 2013, trata-se de uma estratégia que visa garantir, na prática, a autonomia e emancipação dos jovens, assim como mostrar ao Estado Brasileiro sobre a importância de reconhecer os direitos desse segmento. O Programa Estação Juventude nasce como uma política pública governamental prioritária para as juventudes, composto por espaços que se propõem a oferecer informações sobre programas e ações para os jovens, além de orientação, encaminhamento e apoio para que eles próprios tenham condição de construir suas trajetórias e buscar as melhores ferramentas para a sua formação.

Em 2013 Sobral inaugura a primeira Estação Juventude no bairro Tamarindo, por meio de cooperação entre governo federal e órgãos ou entes federados, sob forma de convênio com duração de dois anos. A segunda Estação Juventude inaugurada em 2014, no bairro Novo Recanto II, foi a primeira do Brasil mantida com recursos municipais. Em 2016 através de uma emenda parlamentar a terceira Estação Juventude foi inaugurada, desta vez no bairro Cohab I. Ainda em 2016 foi inaugurada a Estação Juventude no Residencial Nova Caiçara. Em 2017 mais dois equipamentos Estação Juventudes foram inauguradas, dessa vez na zona rural da cidade, nos distritos de Aracatiaçú e Taparuaba. Desde 2017 as Estações Juventude são gerenciadas pela Secretaria de Cultura, Juventude, Esporte e Lazer – SECJEL, mais especificamente na Coordenadoria de Juventude. Os espaços contam com profissionais de nível superior, entre eles, pedagogos, assistentes sociais e sociólogos, e nível médio, assistente administrativo, controladores, serviços gerais, além dos educadores sociais nas áreas de capoeira, ballet e dança.

Segundo dados da revista SECJEL, um instrumento de comunicação virtual que apresenta um apanhado do que aconteceu durante os dois anos de gestão no campo das políticas de cultura, de juventude, de esporte e lazer nos anos de 2017 e 2018, os dados revelam que a Estação Juventude fez mais 22.000 atendimentos aos jovens da sede e distritos de Sobral que, de maneira articulada, desenvolve estratégias de emancipação e direitos da juventude, desenvolvendo ações nas áreas da cultura, esporte, saúde, cidadania e formação. As atividades/ações desenvolvidas na estação podem ser contínuas, que acontecem periodicamente em um calendário mensal, presentes nos seis equipamentos e também

ações/atividades pontuais, que são aquelas planejadas para suprir demandas específicas de cada Estação: Estação Juventude Tamarindo: Oficina de circo, malabares, perna de pau e slackline, além de contar com uma estação dos games, que é uma estratégia de fomento da cultura geek e garante acesso ao lazer e entretenimentos aos jovens. Estação Juventude Cohab I: Oficina de dança, teatro, ballet e rima, e também conta com uma estação games. Estação Juventude Recanto: Oficina capoeira, Hip hop, dança e ballet. Estação Juventude Caiçara se encontra em reforma desde 2018: Oficina de dança, futebol e zumba. Estação Juventude Tapuruaba: Oficina de dança e futebol. Estação Juventude Aracatiaçu que divide o espaço com o Centro de Referência da Assistência Social - CRAS: Oficina de dança maracatu e conta com estação games.

Diante do relato acima buscaremos compreender como esses jovens participantes da Política Pública de Juventude, mais especificamente da Estação Juventude, percebem o futebol feminino, tendo em vista uma cultura machista que persiste em perpetuar na sociedade atual. No entanto, iremos explorar e discutir “Significados e sentidos do futebol feminino para as juventudes que participam da Estação Juventude em Sobral-Ce”, sobre uma perspectiva de ampliação dos conhecimentos e empoderamento dos jovens. O interesse maior desta investigação consiste em observar o que as juventudes da periferia pensam e falam sobre futebol feminino, gênero, saúde e participação.

3.2 Juventudes e o setor saúde se associam? Breve relato das políticas públicas de saúde e as juventudes no Brasil

Por isso cuidado meu bem há perigo na esquina, eles venceram e o sinal está fechado pra nós que somos jovens (BELCHIOR, 1976).

O referido estudo mais uma vez traz a discussão que estamos renunciando ao conceito de adolescência, o endosso se faz importante para o que venho problematizar. Nossa proposta é ousada e necessária nessa pesquisa de Mestrado ora proposta. Muitas são as inquietações acerca das percepções e sentidos sobre Políticas Públicas para as juventudes e o setor saúde.

Para Neto (2020) a saúde não se limita ao estudo dos órgãos e do bom funcionamento do corpo biológico, a saúde se manifesta nas relações subjetivas, no respeito às diferenças, nas formas de alteridade e empoderamento. A saúde está na Sociologia, na Filosofia, na Psicologia, nas Artes, na rua, nas periferias e nos lugares onde os sujeitos podem se reinventar, pois saúde não se restringe a uma epidemiologia numérica, mas sim a diversos

tipos de olhares ampliados que buscam compreender o ser humano holisticamente e não apenas a doença.

A construção histórica do SUS esteve intimamente ligada à construção da democracia e pela justiça social. Tal construção teve como protagonista o Movimento Sanitário, o que traz no bojo um conjunto de discursos e práticas do campo saúde, que apontam, dentre outras coisas, para a necessidade de uma mudança social das condições de desigualdade que afetam o país. (NEPOMUCENO, 2009). O autor afirma que as proposições e atuações desenvolvidas historicamente pelo Movimento Sanitário, para a construção do SUS, põem em relevância a participação social na construção de uma concepção democrática de sociedade.

Nessa perspectiva podemos dizer que a Atenção Básica surge nesse contexto com o objetivo de materializar a promoção da saúde no local mais próximo das pessoas, das suas dinâmicas territoriais, possibilitando processos de participação social, contribuindo para a construção de uma cultura democrática que valorize e estimule a autonomia dos atores no processo saúde-doença-cuidado.

Para Dias & Silva (2021) relata que a Estratégia Saúde da Família (ESF) é tida como uma importante ferramenta para a expansão e fortalecimento da atenção básica, tendo como orientação principal vincular a peculiaridade e inserção sociocultural das pessoas, com a relevante missão de alterar o processo de trabalho focado na doença e no indivíduo para processos sociais mais coletivos, na busca por produzir atenção integral e práticas de saúde singularizada, em que a família, a comunidade e outras formas de coletividades são consideradas elementos essenciais, condicionantes e determinantes no cuidado.

O trabalho cotidiano das equipes de ESF busca a resolução das demandas e queixas da população adstrita. Seu foco de atenção e cuidado está centrado nas famílias e coletividades, visando à prevenção e à promoção da saúde, além do atendimento clínico. O nível de resolutividade da ESF está intimamente relacionado ao acolhimento e vínculo na relação entre o profissional e usuário (LENZ et al., 2021, p. 3)

Partimos então para compreender de que forma as juventudes foram ou são atendidas pela Política Nacional de Saúde. Nesse aspecto evidenciam-se que as juventudes vêm protagonizando múltiplas situações de negação de direito, ao observar a violência e suas inúmeras formas de expressão que, cada vez mais, se torna um fenômeno social que preocupa e tem chamado à atenção do governo e populações, uma vez que várias atitudes e comportamentos passaram a ser considerados como formas de violência. Devido à generalização do fenômeno da violência não existem mais grupos sociais protegidos, e vem se

apresentando cada vez mais como um problema de saúde pública, apesar de perceber que ainda existe um entrave com relação à discussão da temática violência cometida o sofrida pelas juventudes no setor saúde, dificuldade esta que pode residir no fato do modelo de saúde tradicional está sujeito a um referencial hospitalocêntrico e biomédico de cuidado dos agravos físicos e emocionais, onde a saúde significava apenas ausência de doença.

As ações próprias dos sistemas de saúde precisam estar articuladas, sem dúvida, a outros setores disciplinares e de políticas governamentais responsáveis pelos espaços físico, social e simbólico. Essa relação entre intersetorialidade e especificidade é, não obstante, um campo problemático e deve ser tratada com cuidado, pois sustenta uma tensão entre a demarcação dos limites da competência específica das ações no campo da saúde e a abertura exigida à integração com outras múltiplas dimensões. Se a especificidade não é disciplinar, ela deve constituir-se a partir da delimitação de problemas, possibilitando a implementação de práticas efetivas. (CZERESNIA, 2003, p. 46)

Sabe-se que os homicídios representam a principal causa da morte de jovens de 15 a 29 anos no Brasil. Dados do Ministério da Saúde apontam que mais da metade (53,3%) dos quais 49.932 mortos por homicídios no país eram jovens (BRASIL, 2012). Minayo e Sousa (1998) mostram que a violência é um fenômeno histórico, quantitativo e qualitativo, seja qual for o ângulo pelo qual o examinamos (conteúdo, estrutura, tipos e formas de manifestação). Só pode ser entendida nos marcos das relações socioeconômicas, políticas e culturais específicas, cabendo diferenciá-la, no tempo e no espaço, e por tipos de autor, vítima, local e tecnologia.

Em decorrência desse quadro sobre violência e violação de direitos, em particular a violência juvenil enfrentada por este grupo populacional e a relação desta temática com a saúde, compreendendo mais uma vez que a saúde deve ser vista de forma ampliada que agregue principalmente as condições de vida dos sujeitos, acreditando que juventudes e saúde parecem estar cada vez mais associado é que trago no pensamento da autora quando diz que “Pesquisar os jovens a partir de suas culturas, tendo o cotidiano como espaço e método de pesquisa, é fulcral para a compreensão de como as questões de saúde e riscos se corporificam na realidade desses sujeitos”. (LIMA, 2017, p. 9). Nesse sentido é necessária uma mudança no campo da Saúde Pública, parto da premissa de que as práticas em saúde de fato se conecte com a realidade do público jovem das periferias de Sobral, a saúde não pode ser entendida como mercadoria. A saúde deve ser compreendida como um mecanismo mais amplo de assistência, em que as manifestações de todas as enfermidades humanas sejam estudadas e tratadas nessa perspectiva abrangente, isto é, de uma assistência holística da saúde (CARPA, 2006).

Gastão Campos pensando no contexto de formação histórica do SUS, pontua que os desafios ainda são grandes para a efetivação da saúde no país. O autor diz que,

Por meio da corrupção, do corporativismo, do clientelismo, de programas iníquos, de vários modos, as elites têm dificultado a efetiva distribuição de renda no país. A gestão participativa, a co-gestão do SUS, ainda é uma potência pouco explorada, parece que a sociedade civil e os trabalhadores têm dificuldade para ocupar este espaço de co-gestão legalmente construído [...] O SUS não parece haver ganhado o ‘coração e mentes’ dos brasileiros, nem para desejar-lo e defendê-lo com paixão, ou tampouco para combatê-lo com ódio (CAMPOS, 2007, p. 1873).

Olhando por esse prisma, podemos perceber o grande desafio que é lutar pela mudança do modelo biomédico hegemônico, construir uma práxis sanitária mais próxima da realidade, capaz de comprometer-se socialmente e vincula-se na busca de dar respostas efetivas as necessidades principais da população. Merhy (1999, p. 307) afirma que:

Qualquer abordagem assistencial de um trabalhador de saúde junto a um usuário-paciente, produz-se através de um trabalho vivo em ato, em um processo de relações, isto é, há um encontro entre duas “pessoas”, que atuam uma sobre a outra, e no qual opera um jogo de expectativas e produções, criando-se intersubjetivamente alguns momentos interessantes, como os seguintes: momentos de falas, escutas e interpretações, no qual há a produção de uma acolhida ou não das intenções que estas pessoas colocam neste encontro; momentos de cumplicidades, nos quais há a produção de uma responsabilização em torno do problema que vai ser enfrentado; momentos de confiabilidade e esperança, nos quais se produzem relações de vínculo e aceitação.

A partir desse contexto, penso que urge a realização de um trabalho voltado às condições sociais determinantes da saúde, que busque identificar e trabalhar junto com as juventudes as suas principais necessidades. Embora tenha havido grande avanço com esse novo sistema, ainda há inúmeros desafios a serem enfrentados, por exemplo, em relação à implementação de ações em saúde sistematizadas para os jovens e adolescentes, o que, muitas vezes, envolve o atendimento por simples demanda sem levar em consideração as suas individualidades (HIARASHI et al., 2011).

Dados nos mostram que os jovens pouco utilizam os serviços de saúde e, quando o faz, possui características diferentes do restante da população. O setor saúde dos jovens tem sido historicamente construída em aspectos da não saúde e sustentada no referencial de adolescência, entendida como sinônimo de juventude, focando as ações a partir da lógica das mudanças físicas, psicológicas e do risco atrelado às representações do discurso “formativo e curativo, orientados por uma abordagem biológica ligada à puberdade, à gravidez, às infecções sexualmente transmissíveis, uso de drogas e à prevenção de agravos (HORTA, 2011).

Uma barreira que parece dificultar o acesso e utilização dos serviços de saúde pelos jovens é a falta de vínculos e confiança com os profissionais, por já conhecê-los na comunidade, curiosamente isso deveria ser o contrário, no entanto não acontece com esse segmento. O hábito de procurar ou não serviços de saúde em casos de necessidades pode estar relacionado tanto aos fatores culturais quanto às dificuldades para o acesso aos serviços. De acordo com o Caderno de Saúde Integral de Adolescentes e Jovens: Orientações para a Organização de Serviços de Saúde (2007), existe a necessidade de sensibilizar os profissionais da saúde para atender essa parcela da população, além da urgência em qualificação dos profissionais.

Outro aspecto a se observar é a errônea ideia de se ter adolescência e juventudes como sinônimo, o setor saúde, destina sua maior parte das ações a crianças e jovens entre 10 e 19 anos. Um pequeno, mas importante passo foi a menção ao Estatuto da Juventude feito pelo caderno Proteger e Cuidar da Saúde de Adolescentes na Atenção Básica (2017), no referido documento o Ministério da Saúde, enfatiza que reconhece a definição da Organização Mundial da Saúde (OMS), que caracteriza o adolescente com idade entre 10 e 19 anos e juventude a população de 15 a 24 anos. No mesmo texto o caderno menciona a lei de nº 12.852, de 5 de agosto de 2013 que define juventudes jovens de 15 a 29 anos (BRASIL, 2017).

Dentre as ações da Política Nacional de Atenção à Saúde de Adolescentes e do jovem, encontra-se a caderneta do adolescente, que segundo dados do Ministério da Saúde a caderneta foi criada para: monitorar o desenvolvimento e a saúde da população de 10 a 19 anos; facilitar as ações educativas para este público. A caderneta é dividida em 03 grandes eixos são eles: prevenção, promoção e atenção, há dois formatos do material, um para meninas e outro para meninos. O podemos analisar da caderneta do adolescente é que além da superficialidade, o material ficou longe se conectar com as diversas formas de entender e lidar com as juventudes.

Outro Programa que vem sendo desenvolvido desde 2007 é o Programa Saúde na Escola (PSE), que é desenvolvido intersetorialmente pelos Ministérios da Saúde e da Educação. O principal objetivo do PSE é desenvolver ações de promoção da saúde articuladas entre os setores da saúde e da educação, visando o cuidado, educação e a melhoria da saúde do público escolar. A base do PSE é a articulação entre Escola e Rede Básica de Saúde (BRASIL, 2021)

Foram essas estratégias que consegui encontrar em relação a atuação do setor saúde com uma parcela das juventudes. Segundo Castro e Aquino (2008, p. 15) ao se planejar

políticas para juventude a reconhecemos como etapa genuína do ciclo da vida, o que tem um papel decisivo na conformação de um novo contexto ideológico, em que emerge a compreensão dos jovens como sujeitos de direitos, “definidos não mais por suas incompletudes ou desvios, mas por suas especificidades e necessidades, que passam a ser reconhecidas no espaço público como demandas cidadãs legítimas”.

Em Sobral - CE as políticas públicas de saúde voltados para as juventudes giram em torno do projeto Programa Saúde na Escola e do projeto Flor do Mandacaru, o projeto Flor nasceu em 2008 com base no elevado índice de gravidez na adolescência, o Flor do Mandacaru faz parte da estratégia trevo de quatro folhas e mais uma vez os atendimentos são para adolescentes de 10 a 19 anos, os atendimentos nas áreas de medicina, enfermagem e psicologia. O projeto saúde na escola também atende adolescentes de Sobral com as demandas das escolas municipais, no entanto os jovens do ensino médio não se têm conhecimento de ações específicas na área da saúde. Relatos dos diretores da estação juventude, existe uma parceria da SECJEL com a liga acadêmica em saúde, a liga são entidades estudantis sob orientação de um professor, desenvolvem atividades em equipamentos públicos. Os estudantes da área da saúde ministram atividades com os jovens com diversos temas sobre saúde, mas segundo os diretores com pouca periodicidade.

No entanto, os programas e projetos voltados a esse público se reduzem em ações fragmentadas e focalizadas, cabem novamente refletir de que forma a saúde vêm contribuindo para a emancipação e autonomia das juventudes? O sentimento que tenho, traduzo na letra de Renato Russo quando em sua canção o cantor diz “A juventude está sozinha, não há ninguém para ajudar, a explicar por que é que o mundo é este desastre que aí está”.

A situação se complexifica quando o próprio Ministério da Saúde aponta um aumento de 10% na taxa de mortalidade por suicídio no Brasil entre adolescentes de 15 a 19 anos entre 2011 e 2017. E cresceu 24% nas capitais e grandes cidades entre 2006 e 2015 nessa mesma faixa etária, de acordo com pesquisadores da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). A Organização Mundial da Saúde (OMS), relata que o suicídio foi a segunda maior causa de morte de adolescentes e jovens de 15 a 29 anos no mundo em 2016, e a terceira maior na faixa de 15 a 19 anos.

Nesse caminho o que se espera dos gestores, profissionais e sociedade é um cenário que pretenda desconstruir a cultura da violência, principalmente contra as juventudes negras, com urgência implementação de políticas que atendam às necessidades específicas dos jovens no setor saúde.

Entendemos que a saúde do jovem e tem representado um desafio para os profissionais de saúde que se dedicam a este grupo populacional, é preciso buscar uma metodologia de atuação interdisciplinar e multiprofissional por meio de programas de atenção integral. É necessário inovar frente à prática médica vigente, já que até este momento a atenção se dava de forma tradicional, restringindo-se a oferecer tratamento aos pacientes a partir dos sintomas relatados. Essa nova metodologia de atuação interdisciplinar deve promover uma mudança significativa na vida das juventudes. Deste modo, torna-se necessário e urgente a compreensão de uma mudança na forma de cuidado com o usuário, visando a uma atenção que promova, realmente, uma melhoria na saúde da população jovem.

3.3 Sexualidade e Gênero: Lugar de mulher é onde ela quiser

Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade: é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam o feminino (BEAUVOIR, 2009)

Partindo da compreensão de que relações de gênero são construções históricas e sociais, apresentadas por desigualdades do papel do homem e da mulher, percebe-se com clareza que essas diferenças sexuais variam de acordo com momentos culturais distintos. A igualdade de gênero busca reconhecer necessidades e prioridades diferentes entre os sexos e lhes assegurar iguais condições de realizar seus direitos humanos e de participar da vida em sociedade.

Para Louro (2008) a construção do gênero e da sexualidade ocorrem ao longo de toda uma vida, infinitamente, a autora destaca que gênero e sexualidade é um assunto inacabado e que instituições como, escola, família e igreja são essenciais na construção do processo. “A construção dos gêneros e das sexualidades dá-se através de inúmeras aprendizagens e práticas, insinua-se nas mais distintas situações, é empreendida de modo explícito ou dissimulado por um conjunto inesgotável de instâncias sociais e culturais”.

Santos e Oliveira (2010) analisam que a categoria gênero deve contribuir para desnaturalizar e historizar as desigualdades vivenciadas entre homens e mulheres, sendo compreendida tanto histórico, como relacional, desmistificando a errônea ideia que são decorrentes de traços inerentes aos distintos seres. As autoras esclarecem que não devem deixar de identificar “os diferentes poderes detidos e sofridos por homens e mulheres”

Ainda sobre gênero Álvaro (2013) dar preferência a adoção do conceito de relações sociais de sexo, segundo a autora esse conceito aumenta o fato que as relações entre homens e mulheres constituem uma relação social, ao passo que o gênero diz mais da

categorização do sexo. A autora reflete sobre as mulheres e as possibilidades de enfiamento ao capital, quando diz que:

Assim como o capitalismo fornece as condições materiais para eliminar a escassez com o desenvolvimento de suas forças produtivas, embora, contraditoriamente tenha ampliado a miséria, também possibilitou materialmente as condições para a libertação da mulher. Por exemplo, hoje seria possível pensarmos em uma sociedade em que o trabalho doméstico não fosse algo que aprisionasse e tomasse tanto o tempo das mulheres, mas no capitalismo, a família, fundamentalmente, segue sendo responsável pela reprodução da força de trabalho. Mais precisamente, o trabalho feminino cumpre essa responsabilidade, ainda a mulher não pertença à família que demanda o seu trabalho. Ou seja, há situações que mulheres são contratadas para a realização do trabalho doméstico, geralmente, sendo muito mal remuneradas por isso (2013, p. 89).

Dessa forma, coube as mulheres a função de cuidar dos filhos, da casa, dos pais e do marido, tornar-se responsável pela manutenção da ordem e do lar (SANTOS E OLIVEIRA, 2010), do mesmo modo as mulheres reproduzem esses feitos na esfera dos espaços públicos, se mantendo como conciliadora de conflitos.

Os discursos e naturalização de que a mulher representa uma beleza e uma fragilidade acaba por reforçar a privação da participação das meninas em alguns espaços, inclusive em modalidades esportivas predominantemente masculinas, como é o caso do futebol. A construção social sexuada que contribui significativamente para interiorização das mulheres, limitando e as reduzindo a serviços do lar e do cuidar (SANTOS E OLIVEIRA, 2010). Nesse contexto é fundamental a ampliação de políticas afirmativas de oferta de serviços e atividades, bem como ampliação do protagonismo juvenil e emancipação dos e das jovens, na busca de uma perspectiva transversal para as políticas públicas municipais como saúde, esporte, educação e cultura.

As restrições de oportunidades vivenciadas pelas mulheres no âmbito doméstico e social são fenômenos ainda bloqueados pelo silêncio e preconceito embutidos na sociedade. Muito claramente, observa-se uma naturalização das práticas discriminatórias cotidianas impostas pela lógica do poder. Por se tratar de indignação e inquietação histórica na divisão desigual de poder entre mulheres e homens, é de se esperar políticas públicas em favor de uma maior inclusão das mulheres jovens e da construção de sua autonomia. Assim, provocando ações de autonomia da mulher que incluam a proteção e a atenção integral, considerando, sobretudo, a presença e influência de elementos subjetivos em sua relação com o mundo, com a sociedade, com a família e consigo mesma, tais fatores podem proporcionar empoderamento e protagonismo feminino no enfrentamento das adversidades vivenciadas.

Swain (2014) em seu artigo “Por falar em liberdade” apresenta os aportes teóricos e movimentos que levam as reivindicações das mulheres por igualdade, cidadania e participação na construção política da sociedade. Tania (2014) afirma que o movimento feminista vem crescendo no Brasil, mas na contramão a ele também vem crescendo a propagação de violência masculina e da manifestação de grupos que tentam frear, calar, domesticar as mulheres que escapam às teias do poder patriarcal, pois é a perda de poder sobre as mulheres que assombra o patriarcado. Segundo ela:

Nenhuma reivindicação de igualdade subsiste se não é acompanhada de liberdade. Liberdade não apenas material, que hoje nos países ocidentais é assegurada pelas leis, mas a liberdade que supõe uma modificação estrutural da produção do sujeito “mulheres”, de seu próprio devir, transformador de seu meio social. Sujeitos de linguagem, de ação, de invenção de si mesmas, eixo de criação de novas imagens e representações sociais do humano, estes são os caminhos da liberdade, pois não há liberdade fora de práticas de liberdade (SWAIN, 2014 p. 36).

O economista Amartya Sen (2010) em seu conceito de liberdade acerca do processo de desenvolvimento define que o principal desafio à globalização está na desigualdade representada pelas disparidades de riqueza, poder e oportunidades políticas, sociais e econômicas. O autor sustenta que a questão da globalização não é somente se os pobres ganham alguma coisa com ela, mas se nela eles participam igualmente e dela recebem oportunidades justas:

Pode-se dizer que nada atualmente é tão importante na economia política do desenvolvimento quanto um reconhecimento adequado da participação e da liderança política, econômica e social das mulheres. Esse é, de fato, um aspecto crucial do “desenvolvimento como liberdade” (SEN, 2010, p. 263).

Em 2015 as temáticas das questões de gênero e relações de poder ganharam relevância no cenário brasileiro, tanto para os movimentos sociais, quanto para a sociedade em geral. Os mais de 8,5 milhões de candidatos do Exame Nacional do Ensino Médio, o Enem (2015,) se depararam com o seguinte tema na prova de redação: “A persistência da violência contra a mulher na sociedade brasileira”. O Enem convocou milhões de estudantes para discutirem uma questão social pertinente como a violência contra a mulher. Outro aspecto a destacar foi a citação da escritora francesa Simone de Beauvoir, “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam o feminino”. Desse modo percebeu-se a extrema importância de colocar tais situações para reflexão de milhares de estudantes de todo país, o que ocasionou críticas, elogios e debates sobre a condição da

mulher na atualidade. De qualquer forma os candidatos seriam obrigados a citar a lei Maria da Penha ou qualquer outro texto ou lei que trate da relevância do tema.

Ainda em 2015 diversas campanhas nas redes sociais foram utilizadas para dar uma resposta aos inúmeros casos de desrespeito e ofensas vivenciadas diariamente por mulheres de todo mundo. As campanhas nas redes sociais realizadas por alguns coletivos de mulheres reagiram ao machismo patriarcal hegemônico. As campanhas foram *#partocomrespeito*, *#primeiroassedio*, *#meuamigosecreto* e *#lutecomoumawmulher*. As *hashtags* se tornaram aliadas no que diz respeito aos abusos machistas. A discussão feminista chega aos cinemas do mundo inteiro com o filme britânico “as sufragistas”. O corajoso filme da diretora feminista Sarah Gravon mostra com ineditismo a luta das mulheres pelo direito ao voto.

As autoras Pinsky e Pedro (2012) abordam assuntos do século XX e XXI que compõem algumas questões pouco discutidas relacionadas às conquistas política, sociais e econômicas femininas. No que diz respeito ao trabalho, escola e lazer, Fávero (2012) mostra como foram formadas as normas morais e de comportamentos para meninas e jovens mulheres, numa conjuntura de desigualdades que desencadeou até o século XX. A divisão sexual do trabalho, brincadeiras de crianças, socialização dos papéis para homens e mulheres, casamento, esses e outros assuntos foram conversados por setores da medicina, psicologia e pedagogia. A autora descreve a emergência de leis, como o Estatuto da Criança e do Adolescente. Ela insiste em revelar suas preocupações com as definições que a Psicologia e, sobretudo, o ponto de vista jurídico passaram a compreender acerca da adolescência e, em especial, o conceito que se dá à experiência de “ser menina”.

Louro (2000) discute sexualidade e a vivência dos corpos em uma perspectiva mais ampliada, a autora explica que a sexualidade é algo com uma dimensão bem maior do que apenas dizer ser natural das mulheres e dos homens, a sexualidade precisa ser compreendida pela sua dimensão social e política. Concordamos com a autora, quando diz que a sexualidade envolve rituais, linguagens, fantasias, representações e símbolos, confirmando que a sexualidade não é simplesmente natural e que os corpos ganham sentido naturalmente. Para a autora “as identidades de gênero e sexuais são, portanto, compostas e definidas por relações sociais, elas são moldadas pelas redes de poder de uma sociedade”.

O corpo, afirmar Louro (2000), vai se alterando com o passar do tempo, com as consequências de doenças, com diversas formas se sentir prazer, com as intervenções medicas mudanças de hábitos alimentares e de vida. São alterações cotidianas que todos passam, por isso o corpo é também um ambiente que se constrói.

Nos anais da 3ª Conferência Nacional de Políticas para as Mulheres: autonomia e igualdade para as mulheres (2013, p 14) a Diretora Executiva da ONU Mulheres – Entidade das Nações Unidas para o Empoderamento das Mulheres, Michelle Bachelet, afirmou que dentre as tarefas da ONU Mulheres foram definidas cinco áreas prioritárias de trabalho para os próximos anos:

O enfrentamento da violência contra a mulher; o aumento da autonomia econômica feminina; a promoção de lideranças de mulheres em todas as áreas; o aumento da participação de mulheres em processos de paz em países em conflito ou períodos de transição; a colaboração com os governos em programas com perspectiva de gênero, através do fortalecimento de grupos de mulheres que lutam todos os dias por igualdade de direito e de oportunidades. (CONFERÊNCIA NACIONAL DE POLÍTICAS PARA AS MULHERES, 2013, p.14).

As lutas por reconhecimento, igualdade de direito e a liberdade de se expressar entre homens e mulheres são iguais assim como é previsto no Art. 5º da Constituição Federal (1988) “Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes”. Muito já foi feito, como luta e resistência, no entanto faz-se necessário entender e pensar políticas públicas que garantam o cumprimento da lei, entendida como um componente estratégico para a transformação social, devendo estar articulada com as lutas e resistência das mulheres contra a opressão e a misoginia. A resistência e a luta fazem necessárias nesse cenário desigual e opressor como é o caso do Brasil. É preciso evitar as armadilhas da redução dos direitos já conquistados e ampliar os espaços de discussão e mobilização de forma crítica, democrática e participativa.

3.4 Conhecendo as Políticas Públicas para o público feminino

Que um homem não te define, sua casa não te define, sua carne não te define, você é seu próprio lar. Eu não me vejo na palavra fêmea, alvo de caça conformada vítima. Prefiro queimar o mapa, traçar de novo a estrada, ver cores nas cinzas e a vida reinventar (FRANCISCO EL HOMBRE, 2016).

Foram, sobretudo através da luta das mulheres por igualdade que resultou na criação da Secretaria de Políticas para as Mulheres da Presidência da República (SPM-PR) que tem como principal objetivo promover a igualdade entre homens e mulheres e combater todas as formas de preconceito e discriminação herdadas de uma sociedade patriarcal e excludente. Desde a sua criação em 2003, pelo então Presidente Lula, a SPM vem lutando para a construção de um Brasil mais justo, igualitário e democrático, por meio da valorização

da mulher e de sua inclusão no processo de desenvolvimento social, econômico, político e cultural do País.

A atuação da SPM desdobra-se em três linhas principais de ação: (a) Políticas do Trabalho e da Autonomia Econômica das Mulheres; (b) Enfrentamento à Violência contra as Mulheres; e (c) Programas e Ações nas áreas de Saúde, Educação, Cultura, Participação Política, Igualdade de Gênero e Diversidade. A estrutura básica da SPM é composta pelo Conselho Nacional dos Direitos da Mulher (órgão colegiado), o Gabinete da Ministra de Estado Chefe, a Secretaria-Executiva e de três outras Secretarias.

Podemos, portanto apresentar alguns projetos e programas criados pelo Governo Federal nos últimos anos, depois da criação da Secretaria e do Conselho Nacional de Mulheres. O Ministério da Saúde criou em 1983 o Programa “Assistência Integral à saúde da Mulher: bases de ação programática” (PAISM) que teve um papel fundamental na construção de políticas públicas para mulheres, pois influenciou no âmbito do Governo Federal e este por sua vez, se posicionou e defendeu o livre arbítrio das pessoas e das famílias brasileiras em relação a quando, quantos e qual o espaçamento entre os/as filhos/as.

O PAISM, enquanto diretriz filosófica e política, incorporou também, princípios norteadores da reforma sanitária, a ideia de descentralização, hierarquização, regionalização, equidade na atenção, bem como de participação social. Além disso, propôs formas mais simétricas de relacionamento entre os profissionais de saúde e as mulheres, apontando para a apropriação, autonomia e maior controle sobre a saúde, o corpo e a vida. Assistência, em todas as fases da vida, clínico ginecológica, no campo da reprodução (planejamento reprodutivo, gestação, parto e puerpério) como nos casos de doenças crônicas ou agudas. O conceito de assistência reconhece o cuidado médico e de toda a equipe de saúde com alto valor às práticas educativas, entendidas como estratégia para a capacidade crítica e a autonomia das mulheres (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2013).

Em maio de 2004 o Ministério da Saúde lançou a Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Mulher - Princípios e Diretrizes, construída a partir da proposição do SUS e respeitando as características da nova política de saúde. Em seguida, a área técnica buscou a parceria dos diferentes departamentos, coordenações e comissões do Ministério da Saúde. Incorporou as contribuições do movimento de mulheres, do movimento de mulheres negras e de trabalhadoras rurais, sociedades científicas, pesquisadores e estudiosos da área, organizações não governamentais, gestores do SUS e agências de cooperação internacional. Por fim, submeteu a referida Política à apreciação da Comissão Intersetorial da Mulher, do Conselho Nacional de Saúde.

Foram iniciativas como essas que fortaleceram e deram o impulso necessário para a promulgação da Lei Maria da Penha de nº 11.340 de 2006, a lei representa uma grande conquista dos movimentos feministas em busca da erradicação, prevenção e punição da violência contra a mulher. Ela é o resultado de muitos anos de luta para que as mulheres brasileiras pudessem dispor de um instrumento legal próprio que assegurasse seus direitos e para que o Estado brasileiro passasse a enxergar a violência doméstica e familiar contra a mulher. Em suma, a Lei Maria da Penha reconhece a obrigação do Estado em garantir a segurança das mulheres nos espaços público e privado, ao definir as linhas de uma política de prevenção e atenção no enfrentamento à violência doméstica e familiar contra a mulher. Delimita, ademais, o atendimento às mulheres vítimas de violência doméstica e familiar e inverte a lógica da hierarquia de poder em nossa sociedade, de modo a privilegiar as mulheres e dotá-las de maior cidadania e conscientização dos reconhecidos recursos para agir e se posicionar, no âmbito familiar e social, garantindo-lhes sua emancipação e autonomia. (SPM, 2011).

Em 13 de março de 2013 a Presidenta Dilma Rousseff lança O Programa “Mulher, Viver sem Violência”, com o objetivo de integrar e ampliar os serviços públicos existentes voltados às mulheres em situação de violência, mediante a articulação dos atendimentos especializados no âmbito da saúde, da justiça, da segurança pública, da rede socioassistencial e da promoção da autonomia financeira. A iniciativa foi transformada em Programa de Governo por meio do Decreto nº. 8.086, de 30 de agosto de 2013. Sob a responsabilidade da Secretaria de Políticas para as Mulheres, em conjunto com os Ministérios da Justiça, da Saúde, do Desenvolvimento Social e Combate à Fome e do Trabalho e Emprego.

Dados da Secretaria de Políticas para Mulheres entre 2013 e 2014, 26 unidades da federação (com exceção de Pernambuco) aderiram ao Programa Mulher: Viver sem Violência, das quais 18 assinaram o termo de adesão por meio de ato público. O Programa está estruturado nos seguintes eixos.

Implementação da Casa da Mulher Brasileira; Ampliação da Central de Atendimento à Mulher – Ligue 180; Organização e humanização do atendimento às vítimas de violência sexual; Implantação e Manutenção dos Centros de Atendimento às Mulheres nas regiões de fronteira seca; Campanhas continuadas de conscientização; Unidades Móveis para atendimento a mulheres em situação de violência no campo e na floresta (SPM 2016).

Ainda o Ministério da Saúde lança em 2013 o caderno de Orientações Básicas de Atenção Integral à Saúde do Adolescente. Nas orientações o Ministério indica que as equipes de saúde da família devem desenvolver ações de atenção primária e organizar a rede de saúde

do seu território, como também promover articulações intersetoriais, firmando parcerias e corresponsabilidades para a realização, administração e avaliação de ações destinadas à prevenção de agravos, promoção e assistência à saúde de adolescentes e jovens. Sendo assim, propõem-se as seguintes orientações básicas:

É competência da rede de atenção básica, especialmente da Estratégia Saúde da Família:

Participar e/ou desenvolver ações de promoção de saúde nos territórios, articulando e potencializando os diversos espaços e equipamentos comunitários, especialmente a escola; Articular canais junto à população adolescente que facilitem a sua expressão e o reconhecimento de suas potencialidades por meio de atividades artísticas, esportivas e culturais, rádio ou jornal comunitário, campeonatos, gincanas, grupos de voluntários, palanque da cidadania, olimpíadas desportivas ou intelectuais; Articular ações intra e intersetoriais fortalecendo uma intervenção mais coletiva, capaz de promover o desenvolvimento saudável de adolescentes e favorecer ambientes protetores; Participar e/ou desenvolver ações de incentivo à participação juvenil, fortalecendo o protagonismo juvenil, identificando e valorizando lideranças estudantis e juvenis da comunidade para participarem na solução de problemas que impactam efetivamente a saúde pública, no âmbito de suas comunidades, e na promoção da educação em saúde entre pares para uma melhor qualidade de vida; Articular parcerias e desenvolver ações de educação em saúde que valorizem a alimentação saudável, a prática de atividades de lazer, de esportes e culturais favorecendo hábitos saudáveis; Articular parcerias e promover, junto às famílias, atividades de educação e saúde relacionadas ao crescimento e desenvolvimento de adolescentes, à saúde sexual e à saúde reprodutiva, à prevenção de violências e acidentes, à promoção da cultura de paz, à redução do uso abusivo de álcool e outras drogas, dando ênfase ao diálogo familiar como estratégia fundamental na melhoria das relações afetivas entre pais, responsáveis e filhos e favorecendo comportamentos, hábitos e ambientes seguros e saudáveis para adolescentes; Realizar a vigilância à saúde no desenvolvimento de adolescentes e jovens identificando fatores de risco e de proteção às doenças e agravos, identificando as desarmonias do crescimento, os distúrbios nutricionais e comportamentais, as incapacidades funcionais, as doenças crônicas e a cobertura vacinal, o uso abusivo de álcool e outras drogas e a exposição às violências e aos acidentes, encaminhando o adolescente, quando necessário, para os serviços de referência e para a rede de proteção social; Desenvolver ações educativas relacionadas à saúde sexual e saúde reprodutiva baseadas nas demandas e necessidades trazidas pelos adolescentes criando ambientes participativos de discussões em grupo que favoreçam o exercício das relações afetivas e fortaleçam o autoconhecimento, o autocuidado e o cuidado com o outro para tomadas de decisões esclarecidas e responsáveis; Articular parcerias e desenvolver estratégias sistemáticas de busca ativa de adolescentes grávidas no território acolhendo-as e realizando atendimento pré-natal considerando as especificidades e necessidades deste grupo etário, envolvendo os parceiros e os familiares no atendimento (CADERNO DE ORIENTAÇÕES BÁSICAS DE ATENÇÃO À SAÚDE DE ADOLESCENTE, 2013, p 10).

Atualmente a Secretaria Nacional de Políticas para Mulheres – SNPM está vinculada ao Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos – MMFDH. A Secretaria passou a fazer parte da estrutura organizacional do Ministério através do decreto nº 9.417, de 20 de junho de 2018.

Em pesquisas no site do Governo Federal encontramos ações e programas coordenados pela SNPM, entre eles o Plano Nacional de Enfretamento a Femicídio – PNEF que faz parte de um conjunto de ações e metas que pretende implementar políticas públicas integradas e articuladas em todo território nacional. (SNPM, 2021). Uma iniciativa importante, mas que de fato não tem sido feito concretamente para tal enfrentamento, o que vimos foi aprovação do comitê intersetorial do plano e nada mais foi constatado de relevante para apresentarmos nessa dissertação.

Apresentado as ações, programas e projetos criados pelo governo, entendemos que é preciso avançar na perspectiva de promoção da saúde, principalmente no desenvolvimento de ações preventivas. Nesse sentido há a necessidade de se ir além não se tratando apenas de radicalizar com as práticas focalizadoras das políticas públicas, mas entender que construir políticas para as mulheres, tem que ser com a participação articulada com os diversos setores da sociedade, inclusive das juventudes, participação esta que deve ser tanto na elaboração, mobilização ou fiscalização. Nessa luta temos que atuar na perspectiva da promoção da saúde a partir do respeito e considerar o desenvolvimento da autonomia da mulher.

3.5 As minas no País do Futebol: A era do futebol feminino

Eu sei, a partir da minha experiência de vida, que o esporte é uma ferramenta fantástica para o empoderamento (MARTA VIEIRA, 2019).

O futebol feminino é a modalidade do futebol praticado com equipes compostas somente por mulheres. Apesar da prática do esporte ser de predominância com homens, muitos países têm equipes profissionais e não profissionais de mulheres, sendo um esporte também praticado por mulheres. As regras são as mesmas do futebol masculino. O futebol é o esporte mais popular no mundo, sendo praticado por homens e mulheres de diferentes nacionalidades. De acordo com a FIFA, existem mais de 265 milhões de jogadores no mundo, sendo que as mulheres representam apenas 30 milhões desse total (BARREIRA, 2018).

Furlan e Santos (2018) nos lembra que o futebol é um dos esportes mais popular do planeta e a capo do mundo é um dos eventos mais lucrativos e reconhecidos em rede internacional, no entanto, a autora enfatiza que:

Não há dúvidas que continua sendo um evento predominantemente masculino, em que os principais agentes são homens – os jogadores, o juiz, os técnicos – ou homens estão ali em maioria – os jornalistas e os espectadores no estádio (FURLAN E SANTOS, 2008. p 35)

Segundo a FIFA, a primeira partida oficial entre mulheres foi disputada no dia 23 de março de 1885, em Crouch End, Londres, Inglaterra. Os dois times foram divididos em Norte e Sul, representando as duas partes da cidade. Já no Brasil somente em abril de 1983 as mulheres conseguem a praticar o futebol sob otem da deliberação nº01/1983 do Conselho Nacional de Desporto, que admite o aumento de mulheres com interesse em jogar futebol.

Os relatos históricos que abordam a participação feminina nos esportes são permeados por situações que envolvem dificuldades e superações, ou mesmo lutas que nem sempre são apresentadas de forma explícita e aparente pelos meios de comunicação (SALVANI; MARCHI JÚNIOR. 2016).

Em 1941 uma lei determinava que “às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza”, a referida lei tomou grandes proporções, principalmente após o fortalecimento de equipes de Futebol Feminino nos subúrbios cariocas. Havia intenção de criar um campeonato exclusivo de mulheres, porém setores sociais juntamente ao poder público, iniciaram uma campanha contra as mulheres no futebol, a reivindicação era a intervenção do Estado sobre os corpos e sobre o modo de ser das mulheres brasileiras, em defesa da função universal da maternidade e, e das futuras gerações de brasileiros. (ALMEIDA, 2019).

Fica evidente que os moralistas da época condenavam a prática do futebol pelas mulheres, não existiam preocupações com a saúde e bem-estar das jovens. O receio maior era justamente a subversão de papéis promovidos pelas jovens que o praticavam, afinal, “futebol é coisa para macho”, mulher tem suas “funções naturais” reprodutora e não pode ocupar o espaço dos homens.

Ignoradas em muitas ocasiões, o sexo feminino passa a ganhar visibilidade mundial e espaço dentro das quatro linhas, com a realização da Copa do Mundo Feminina de Futebol, realizada no ano de 1991, discrepante diferença em relação aos homens, eis que 61 anos antes esses chutavam suas primeiras bolas em uma Copa do Mundo (SILVA, 2020, p. 8).

Segundo Almeida (2019) a lei que proibia as mulheres de jogar futebol, estava amparada na legislação existente sobre as condições de trabalho das mulheres em estabelecimentos industriais e comerciais, que proibia o exercício de atividades insalubres, perigosas e noturnas para as mulheres. Legislação criada no governo de Getúlio Vargas que tinha como objetivo resolver a questão social no Brasil, ou seja, garantindo que as mulheres assumissem carreiras adequadas, mediante as quais poderiam demonstrar moralidade feminina. A autora diz que:

Em 1979 houve a revogação das restrições sobre as práticas esportivas às mulheres, porém a atividade permaneceu marginalizada: os jogos não poderiam acontecer em campos oficiais, nem ser arbitrados por juízes federados. A anistia ampla, mas não irrestrita, veio apenas em 1983 com a regulamentação do Futebol Feminino – uma exigência da FIFA. No entanto, resquícios dessa história ainda permanecem presentes no cotidiano das futebolistas brasileiras. A situação de mulheres que jogam futebol no Brasil é permeada por marcadores sociais de diferenças – como gênero, sexualidade, raça e classe social – que foram se constituindo no decorrer desses 100 anos da prática no país (ALMEIADA, 2019, p.74).

O machismo é um fator importante de ser observado quando se fala em futebol feminino, levando em consideração que no país do futebol os homens têm dominação no dito esporte. Isso faz com que o futebol feminino tenha “o preconceito que recai sobre a corporalidade – e, por conseguinte, a sexualidade da mulher futebolista é pautado da desconstrução do estereótipo normativo de feminilidade” (SALVANI; MARCHI JÚNIOR, 2016).

Com toda essa onda de preconceito mundial podemos citar a China e os Estados Unidos que conseguiram criar uma estrutura significativa do futebol feminino. Enquanto isso, no Brasil, em 2019, há uma enorme diferença salarial. Pesquisas apontadas pelo jornal Estadão do Estado de São Paulo afirmam que nas grandes equipes de São Paulo as jogadoras ganham muito menos que os jogadores. É uma diferença de cem vezes. Enquanto a folha de pagamento do masculino gira em torno de R\$ 10 milhões, as equipes do futebol feminino são da ordem de R\$ 100 mil. (OBEID; JUNIOR, 2019). Preconceitos que se vê não somente na classe média burguesa, mas também nas camadas populares, com a força da mídia, a força da religião que construiu um imaginário sobre o que ser mulher, da própria família que reproduz e sofre os efeitos dessas influências.

As masculinidades e as feminilidades são construídas simultaneamente em dois campos relativos às relações de poder: tanto nas relações de homem com mulheres que marcam a desigualdade de gênero e também nas relações dos homens com outros homens que marcam desigualdades baseada em raça, tecnicidade, sexualidade. Por essas questões as características impostas ao feminino estiveram tão distantes dos esportes como é o caso do futebol. Delimitar certos ambientes como impróprio para mulheres é um claro mecanismo de disciplina, coerção e poder. (JANUÁRIO, 2017)

O futebol mesmo transformando vidas, modificando histórias e agregando saúde e paixão a muitos lares ao redor do mundo, por muitas décadas o futebol foi responsável por um grande desnível entre o sexo feminino e o masculino, eis que, desses mais de 150 anos de existência do futebol moderno, as mulheres foram mantidas em segundo plano por um longo período (SILVA 2020).

A autora também destaca a discussão de gênero no futebol, nas palavras da autora “essa diferenciação entre sexos é considerada uma questão sensível de ser discutida, ainda mais quando ligada ao mundo desportivo” (SILVA, 2020, p. 14)

Para além da questão do gênero, o futebol feminino enfrenta adversidades no setor público, eis que há pouco investimento na manutenção das equipas menores e nos custos de arbitragens, além claro, do incentivo que deveria ser gerados nos primeiros anos de educação das crianças, criando uma dificuldade em manter os campeonatos, limitando o crescimento da modalidade ou ainda vendo, nas equipas femininas, um departamento que gera apenas despesas e não um meio de investimento (SILVA, 2020, p. 19).

Contudo percebe-se o crescimento da participação da mulher em espaços antes considerados masculino e isso tem revelado uma nova dinâmica social, formando percepções e preconceitos. As mulheres hoje podem sair do espaço da casa e partir para outros espaços e vivenciar o trabalho assalariado, jogar futebol, lutar karatê entre outras tarefas que antes eram impedidas. Podemos citar que a ampliação desses direitos está intimamente ligada a igualdade de gênero que desde 1965 com o código eleitoral e a mulher podendo votar só aumentaram o desejo de igualdade e visibilidade.

Enquanto escrevia este texto dissertativo, apresentava na televisão uma grande conquista para o futebol feminino, o campeonato Brasileira de futebol feminino será televisionado no canal aberto neste ano de 2022. Um campeonato profissional que é disputado desde 2013 e agora com possibilidades de mais visibilidade para o esporte feminino. Também foi noticiado a equiparação salarial entre as seleções de futebol dos EUA, os homens e as mulheres terão o mesmo salário. Conquistas importantes que podem repercutir positivamente na vida das atletas profissionais e das meninas que sonham com o crescimento do esporte feminino.

O que mais preocupa é que com o governo atual não há perspectivas de maiores investimentos e visibilidade para o público feminino, a atual gestão representa um retrocesso com suas ações avassaladoras que tiram cotidianamente os direitos sociais, sobretudo os direitos das mulheres e jovens. Em um governo ultraconservador e fundamentalista, observamos a ampliação do desemprego, a desigualdade social e as várias expressões da questão social. Um governo que criminaliza as juventudes e ridiculariza as mulheres, um governo contrário as liberdades democráticas, que representa toda forma de preconceito, opressão e autoritarismo com seu machismo, homofobia, lesbofobia, transfobia e racismo.

4 METODOLOGIA TRILHADA

4.1 Tipo de Estudo

Dentre as metodologias que o conhecimento científico faz uso optou-se pela abordagem qualitativa, que segundo Minayo (2001) responde a questões muito particulares e se ocupa nas ciências sociais, que não pode ser quantificado. Para Minayo (2001), a pesquisa qualitativa:

(...) trabalha com universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser traduzidos à operacionalização de variáveis (MINAYO, 2001, p. 21).

A pesquisa qualitativa tem seu compromisso com a realidade vivida no cotidiano, o modelo qualitativo busca comprometer-se com a construção histórica da realidade estudada, possibilitando acesso a uma grande quantidade de informações sobre o objeto estudado e podemos dizer que esse estudo sistematiza, problematiza e reflete, assim como expõe aspecto e fenômeno da investigação. Minayo (2004) afirma ainda que o processo de trabalho da pesquisa qualitativa se divide em três etapas, a primeira etapa é exploratória, depois o trabalho de campo e análise, por fim p tratamento do material empírico e documental.

Para González (2002) a pesquisa epistemologia qualitativa se justifica a partir de três princípios de importantes resultados metodológicas que são: conceber o conhecimento como uma produção construtivo-interpretativa; ter clareza que o processo de produção do conhecimento é de caráter interativo; e por ter como nível legítimo, da produção do conhecimento, a significação da singularidade, destacando a qualidade da expressão dos sujeitos estudados e não a qualidade destes.

Para atingir os objetivos traçados nessa pesquisa de campo exploratória, pauta-se em uma investigação empírica “cujo objetivo é a formulação de questões ou de um problema, com tripla finalidade: desenvolver hipóteses, aumentar a familiaridade do pesquisador com um ambiente (...) ou modificar e clarificar conceitos” (MARCONI; LAKATOS, 2005, p.190).

As pesquisas exploratórias buscam proporcionar maior familiaridade com o problema e procura desenvolver ideias a fim de fornecer hipóteses em condições de serem testadas em estudos posteriores, sendo o seu planejamento bastante flexível. (GIL, 2002).

4.2 Local e período da pesquisa

O município de Sobral está situado na Região Noroeste do Estado do Ceará, distante a 230 Km da capital Fortaleza. Apresenta uma extensão territorial de 2.122 Km². Dispõe de uma população total de 200.000 habitantes segundo estimativa para 2018 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE 2010). Neste cenário, está localizado o Programa Estação Juventude, através da Prefeitura Municipal de Sobral e da Secretaria de Juventude Esporte e Lazer. Sobral é o município mais populoso da região Norte e Nordeste do Estado.

O município possui cerca de 65 equipes de saúde da família que correspondem a 90% de cobertura da população. Possui também 42 escolas de ensino fundamental, com fortes investimentos na área, obtendo nos últimos anos um dos melhores índices de desenvolvimento do ensino básico (IDEB) no estado do Ceará. Aliado a isso Sobral, que possui 06 Centro de Referência da Assistência Social – CRAS, atendendo a população da sede e da zona rural da cidade.

Na gestão do Ex-prefeito Clodoveu de Arruda, conhecido popularmente como Veveu entre os anos de 2013-2016 foi criada a coordenadoria especial de políticas públicas de juventude. Inicialmente a coordenadoria estava vinculada ao gabinete do prefeito e sua atuação era principalmente articular e potencializar os programas, projetos e ações voltados para o público jovem reunidos nas demais secretarias municipais. Na gestão do então Prefeito Ivo Gomes, no ano de 2017 foi implantada a Secretaria de Cultura, Juventude, Esporte e Lazer – SECJEL que conta em sua estrutura à Coordenadoria Especial de Políticas Públicas de Juventude de Sobral- COOJUV, que tem com carro chefe, ou mesmo o “trem chefe” as estações juventude.

Hoje Sobral conta com 06 Estações da Juventude nos bairros: Novo Recanto, Nova Caiçara, Tamarindo, Cohab I e nos distritos de Taparuaba e Aracatiagu, de acordo com dados da revista SECJEL, cada estação da juventude faz cerca de 200 atendimentos mensal, com horários e atendimento adequados para cada estação. Ainda de acordo com dados da SECJEL a Estação Juventude é um Programa de Política Públicas de Juventude que de maneira articulada desenvolve estratégias de emancipação e garantia de direitos da juventude em seus territórios, desenvolvendo projetos e ações nas áreas da cultura, esporte, saúde, cidadania e formação.

O público no qual será realizada a pesquisa serão 12 (doze) jovens de 18 a 29 anos participantes do Programa Estação Juventude, executado pela Prefeitura Municipal de Sobral,

através da Secretaria da Juventude, Esporte e Lazer - SECJEL. Esse grupo de sujeitos são moradores da periferia de Sobral, no qual acessam a Estação Juventude. Os bairros beneficiados pelo Programa Estação Juventude são Cohab I, Vila Recanto II, Conjunto Nova Caiçara e Tamarindo na cidade de Sobral – CE. O programa atende jovens de 15 a 29 anos, porém optou-se por realizar a pesquisa com jovens de 18 a 29 anos por motivos de maior idade e aptos a assinarem o termo de consentimentos livres e esclarecidos voluntariamente. Por motivos da crescente onda da pandemia optou-se por realizar a pesquisa apenas com as estações juventude da sede do município de Sobral, sendo excluídas a estação juventude de Taperuaba e Arataiaçu.

A escolha do cenário de estudo deu-se pela experiência adquirida enquanto coordenadora de juventude pela Secretaria de Cultura, Juventude, Esporte e Lazer, órgão responsável em manutenção e organização do Programa Estação Juventude. Nestes espaços, portanto, venho acompanhando o desenvolvimento de projetos e ações para o público de 15 a 29 anos. O Programa Estação Juventude conta com grupo de profissionais como: diretor de equipamento, auxiliar administrativo, arte educador, além dos estagiários de psicologia, serviço social, sociologia, pedagogia e administração, que atuam diretamente com as juventudes mais vulnerável dos bairros que compõem o território do equipamento.

Os bairros que contam com o Programa Estação Juventude são em áreas da periferia da cidade com históricos de violência juvenil e violação de direitos da população, são populosos e há escassez de equipamentos na área do esporte e lazer para sua população.

A população dos bairros citados organiza-se para os cultos religiosos, visto o grande número de igrejas existentes nos bairros. Adotam o costume de sentar nas calçadas, frequentar os bares e lanchonetes. Identificamos ainda crianças e adolescentes com a prática de futebol e soltar pipa. Cabe ressaltar que a comunidade tem crenças religiosas como: rezadeiras e terreiros de umbanda.

4.3 Participantes da pesquisa

A pesquisa foi desenvolvida no período de agosto de 2021 a janeiro de 2022, com jovens de 18 a 29 anos, usuários da Estação Juventude na cidade de Sobral-Ce, nos bairros Cohab I, Caiçara, Tamarindo e Vila Recanto II.

Os participantes da pesquisa foram três jovens de cada Estação Juventude da sede de Sobral, totalizando 12 (doze) entre 18 e 29 anos que foram e ou são atendidos pela Estação Juventude dos bairros Vila Recanto II, Nova Caiçara, Tamarindo e Cohab I. Os critérios de

inclusão foram: a) participar ou ter participado de alguma ação da estação juventude; b) ter idade superior a 18 anos; c) ter disponibilidade de participar da entrevista. Os jovens, em sua maioria, são estudantes da escola pública e participam de projetos e ações realizadas direto ou indiretamente pela Estação Juventude.

Segundo Minayo (2004) não se faz necessário uma maior atenção quanto ao número de sujeitos que serão investigados. O que é relevante para a autora, quanto a pesquisa qualitativa, é que o grupo selecionado realmente esteja vivenciando a situação em estudo, sendo o grupo imprescindível para oferecer informações-chaves.

Foram realizados 07 encontros com os jovens participantes da pesquisa. Participaram do primeiro encontro 12 jovens, sendo 06 que se autodeclararam do gênero feminino e 06 que se autodeclararam do gênero masculino. Destaca-se que para manter o sigilo acerca dos nomes dos participantes, optamos por identifica-los neste trabalho como: Cristiane, Formiga, Tamires, Amandinha, Pia, Edina Alves, Neuza Back, Léa Campos, Renata Silveira, Marta Vieira, Raquel Ferreira. A escolha dos nomes justifica-se pelo fato de reconhecer a luta e resistência que essas mulheres foram e são para nossa sociedade, principalmente para a história do esporte e do futebol feminino. História delas será sintetizada a seguir:

- a) **Cristiane:** 36 anos, jogadora de futebol que em 2012 tornou-se a maior artilheira do futebol feminino da história dos jogos olímpicos. Em 2016 tornou-se a maior entre homens e mulheres em jogos olímpicos com 14 gols;
- b) **Formiga:** Miraildes Maciel Mota, 43 anos, mais conhecida como Formiga, jogadora de futebol feminino, atua na seleção brasileira como volante, a atleta é a única pessoa do mundo a participar de 7 edições da copa do mundo e 7 edições de jogos olímpicos;
- c) **Tamires:** 34 anos, jogadora de futebol feminino, atleta da seleção brasileira, atua como lateral esquerda, enfrentou muitas dificuldades depois do nascimento do filho Bernardo, porém voltou a jogar e hoje é integrante permanente da seleção;
- d) **Amandinha:** 27 anos, Cearense e jogadora de futsal feminino, eleita 7 vezes consecutivas como a melhor jogadora de futsal do mundo. Joga na seleção feminina de futsal que é Hexacampeã mundial;
- e) **Pia:** 61 anos, ex-jogadora de futebol feminino e hoje atua como treinadora. Foi treinadora da seleção dos Estados Unidos que levou a equipe a conquistar 02 ouros olímpicos. Hoje Pia é treinadora da seleção feminina brasileira;

- f) **Edina Alves:** 42 anos, professora de educação física. Edina é uma brasileira que se destacou como árbitra e fez parte da primeira partida da história da Conmebol Libertadores masculina com arbitragem feminina.
- g) **Neuza Back:** 37 anos é uma brasileira que junto com Edina se destacou como árbitra auxiliar e fez parte da primeira partida da história da Conmebol Libertadores masculina com arbitragem feminina;
- h) **Léa Campos:** 75 anos, primeira mulher reconhecida pela FIFA, no mundo, como árbitra de futebol, graduada em educação física e jornalismo, Léa também lutava boxe e foi uma persistente na luta pelo reconhecimento da mulher no esporte;
- i) **Renata Silveira:** 31 anos, educadora física, com pós-graduação em jornais e primeira mulher narradora de futebol da rede globo;
- j) **Marta Vieira:** é jogadora de futebol, já ganhou cinco vezes o título de melhor jogadora do mundo, um recorde. Ela também é maior artilheira da história das Copas do Mundo de futebol feminino;
- k) **Raquel Ferreira:** É uma ex-jogadora de futebol feminino, sua trajetória se iniciou no projeto Menina Olímpica, Raquel foi convocada para atuar na seleção sub-17, porém decidiu priorizar os estudos e hoje atua como predadora física dos times de futebol feminino;
- l) **Ana Thais:** 36 anos, é formada em jornalismo é apresentadora e primeira mulher comentarista esportiva a comentar o jogo entre Brasil x Jamaica em 2019, também foi comentarista do jogo masculino entre Santos x Atlético Paranaense.

4.4 Aspectos Éticos

Este estudo obedecerá aos preceitos éticos da pesquisa envolvendo seres humanos pautado na Resolução Nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde (Diretrizes e normas reguladoras de pesquisa envolvendo seres humanos). A pesquisa pretende atender aos quatro referenciais básicos da bioética: autonomia, não maleficência, beneficência e justiça, entre outros, e assegurar os direitos e deveres que dizem respeito à comunidade científica, aos sujeitos da pesquisa e ao Estado.

O primeiro princípio, a autonomia, trata do consentimento livre e esclarecido dos indivíduos-alvo e a proteção a grupos vulneráveis e aos legalmente incapazes. Neste sentido, a pesquisa deverá abordar os (as) participantes em sua dignidade, respeitá-lo em sua autonomia e defendê-lo em sua vulnerabilidade. O segundo princípio, a beneficência, aborda a

importância da ponderação entre riscos e benefícios, tanto atuais como potenciais, individuais ou coletivos, comprometendo-se com o máximo de benefícios e o mínimo de danos e riscos. O terceiro princípio diz respeito a não maleficência, com vistas a garantir que danos previsíveis serão evitados (BRASIL, 1996).

O quarto princípio, o da justiça e equidade, aponta para a relevância social da pesquisa com vantagens significativas para os sujeitos da pesquisa e minimização do ônus para os sujeitos vulneráveis, o que garante a igual consideração dos interesses envolvidos, não perdendo o sentido de sua destinação sócio humanitária. Assim, o estudo em questão visa analisar os conceitos e as inter-relações da violência e a saúde com vistas a contribuir na construção e fomento das reflexões sobre a temática (BRASIL, 1996).

O trabalho foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA, através do parecer de nº 4.882.838.

Vale ressaltar, que serão utilizados Termo de Consentimento Livre e Esclarecido-TCLE (APENDICE A) para jovens maiores de 18 (dezoito) anos com informações sobre a pesquisa para que os mesmos possam autorizar a participação voluntária.

4.5 Instrumentos para produção dos dados

Logo no início do mestrado, fomos surpreendidos pela pandemia da Covid-19, em março de 2020 ficamos em casa à espera das recomendações das autoridades sanitária, não sabíamos bem o que ainda estava por vim. O medo, desespero, insegurança e pouca informação tomavam conta das pessoas. As aulas foram suspensas, escolas, universidades, bancos, shoppings, cinemas, lojas, tudo fechado, somente supermercados, hospitais, postos de saúde e farmácias tinham liberação para funcionar. Estávamos vivendo um filme de terror, a doença logo se espalhou e em pouco tempo os hospitais do mundo inteiro entraram em colapso, necessitando com urgência de hospitais de campanha. Infelizmente no Brasil foi um pouco mais complicado, o então Presidente da República Jair Bolsonaro não acreditou na gravidade da situação, zombando inclusive do desespero das pessoas, negando a ciência e até desrespeitando a Organização Mundial de Saúde. O Presidente chegou a dizer que o vírus se tratava de uma “gripezinha” e muitos adeptos de Bolsonaro também começaram a acreditar no presidente, fazendo com o caos só aumentassem, as notícias falsas espalhadas nas redes sociais e em grupos de *WhatsApp* foram suficientes para que muitas pessoas deixassem de seguir as recomendações das autoridades sanitárias. A principal recomendação era “fiquem em casa”, com o passar dos dias e com as necessidades das pessoas de irem ao supermercado,

farmácias e hospitais, outras diretrizes de prevenção foram repassadas, entre elas: uso de máscaras, higienização das mãos com álcool gel 70%, distanciamento de 1,5 metros entre pessoas, além de evitar o contato físico. O resultado da negligência do Presidente e das fake News espalhadas por ele e seus seguidores, fizeram com que pessoas saíssem de casa sem os devidos cuidados, espalhando o vírus por diversas parte do país.

O conservadorismo, autoritarismo e fundamentalismo religioso do Presidente se configurou como um desastre para o sistema público de saúde, a lotação nos hospitais, a morte de milhares de brasileiros, os cemitérios sem espaços, as pessoas passando fome, um verdadeiro caos. Os desafios não pararam, com o aumento dos casos e aumento das mortes, as feridas abertas, fruto da desigualdade social começaram a aparecer. Nas palavras da professora Carvalho (2021) “De forma incontestável, a tragédia do coronavírus, com mais de 1,6 milhões de morte nível mundial, revela, com nitidez, o desmonte da proteção social, após quarenta anos de neoliberalismo”. A autora declara que os maiores atingidos são os mais vulneráveis que vivem às margens da sociedade, e que “não estamos no mesmo barco”, as dificuldades de acesso a bens e serviços para os desprotegidos são maiores e muitas vezes até mortal.

Nesse sentido o desastre da pandemia nos mostra que ano de 2020 ficará marcado na história, como um dos piores da humanidade. Dados do (IBGE 2020) informa que a pandemia ocasionou o afastamento de 3,4 milhões de pessoas do trabalho, um quadro de instabilidade e insegurança para os brasileiros.

Nesse contexto os profissionais da saúde e assistência social foram verdadeiros heróis da pátria, mesmo tendo que lidar com o vírus, os mesmos foram para a batalha diariamente pelo bem da população. As duas políticas públicas mais afetadas pelo congelamento de 20 anos do orçamento saúde e assistência social afirma-se como políticas públicas essenciais, responsáveis por garantir minimizar os efeitos da pandemia.

Nesses tempos pandêmicos torna-se mais desafiador realizar uma pesquisa, encontros por videoconferência foram adotados para que pesquisadores e trabalhadores pudessem dar continuidade a suas atividades. A partir de tais aspectos é necessário discutir sobre esse novo formato de coleta de dados por parte de pesquisadores, não se sabe quando a pandemia acaba e nem se irá acabar, porém é necessário ficar atento as novas formas de se comunicar.

A coleta no formato virtual exige mais atenção e cuidado para que os dados de fato correspondam a realidade. Nesse sentido realizar encontro remotamente é um desafio, de modo que podemos nos deparar com alguns contratemplos oriundos do mundo da internet.

Já os encontros presenciais foram necessários seguir protocolos municipais sanitários e de segurança relacionado a prevenções de infecções virais que se referem a: distanciamento de 1,5 metros entre pessoas; uso de máscaras para todos; contato físico será evitado, bem como, tocar os próprios olhos, boca e nariz; a higienização das mãos será incentivada na lavagem de mãos ou higienização com álcool 70% antes e após o contato com os participantes, bem como no manuseio de objetos.

Ao todo, realizamos 12 entrevistas e 07 encontros. O primeiro encontro realizou-se para a construção da caracterização dos participantes e mais 06 encontros para aplicar as entrevistas. Dos 07 encontros 02 foram de forma presencial e 05 no formato remoto pela plataforma Google Meet. Para a coleta de dados utilizamos os instrumentos de: observação participante, questionário socioeconômico e entrevistas semiestruturada, os recursos utilizados foram: gravação de vídeo e de captação de áudio para o registro das atividades.

De acordo com Minayo (2008), a entrevista semiestruturada visa aprofundar reflexões acerca do objeto de pesquisa, pois sua composição permite perguntas fechadas e/ou abertas, por meio das quais o participante é convidado a discorrer livremente sobre a temática. O roteiro da entrevista foi pensando para satisfazer os objetivos da pesquisa. A autora reflete que na entrevista como coleta de dados existe a possibilidade da fala ser reveladora de condições estruturais, sistemas de valores, normas e símbolos e ao mesmo tempo transmitir as representações de um grupo sob determinada condição histórica, socioeconômica e cultural.

A realização de entrevistas em pesquisas é algo complexo, levando em conta que o entrevistador é a única fonte de motivação para o entrevistado. As entrevistas devem contar com estratégias e táticas adequadas. O entrevistador deverá ser bastante habilidoso ao registrar as respostas, com a preocupação de registrar exatamente o que foi dito e as reações do entrevistado (GIL, 2002).

4.6 Análise e interpretação dos dados

Para a consistência de uma pesquisa é necessário que o percurso metodológico esteja em consonância desde a sua escolha até a sua sistematização. Nessa pesquisa será realizada análise dos dados a partir da análise crítica do discurso. A ACD é método que investiga o discurso na relação entre linguagem e sociedade no interior das práticas sociais e tem como propósito o debate teórico e metodológico do discurso.

Em 1980 muitos estudiosos se dedicavam ao desenvolvimento da ACD, mas foi Fairclough que usou pela primeira vez a expressão “análise de discurso crítica” em seu artigo

no ano de 1985. A ACD estuda textos e eventos em diversas práticas sociais, propondo uma teoria e um método para descrever, interpretar e explicar a linguagem no contexto sociohistórico. A ACD oferece uma valiosa contribuição de linguistas para o debate de questões ligadas ao racismo, à discriminação baseada no sexo, ao controle e à manipulação institucional, à violência, à identidade nacional, à autoidentidade e à identidade de gênero, à exclusão social. (MAGALHÃES, 2005).

Para Norman Fairclough (2001) a análise que se faz dos discursos aparece como despreziosa, mas essencial para construir, representar e interpretar importantes aspectos do processo social que são duradouros e descomplica realidades complexas. O autor reflete que “uma questão importante que pode ser abordada através da análise da dialética é como certas interpretações simplificadoras e redutoras de complexidade de realidades complexas podem vir a ter efeitos construtivos sobre essas realidades complexas”

A opção pela análise do discurso crítico se deu por que ela permite entender o discurso tanto como prática social de uso da linguagem, significando um modo de agir sobre o mundo e, especialmente, sobre ou outros, quanto como um modelo de representação (FAIRCLOUGH, 2001, 2005, 2008; MAGALHÃES, 2001).

Diante das incertezas ocasionadas pela pandemia da COVID-19, perdi o direcionamento inicial que seria as entrevistas individuais, no formato presencial na sede das estações juventude, como o tempo era um fator limitado, precisei reformular os métodos para a realização da pesquisa. Com as estações de juventude fechadas a mais de 1 ano e meio, foi desafiador permanecer com os objetivos da pesquisa, no entanto após o parecer favorável do comitê de ética da Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA/CE, em agosto de 2021 foi possível dar andamento no processo de coleta de dados.

Primeiramente conversamos com o Secretário da Secretária de Juventude, Esporte e Lazer, o mesmo solicitou uma apresentação do projeto para ter ciência da pesquisa, fizemos contato e marcamos apresentação virtual, sem seguida o secretário de aval autorizando sua realização e assinando o termo de anuência, logo depois fizemos contato com os gerentes dos equipamentos EJ, conversamos com os gerentes das estações de juventude, apresentamos a proposta da pesquisa e solicitamos ajuda para a escolha dos jovens, os critérios de inclusão dos jovens na pesquisa era ter idade maior que 18 anos, ter participado de alguma atividade da estação de juventude e morar em Sobral, já os de exclusão era ser menor de idade, nunca ter participado da estação e morar fora da cidade de Sobral. Conversamos com a diretora da estação juventude do Recanto, que foi a primeira a ter interesse em ajudar na pesquisa, em seguida com o diretor da estação juventude da Cohab I, depois com a gerente da estação de

juventude do Tamarindo. Já com a estação juventude do Caiçara, foi um pouco mais complicado, o espaço que funcionava a estação estar em reforma a mais de 2 anos, e não tem gerente, nesse caso acabou ficando difícil encontrar alguém para ajudar na escolha dos jovens, em conversa com alguns amigos do Caiçara, me indicaram fazer contato com a agente comunitária de saúde que além de ser uma liderança no bairro já tinha sido jovem participante da estação juventude. Só assim conseguimos contato com os jovens do Caiçara.

Após realizar contato via *WhatsApp* com os 12 jovens da pesquisa, marcamos para o mês de setembro de 2021 o primeiro encontro no formato remoto pela plataforma *Google meet*. O encontro aconteceu às 19:00 horas do dia 20 de setembro de 2021, e teve duração de 60 minutos. O objetivo do encontro era apresentar formalmente a pesquisa, solicitar autorização e realizar a caracterização dos participantes jovens. Iniciamos com apresentação dos participantes que estavam na sala da plataforma, em seguida fizemos a apresentação do projeto e seus objetivos, logo depois, os jovens puderam tirar suas dúvidas.

Importante destacar meu vínculo com as estações juventude e à minha participação na história política do Programa em Sobral. Enquanto trabalhadora, pesquisadora e militante, me vejo como sujeito implicado (MERHY, 2004) e transformador nesse processo. Dito isto, foi muito tranquilo o quebra gelo, houve momento de muitas risadas e também os momentos de lamentações pelo fato da pandemia e do fechamento temporário das estações. Dando prosseguimento no encontro, encaminhei o questionário socioeconômico pelo chat da própria sala do *meet* e os jovens puderam responder tranquilamente, sem precisar de tempo estimado. Utilizamos a ferramenta do *Google forms* para elaboração do formulário, 20 minutos depois todos tinham respondido o questionário. Para encerrar o momento do primeiro encontro, deixamos agendado o segundo momento às entrevistas na sede de cada estação. O sentimento nesse primeiro momento era que tudo iria ocorrer bem nos encontros seguintes e que seria tranquilo realizar de forma presencial.

Na organização para os encontros presenciais, já estávamos esperançosos com o aumento da vacinação contra a COVID-19, no entanto os espaços da estação juventude continuavam com suas atividades reduzidas. Marcamos a primeira entrevista para o dia 04 de outubro de 2021 na estação juventude da Cohab I, ao chegar na estação as 19:30 horas, fomos recepcionados pelo diretor do equipamento e observamos que a estação estava bem animada, pois naquele dia acontecia uma batalha de rima entre os jovens, a rima é um elemento do Hip Hop e é uma atividade potente na estação da Cohab I. o diretor nos acompanhou até a sala onde faríamos as entrevistas e ficamos no aguardo da chegada dos 03 jovens. Infelizmente naquela noite só 02 jovens participaram. A entrevista da dupla durou cerca de 35 minutos. O

terceiro jovem não pode comparecer, o mesmo informou que estava em outra atividade na escola e não conseguiria chegar no horário marcado. A entrevista com o terceiro jovem aconteceu dia 11 de outubro e se deu pela plataforma Google Meet com duração de 20 minutos.

Na segunda entrevista realizada dia 06 de outubro de 2021 na estação juventude do Recanto II. O encontro aconteceu às 16:00 horas na sala de balé da estação. Ao chegar no espaço, fomos recepcionados pelos profissionais agente administrativos, ambos trabalhadores da estação, os dois foram muito solícitos conosco, nos deixando bem à vontade para a entrevista com as três jovens selecionadas pela diretora da estação. No momento das entrevistas estava acontecendo a aula do EJA- Educação de Jovens e Adultos, uma parceria da Estação com o SESC, muitos moradores concluíram o ensino fundamental e médio através dessa modalidade de ensino. As três jovens selecionadas chegaram pontualmente e entrevista teve duração de 50 minutos.

No dia 09 de outubro de 2021, as 19:00 horas estávamos realizando o quinto encontro para apreciação das entrevistas, desta vez com os jovens do Caiçara. Diante da impossibilidade de nos reunirmos na sede da estação juventude, a pedido dos jovens envolvidos com a pesquisa, nosso encontro se deu de forma remota, através da plataforma *Google Meet*, assim como na Cohab I só puderam comparecer 02 dos 03 jovens selecionados, o terceiro jovem também ficou impossibilitado de participar no horário marcado. A entrevista durou 35 minutos. O encontro com o terceiro jovem do Caiçara aconteceu dia 12 de outubro também com a utilização da plataforma *Google Meet* teve duração de 20 minutos.

No sétimo e último encontro foi a vez dos jovens selecionados do Tamarindo, a entrevista aconteceu no dia 03 de novembro de 2021, às 19:30 horas e teve duração de 40 minutos. Encontramos algumas dificuldades com esse último encontro, uma das dificuldades foi encontrar o equipamento fechado, segundo relato dos jovens a estação não tinha previsão para o retorno das atividades presenciais, outro desafio encontrado foi o tempo disponível dos jovens, nesse caso todos trabalhavam em turnos distintos. Visto que não teríamos condições em realizar o entanto presencial, foi de comum acordo realizarmos a entrevista novamente no formato remoto através da plataforma *Google Meet*.

Ao todo, realizamos 12 entrevistas e 07 encontros. O primeiro encontro para realizar a caracterização dos participantes e mais 06 encontros para aplicar as entrevistas. Dos 07 encontros 02 foram de forma presencial e 05 no formato remoto pela plataforma Google Meet.

A partir das informações coletadas e dialogando com os objetivos da pesquisa apresentaremos a seguir a caracterização dos participantes jovens e posteriormente exporemos a análise das entrevistas. Considerou-se relevante categorizar em três temas a saber: discursos produzidos pelas juventudes, percepção sobre participação das juventudes e re-flexões sobre gênero: o feminino no esporte heteronormativo.

Aqui podemos observar a caracterização das juventudes entrevistada, a fim de conhecer as condições socioeconômicas e familiares dos participantes.

- 1) **Cristiane:** 23 anos, sexo masculino, solteiro, estuda no ensino superior, mora de casa alugada com mais 03 pessoas, tem 02 filhos, trabalha como almoxarife, ganha um salário mínimo, católico e se autodeclara pardo.
- 2) **Formiga:** 22 anos, sexo masculino, solteiro, terminou o ensino médio, mora em casa própria com mais 02 pessoas, trabalha como assistente de engenharia, ganha 1.100,00, não citou religião e se autodeclara negro.
- 3) **Tamires:** 22 anos, sexo masculino, solteiro, estuda no ensino superior, mora sozinho em casa cedida, tem 01 filho, trabalha como orientador social, ganha 1.150,00, tem identificação com várias religiões e se autodeclara pardo.
- 4) **Amandinha:** 20 anos, sexo masculino, casado, terminou o ensino médio, mora em casa cedida com mais 02 pessoas, tem 01 filho, trabalha como orientador social, ganha 1.150,00, não tem religião e se autodeclara pardo.
- 5) **Pia:** 19 anos, sexo feminino, solteira, terminou o ensino médio, faz curso profissionalizante, mora em casa própria com mais 01 pessoa, não trabalha, renda familiar de 1.200,00, praticante da umbanda e se autodeclara parda.
- 6) **Edina Alves:** 21 anos, sexo feminino, solteira, estuda no ensino superior, mora em casa alugada com mais 01 pessoa, trabalha como assistente administrativo, ganha 1.500,00, católica e se autodeclara parda.
- 7) **Neuza Back:** 19 anos, sexo feminino, solteira, terminou o ensino médio, mora em casa própria com mais 04 pessoas, não trabalha, renda familiar um salário mínimo, católica e se autodeclara parda.
- 8) **Léa Campos:** 18 anos, sexo masculino, casado, estuda no 3º ano do ensino médio, faz curso profissionalizante, mora com mais 06 pessoa, não trabalha e não declarou renda familiar, católico e se autodeclara pardo.

9) Renata Silveira: 18 anos, sexo feminino, solteira, terminou o ensino médio, mora em casa própria com mais 03 pessoas, não trabalha, renda familiar de R\$ 2.000,00, católica e se autodeclara branca.

10) Marta Vieira: 22 anos, sexo feminino, solteira, estuda no ensino superior, mora em casa própria com mais 01 pessoa, trabalha como orientadora social, ganha um salário mínimo, não tem religião e se autodeclara parda.

11) Raquel Ferreira: 19 anos, sexo masculino, solteiro, terminou o ensino médio, faz curso profissionalizante, mora de casa alugada com mais 01 pessoa, trabalha como operador de caixa, ganha 1.300,00, católico e se autodeclara pardo.

12) Ana Thais: 27 anos, sexo feminino, solteira, parou de estudar na 5º série do ensino fundamental, mora em casa alugada com mais 02 pessoas, tem 02 filhos, não trabalha, renda familiar de R\$ 375,00, católica e se autodeclara parda.

Entr.	Idade	Estuda	Moradia	Filhos	Trab.	Renda R\$	Religião	Etnia
01	23	Sim	Alugada	Dois	Sim	1 Salário	Católico	Parda
02	22	Não	Própria	Não	Sim	1 Salário	Não tem	Negro
03	22	Sim	Cedida	Um	Sim	1 Salário	Várias	Parda
04	20	Não	Cedida	Um	Sim	1 Salário	Não tem	Parda
05	19	Não	Própria	Não	Não	1 Salário	Umbanda	Parda
06	21	Sim	Alugada	Um	Sim	1,5 Salário	Católica	Parda
07	19	Não	Própria	Não	Não	1 Salário	Católica	Parda
08	18	Sim	Não relatou	Não	Sim	1 Salário	Não tem	Parda
09	18	Não	Própria	Não	Sim	1 Salário	Católica	Parda
10	22	Sim	Própria	Não	Não	Não sabe	Evangélica	Parda
11	19	Não	Alugada	Não	Sim	1 Salário	Católica	Parda
12	27	Não	Alugada	Dois	Não	1.000,00	Não tem	Parda

Foi viável apresentar de forma sucinta a caracterização dos jovens participantes da pesquisa, logo a seguir faremos uma exposição mais profunda do questionário que foi realizado no primeiro encontro com os 12 jovens. O questionário foi produzido através da plataforma *google meet* e contou com 16 perguntas e gerou gráficos importantes que merecem serem analisados.

5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

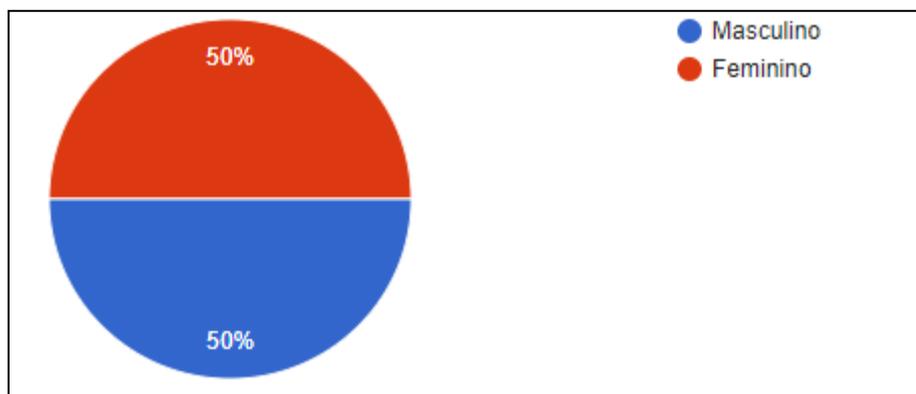
Foram realizadas 12 entrevistas de jovens participantes das ações da estação juventude com idades entre 18 a 27 anos, moradoras de bairros distintos da cidade de Sobral, a saber: Caiçara, Santo Antônio, Cohab I, Recanto e Tamarindo. Os dados socioeconômicos dos participantes da pesquisa estão expostos a seguir.

Aqui procuro relatar e refletir o nosso esforço em campo, a nossa busca e as dificuldades de estabelecer um diálogo com os sujeitos da pesquisa, levando em conta um período difícil que está sendo a pandemia da covid-19. Entender um pouco mais sobre o que os jovens da estação juventude pensa sobre determinados assuntos foi enriquecedor, grandioso e o que tenho a dizer é que eu tenho ainda muito o que aprender com essas juventudes. Embora o presente estudo não tenha o objetivo de quantificar e comparar estatisticamente com outras pesquisas, as informações servem para ilustrar o perfil dos jovens participantes.

A pesquisa trouxe elementos importantes para a análise que precisaram ser classificados em categorias a fim de sistematizar as informações coletadas. As categorias temáticas formaram três temas que se dividiram em subcategorias mais específicas. Conforme explicitado na metodologia, analisaremos os dados a partir da análise crítica do discurso, pois a pesquisa adota uma análise discursiva na sua perspectiva crítica, uma vez que os estudos se volta para as questões sociais. Os dados foram categorizados de forma organizada e estruturada sem que se perdesse a noção do todo, respeitando a subjetividade de cada sujeito no qual se buscou perceber o significado do discurso.

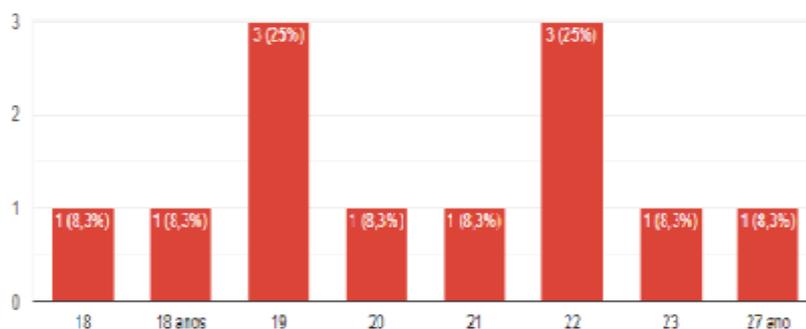
5.1 Caracterização dos participantes

Como já citado na metodologia, e com o intuito de agregar o máximo de informações possível dos jovens, encaminhamos um questionário a todos os participantes com objetivo de alcançarmos caracterizar a vida socioeconômica e familiar das juventudes. O referido documento possuía 16 perguntas, a seguir apresentaremos o resultado das perguntas consolidadas e analisadas.

Gráfico 01 – Pergunta: Sexo

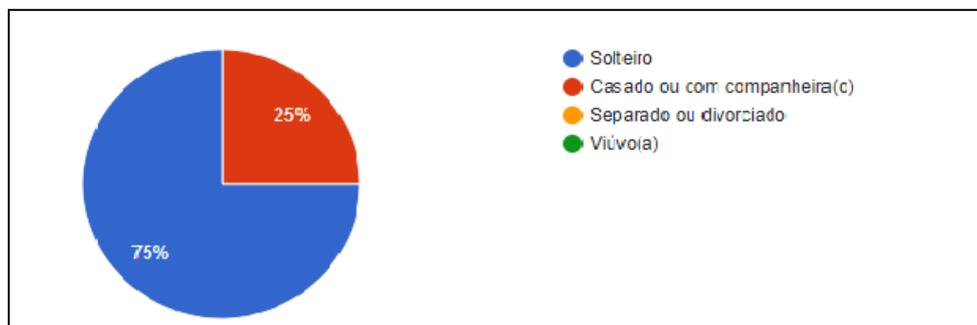
Fonte: Própria

Entre os 12 jovens 06 era meninas e 06 meninos como nos mostra o gráfico 01. Como dito anteriormente o sexo do jovem não seria critério para participar da pesquisa, no entanto os próprios gerentes optaram por escolher meninos e meninas.

Gráfico 02 – Pergunta: Idade

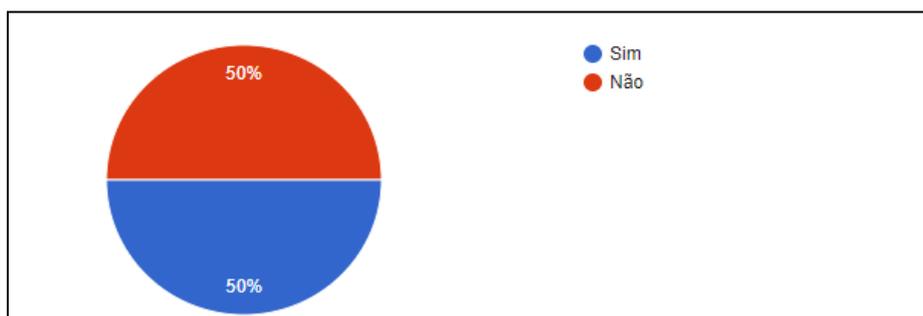
Fonte: Própria

Com relação a idade, podemos observar pelo gráfico 02 que os participantes possuem entre 18 e 27 anos. Segundo o Estatuto da Juventude (2013), os jovens com essa faixa etária se encontram regidos por esta lei.

Gráfico 03 – Pergunta: Estado Civil

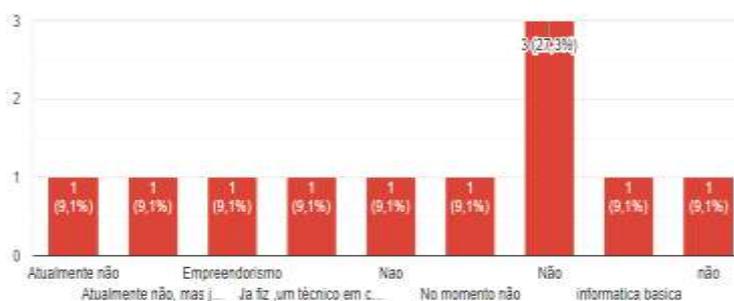
Fonte: Própria

Já no gráfico 03 sobre o Estado Civil, 75% dos jovens se declaram solteiro e ou solteiras, já 25% casado ou com companheira e ou companheiro.

Gráfico 04 – Pergunta: Estudando atualmente?

Fonte: Própria

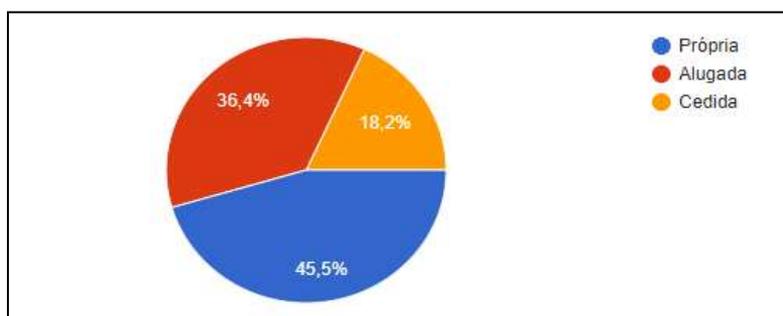
No gráfico 04 observamos que metade dos jovens dizem estudar, os demais já não estudam, analisando mais profundamente os dados, descobrimos que os 50% que dizem estudar, estão em cursos superiores.

Gráfico 05 – Pergunta: Faz curso profissionalizante?

Fonte: Própria

Ainda falando sobre educação e profissionalização, o gráfico 05 nos possibilitou dizer que 66,67% dos jovens já fizeram algum curso profissionalizante, dentre eles: empreendedorismo, informática e agente administrativo, todos os cursos foram através da estação juventude.

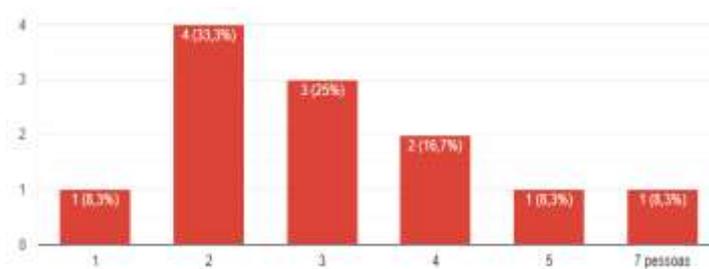
Gráfico 06 – Pergunta: Tipo de moradia



Fonte: Própria

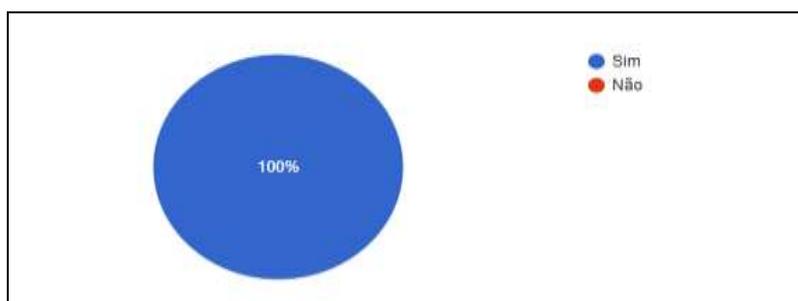
Com relação moradia, o gráfico 06 revela que a maioria 45,5% dos jovens afirmaram que tem casa própria, os demais moram de aluguel ou moradia cedida.

Gráfico 07 – Pergunta: Quantas pessoas residem em sua casa?



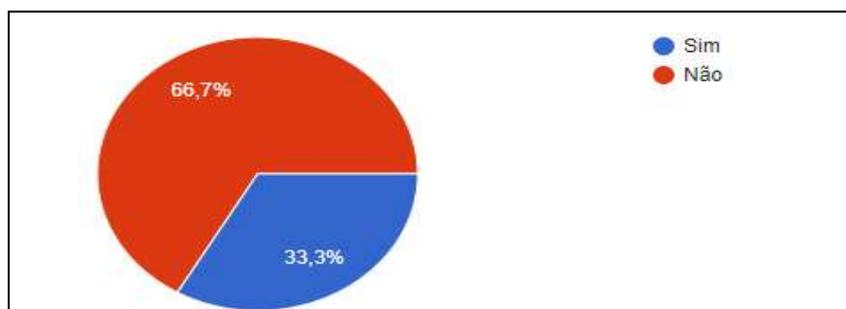
Fonte: Própria

Podemos observar que o gráfico 07 evidencia a heterogeneidade das famílias. Jovens morando sozinho, morando com filhos e companheiro e ou companheira e jovens com até 07 pessoas vivendo na mesma casa.

Gráfico 08 – Pergunta: Tem telefone e acesso à internet?

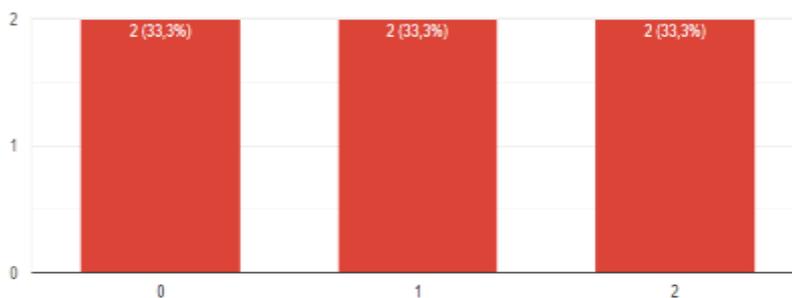
Fonte: Própria

De acordo como Gráfico 08, 100% dos jovens tem acesso a telefone e internet. Com a pandemia da COVID-19 a internet se tornou essencial na vida das pessoas, tanto para o trabalho, como para os estudos, além das redes sociais, os noticiários nos mantêm conectado com todo mundo. No entanto sabemos que a pandemia evidência desigualdades e que o uso da internet é restrito para uma grande parcela das juventudes brasileiras.

Gráfico 09 – Pergunta: Tem filhos?

Fonte: Própria

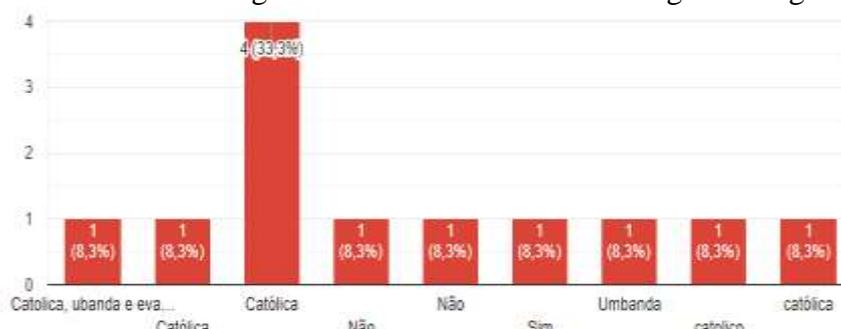
No gráfico 09 se referem as perguntas sobre filhos, 66,7% jovens relataram não ter filhos e 33,3% escreveram que sim tem filhos.

Gráfico 10 – Pergunta: Quantos filhos?

Fonte: Própria

Ainda sobre filhos, o gráfico 10 apresenta que dos 12 jovens da pesquisa, 4 relataram ter filhos. Entre eles variam de 01 e 02 filhos

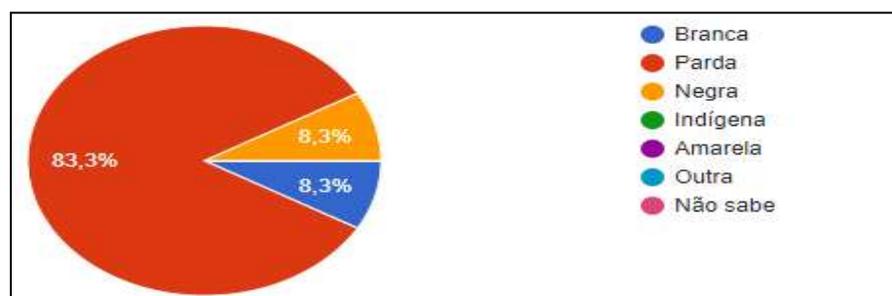
Gráfico 11 – Pergunta: Você se identifica com alguma religião?



Fonte: Própria

A heterogeneidade também foi percebida em relação a pergunta sobre a religião. No gráfico 11, 07 jovens se diz ser do catolicismo, 02 se diz ser da umbanda e 02 não tem religião e 01 não disse qual seria sua religião, como visto no gráfico anterior.

Gráfico 12 – Pergunta: Qual sua cor ou etnia?



Fonte: Própria

Em referência a sua cor ou etnia, mais de 83% dos jovens se reconhecem com pardos, apenas 01 se reconhecem como negro e 01 como branco, como nos aponta o gráfico 12.

Por se tratar de um questionário aberto e com respostas diversas, as perguntas 13, 14, 15, e 16 não geraram gráficos no entanto as respostas serão relatadas no texto a seguir:

Na pergunta “por que não estuda” as respostas foram: “*Não sei ainda qual a faculdade para mim; desisti; conclui o ensino médio; terminei já; não estou estudando, pois a situação não saiu conforme planejado; faço só curso*”. Observamos que houve muitas repetições das respostas, contudo as respostas são muito curiosas, no entanto a resposta que chamou mais atenção foi de um dos jovens que escreveu a seguinte frase “*altos e baixos, mas*

não deixo de acreditar que a educação é o caminho do sucesso” uma fala que revela a necessidade de garantir o acesso, mas sobretudo a permanência dos jovens nas escolas.

Na pergunta sobre até que ano o jovem estudou apenas um jovem não concluiu o ensino fundamental, outros relatam não estudarem, pois já concluíram o ensino médio, outros estão na faculdade, os demais desistiram de estudar por situações diversas. Reconhecendo que a educação vai além da escola, se faz também na estação juventude que concordamos com Brandão em seu livro o que é educação que revela que:

Ninguém escapas da educação. Em casa, na rua, na igreja, ou na escola, de um modo ou de muitos, todos nós envolvemos pedaços da via com ela: para aprender, para ensinar, para aprender e ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturados a vida com a educação. (BRANDÃO, 1985, p.7).

No que diz respeito a renda, foi possível observar que alguns jovens trabalham e podem contar com sua própria renda, mas muitas vezes, tendo que sustentar toda uma família com o pouco que ganham. Os baixos salários que são característicos da classe trabalhado que muito faz e pouco tem também são observados nas respostas. O dinheiro que entra nas casas dos jovens da pesquisa é em torno de R\$ 375,00 até R\$ 2.000,00 mil reais.

A partir da análise das entrevistas à luz da metodologia Análise Crítica do Discurso - ACD foram construídas 03 categorias e 03 subcategorias que tratam do agrupamento dos sentidos dos discursos produzidos pelos participantes. As categorias versam sobre 01) “Discursos produzidos pelas juventudes” tendo como subcategoria *Sentidos e significados da estação juventude para os jovens* 02) “Percepções sobre a ideia de participação na ótica das juventudes” e subcategoria *O jovem no Brasil não é levado a sério* 03) “Re-flexões sobre gênero: o feminino no esporte heteronormativo” subcategoria *Marias guerreiras de chuteiras*.

5.2 Discursos produzidos pelas juventudes

Para Carrano (2012), as instituições têm como responsabilidade, contribuir para que os jovens façam suas escolhas conscientes sobre suas trajetórias pessoais. Nesse sentido é possível observar que os discursos dos jovens não estão desvinculados do contexto social e cultural, no entanto é prudente observarmos de fato o que esses discursos querem nos revelar, levando em consideração que os jovens da pesquisa segundo Dayrell (2005) vivenciam a nova desigualdade que implica o esgotamento das possibilidades de mobilidade social.

5.2.1 Sentidos e significados da estação juventude para os jovens

Dentre os discursos identificados nos jovens, destacou-se aqueles relacionados a própria estação da juventude, principalmente quando eles resgataram a história e o sentido produzido sobre o lugar que hoje funciona a estação. Se antes era um espaço que fazia referência a práticas de policiamento, repressão e controle dos jovens, muitas vezes vistos como marginais, tornou-se um espaço destinado às juventudes. Isso é evidenciado no discurso quando o jovem Felipe afirma: “(...) era guarita aí depois a estação da juventude, pronto taí uma das principais revoluções na comunidade do Tamarindo que eu acho foi realmente essa (...)” (CRISTIANE).

É importante mencionar que os jovens participantes da estação encaram os projetos sociais como algo grandioso na vida das juventudes e da comunidade, algo que de certa forma, faz diferença na vida de cada um deles. Os jovens acreditam que a estação juventude veio para mudar a vida das juventudes, como destaca:

Um projeto que está ali pra além de tirar os jovens né, tipo do risco que tem né, a virar, né, da criminalidade e tudo mais, além de tirar os jovens da rua, eles trazem é um projeto que tu tem como função, trazer conhecimento e tipo, fazendo com que as pessoas mostrem e destaquem aquilo que tem dentro de si, tipo, ah, eu tenho uma certa habilidade, eles sempre trabalharam isso (AMANDINHA)

As discussões geradas em torno das políticas públicas voltadas para os jovens pobres das periferias nos alerta para a necessidade de encontrarmos o real motivo da destinação dessas ações e projetos para os jovens pobres. Segunda Silva & Ximenes (2019) as políticas públicas têm como público principal os jovens tidos como problemas sociais, na direção de transformá-los em atores do desenvolvimento ou protagonistas. As autoras também criticam os determinados modelo de protagonismo, questionando inclusive sua aplicabilidade na vida dos envolvidos.

Muitas ações foram executadas a partir do ano de 2005 com a implantação da Secretaria Nacional de Juventude e do Conselho Nacional de juventude, os programas e projetos estiveram mais organizados e com uma maior evidência, no entanto com pouca participação dos jovens. Nesse sentido para Barreiro & Malfitano (2014) descrevem que as políticas públicas no Brasil tiveram avanço perante sua configuração institucional, apesar das práticas possuírem um recorte de classe social, que podem deflagrar, em suas ações, um viés assistencialista que observamos na fala da jovem:

Eu ajudo muito aqui quando tem as coisas, vou nas casas, pergunto, prefiro tá na estação do que tá em casa sozinha, mas realmente eu tô aqui e acho ótimo a estação tu acredita, melhor do que tá em casa, meus menino não moram mais eu, eles não moram mais eu, meus dois menino, moram mais minha mãe, eu fico sozinha, doze e meia já tô tomando banho pra mim vim pra cá, os meninos dizem assim, tu chegou doze horas, eu digo não eu cheguei nesse instante, aí eu adoro (ANA THAIS)

Vale uma reflexão sobre a curta vida dos projetos sociais na vida das juventudes. Assim podemos destacar a importância das políticas públicas de estado, diferente das de governo que, muitas vezes, são enxutas e deixam comunidades sem as devidas políticas necessárias, como é o caso das políticas públicas de juventude, que sempre tem seu orçamento comprometido por falta de entendimento das reais necessidades dos jovens, assim como concluiu Tamires: “eu acho que se a estação da juventude ainda estivesse por aqui, eu acho que muitas coisas ainda poderiam ter mudado” (TAMIRES).

No entanto, os projetos sociais destinados aos jovens das periferias nem sempre tem prioridade das autoridades responsáveis, podemos destacar, por exemplo, a reforma da estação juventude do Nova Caiçara que teve início em 2019 e até os dias atuais não foi entregue a população do referido bairro. Nesse sentido, há uma descrença nas políticas públicas por parte de uma parcela das juventudes como relata a jovem Marta:

(...) o sentimento é saudade, mudou muito com certeza se a estação da juventude estivesse por aqui, se os projetos que foram lançados na época da estação da juventude, tipo a reforma das casinhas pra ter um entretenimento em cada uma delas, no centro de convivência, se isso tivesse gerado, eu acho que poderia ter dado um pontapé inicial na vida de muitos jovens que hoje estão aí no mundo, que a gente sabe que estão né, e porque foi uma decepção muito grande, sabe Leide? Quando começaram a fazer a reforma nas casinhas estava todo mundo muito animado, ia ter as coisas um contando pros outros, você via a alegria da galera falando sabe o que aconteceu, que as pessoas que estavam reformando, estavam vendo que ia acontecer e aí simplesmente pararam, não deram continuidade e aí, como é que eles vão acreditar que vem algo de bom aqui pra dentro? Está sendo muito difícil pra gente trabalhar porque eles não acreditam, não acreditam que nenhum órgão municipal da prefeitura possa fazer diferente por conta que já deram muita esperança pra eles e não cumpriram, e eu não tiro a razão deles, um dia você cansa de ficar esperando, esperando (MARTA).

É fundamental para os jovens do bairro Nova Caiçara manter o bairro ocupado por ações e projetos sociais, mesmo sabendo dos entraves burocráticos para a implantação dos mesmos, os jovens conseguem enxergar soluções e seguem lutando por melhores condições de vida para a comunidade, assim como fala a jovem Marta:

“Tem sim projetos para vim pro caiçara não sabemos qual ainda, disseram até que iam chamar nós pra ver pra poder articular quando tivesse alguma coisa né, exatamente, tipo a licitação é fácil ter, o difícil é a aprovação, como muitas coisas aqui Leidy, tem CRAS pra vim pra cá, tem areninha pra vim pra cá, tem a igreja católica pra vim pra cá, tem outro CEI, tem outra escola, mas tem a licitação feita, a aprovação é outra coisa, tem banco pra aprovar, tem que fazer lista de material, tudo,

toda aquela burocracia se fosse só licitar, fazer e pronto né, já tinha tanta coisa aqui dentro (MARTA).

Outro discurso importante mencionado em relação ao sentido que a estação juventude tem na vida dos jovens foi produzido pelos jovens que dizem: “Acho que é acolhimento, é acolhimento que o povo vem pra cá passa o tempo, passa a tarde aqui dentro daqui” (Renata). Além dessa dimensão marcada pela ocupação do tempo, representa também um espaço qualitativo de diversão, como afirma Júnior: “É acolhimento, esquece o problema aqui, se diverte, fazer as atividades que tem, mais um local de divertimento, pra se divertir” (Léa). Nesses discursos observa-se que os projetos sociais conseguem atrair e se conectar com uma parcela das juventudes, principalmente com aqueles jovens que não trabalha e não estuda.

Além do exposto, há a representação também da estação como uma casa, um possível lugar de segurança para esses jovens e que, com isso, também pode ser um lugar forjador e produtor de determinados sujeitos. Essa reflexão pode ser provocada a partir da seguinte percepção: “Ah é uma segunda casa, os jovens hoje em dia têm a mentalidade é de beber, usar drogas, essas coisas e tal, a estação já acolhe pra direcionar outras coisas” (Raquel).

Possivelmente essa reflexão represente um dos pilares das políticas públicas, quando se trata de socialização juvenil no âmbito dos projetos sociais, sendo um importante mediador das relações entre os jovens. De acordo Reis & Dayrell (2020) os jovens apresentam narrativas e práticas que fazem com que os processos socializadores e de individualização se articule diante das diferentes dimensões tais como: território, família, escola, trabalho, web, dentre outros.

Os bairros com sede da estação juventude, são marcados por altos índices de violência e rivalidade entre os diferentes grupos de jovens e por falta de equipamentos públicos voltados para o esporte e lazer da população. Nesse sentido a estação juventude também passou a ser considerada como um local de pertencimento, um local que trazia lazer, divertimento e conhecimento para os jovens, um espaço que deveria ser cuidado e mantido assim como cita Cristiane:

“(...) virou um local onde a gente chegava disse assim, não, aqui é nossa, aqui realmente tem brincadeira, tem isso, tem aquilo, tem projetos, tem jogos, né? Não é mais um local que a gente tinha distância, a gente queria manter aquela coisa toda”
(CRISTIANE)

Assim de forma cuidadosa, podemos afirmar que a estação juventude tece uma forte influência sobre os jovens. Todavia se faz necessário discutir o papel desse espaço na garantia de direitos, discutir o papel da estação no processo de reprodução das desigualdades sociais e a luta das juventudes por um espaço plural e democrático

5.3 Percepções sobre a ideia de participação na ótica das juventudes

É necessário problematizar a existência de modelo hegemônico de se pensar participação, sobretudo participação juvenil. Demo (1996), afirma que participação não é dádiva, nem concessão, muito menos algo preexistente. Participação provém de um processo de conquista. Não adianta abrir espaços dito participativos se a instituição não possibilita a organização dos indivíduos. Já para Bordenave (1994), “a participação é uma vivência coletiva e não individual de modo que somente se pode aprender na práxis grupal”.

Os discursos que os jovens apresentaram no decorrer da pesquisa demonstraram diferentes posicionamentos perante o entendimento sobre participação. De acordo com Dayrell e Carrano (2003), as novas formas e temáticas de participação da juventude indicam um quadro de crise e mutação na esfera política “no qual a ação coletiva dos jovens, bem como os movimentos sociais, pode estar ocorrendo de formas múltiplas, variáveis e com níveis diversos de intervenção no social, muitas vezes de forma fluida e pouco estruturada”. Algumas estações juventude apresentam uma visão tradicional com relação a participação, trazendo como elemento principal a participação nas atividades diárias, já em outras estações os jovens evidenciam uma nova forma de participação, associada à sua profissionalização e ao mundo do trabalho. No entanto a bandeira que esses jovens carregam tem uma forte ligação com o bairro em que vivem.

Dessa forma fez-se necessário subdividir a segunda categorias, pois tratava-se de assuntos relacionados à participação dos jovens na EJ. Por conseguinte, formou-se uma subcategoria que trata da forma como os jovens entende e exercem a participação.

5.3.1 O jovem no Brasil não é levado a sério

Os programas e projetos sociais precisam ser atraentes suficiente para que os jovens possam permanecer, mas acima de tudo, essas ações precisam estar conectadas com os desejos e necessidades das juventudes. Ter uma relação mais próxima entre a estação e os jovens faz toda diferença para uma socialização e aceitação: “*Só que a estação é um lugar*

bem aberto né, eu acho, aqui vem todos tipo de pessoa, não tem nenhum preconceito com nada não, é um lugar bem acolhedor” (RENATA). Essa questão também se apresenta na fala de Raquel que diz:

Não sei, já faz uns três a quatro anos que frequento a estação. Já fui protagonista da sala de game, tomando de conta da sala a tarde e participei de grupo de dança e fui como um dos representantes junto com o Leandro na inauguração da sala de games da vila união, participava da estação swing. Eu só não estou frequentando hoje porque eu estou trabalhando agora, de manhã eu tô livre aí no período da tarde quando a sala abre no período de três horas, né, aí é o horário que eu entro no trabalho. E o projeto assim que eu mais gostei mesmo foi o tempo do grupo de dança né, que aproximavam mais da estação, que eu só tinha mais contato com a sala, aí a estação Swing aproximou mais do pessoal. Um dia eu estava no período da manhã, quando eu não trabalhava eu participava da sala de games, aí foi tempo que veio umas crianças da APAE e a gente teve que direcionar elas de como elas era o primeiro contato delas com o vídeo game. (RAQUEL).

A participação não está somente ligada a fazer alguma atividade, mas também de pensar e sentir aquele lugar, alguns jovens relataram que a estação é um local de refúgio. Mas de onde ou de quem esses jovens estão fugindo? Na fala da Formiga podemos observar essa expressão carregada de emoção:

Então assim, a relação com a estação da juventude ela sempre foi ótima porque eu particularmente ali, eu vi o projeto sair realmente do papel, certo? a estação ela é, eu ia falar ela foi mas hoje ela existe né? Ela é de fundamental importância né, pra galera aí gente jovem, de fundamental importância por quê? Porque ela trabalha com a cultura, trabalha com esporte, trabalha com a diversidade, certo? E hoje eu tava até comentando com a Leidy, hoje o nosso governo aí o federal ele não apoia muito essas áreas certo? Então era um campo também de refúgio sabe? O pessoal chegava da escola é como Felipe falava a maioria chegava na estação pra saber o que tem pra hoje, vôlei, futebol, então ali era um refúgio, os torneios, as atividades né, pra elas, então assim a relação sempre foi ótima. (FORMIGA).

Para Dayrell (2007) a noção de protagonismo juvenil sempre esteve ligada as juventudes, como se este conceito estivesse um envolvimento universal com a realidade juvenil, considerada inclusive como uma característica inata das juventudes, o autor indaga se o fato de ser jovem, implicaria em uma postura de liderança, de adesão a uma ação transformadora. Aqui apresento duas falas que nos chamou bastante atenção, em uma das falas é notório o jovem falar com muito entusiasmo sobre sua participação ativa nas atividades:

“Bom, eu cheguei a ser agente jovem, né, na época do Franzé, eu ajudava mais, jogava um vôleizinho, eu era mais aquele que fica nos backstage da vida, ficava ajudando ali que dava apoio as meninas, na noite cultural era um exemplo né, eu sempre dava muito apoio, gostava de jogar um vôleizinho, sempre tava ali. Mas eu particularmente gostava de jogar vôlei” (FORMIGA).

O destaque sobre as experiências vividas na estação juventude nos faz refletir sobre o papel da estação juventude para as camadas populares, analisamos suas contradições, seus desafios, mas também enxergamos muitas possibilidades de transformação. Nesse sentido Sposito (2003) nos lembra que:

O termo protagonismo, no Brasil, tem sido utilizado de diversas formas por agentes públicos e ONGs, mas como afirma Castro (2002), integra um vocabulário usado de forma pouco crítica. Sob o meu ponto de vista, muitas vezes, o protagonismo não espelha, de fato, uma relação com os sujeitos jovens pautada pela ideia de sua autonomia e capacidade de participação. Parece tratar-se de mais uma metodologia de ação com o trabalho dos jovens do que um princípio ético-político que pressupõe o reconhecimento dos jovens como atores coletivos relevantes e, por isso mesmo, com direito à autonomia. (2003, p.65)

Para alguns jovens, o fato de irem para a estação juventude também seria promissor para o futuro, e dois dos jovens relatam que foi através da estação juventude que eles começaram a vivenciar o mundo do trabalho formal, como nos revela Cristiane:

Eu ia pra lá antes de abrir as vezes, eu gostava de conversar com o pessoal, ficava lá sentado, eu gostava de conversar, pra vocês terem uma ideia, eu hoje sou empregado da Santa Casa há quase 6 anos, adivinha onde eu fiz a seleção de jovem aprendiz? De quem que eu escutei? Das meninas lá, da Cibele, da Licélia, porque elas colocaram lá o aviso, claro que eu já era, eu era me considero, né? Evidentemente falando, mas eu já era um jovem antenado, mas assim, acesso a computador não tinha, é difícil pra gente. Então, ali tinha 10 computadores, era chegar, esperar a sua hora, cada um. Claro que naquela época a gente queria mais era jogar. Mas também tinha essa questão de pesquisa incentivando a pensar no futuro. Mas foi lá aonde eu vi essa seleção de jovem aprendiz da santa casa (CRISTIANE).

Os jovens muitas vezes são taxados pela sociedade como uma categoria “problema” e em outras vezes, como o futuro da humanidade, os sujeitos de direito. Ao mesmo tempo em que os programas precisam fortalecer o acesso e a rede de informações, precisam também incentivar a vivências de novas experiências. Nesse contexto, as políticas de juventude deveriam (...) incrementar nos jovens a capacidade de se comportarem como atores sociais, ou seja, de modificarem seu entorno social para realizarem projetos pessoais (TOURAINÉ, 1998, p. 78). Assim nos indica:

A Guarda-Mirim eu já vim antecipadamente, não foi diretamente lá, só que teve outras coisas, é como é que eu posso falar, muito relevante na minha vida e a estação ela fez uma ponte, por exemplo, fiz vários cursos no Ecoa, né? Certo. Sobre a área deixa eu ver, artes, né? Mexer com a sonoplastia mexer com a iluminação cênica, certo? Foi uma coisa que a estação ela fez uma ponte, eu fui fazer o curso de iluminação cênica, toda aquela iluminação que tem no teatro. Então isso ali foi uma coisa que somou na minha vida. Eu particularmente trabalhava antes com evento (FORMIGA).

É notório que, os programas voltados para as juventudes muitas vezes vêm de maneira fragmentada, focalizada ou relacionada a alguma exclusão, o que nos cabe refletir de que forma essas ações vêm contribuindo para a emancipação e autonomia das juventudes sem participação efetiva dos jovens na construção destes. A jovem Marta nos apresentam as dificuldades enfrentadas pela tensão no território:

“(...) foi diminuindo a cada dia, a gente sentiu o afastamento e de como ficou a estação da juventude, a ocupação e tudo, a galera que foi se afastando, eu acho, minha opinião que a galera foi se afastando de acordo com o que o território foi ficando mais tenso” (MARTA).

Para Groppo (2016) as políticas de juventude deveriam contribuir para fortalecer no jovem a habilidade necessária para fazerem suas escolhas de forma consciente, os jovens precisam adquirir experiências para resistirem as adversidades da vida, as instituições precisam empoderar o indivíduo como resistência orgânica e mental. Dito isto supõe-se que as ações políticas devem dar prioridade as juventudes, que os programas e projetos de fato assumam as juventudes numa perspectiva de inclusão, sempre com coerência no que diz respeito ao planejamento, implantação e avaliação das PPJs.

Em geral, os jovens são alvos de comentários julgadores de que a juventude hoje não se interessa por política, que a atual geração é alienada e consumista. A letra da música de Charlie Brown Jr questiona esta visão ao dizer que “o jovem no Brasil não é levado a sério”. Tal canção mostra que a sociedade brasileira não reconhece o potencial dos jovens para a participação.

5.4 Re-flexões sobre gênero: o feminino no esporte heteronormativo

Na terceira categoria advinda da análise das entrevistas será realizada uma discussão sobre gênero, que se popularizou com a influência do movimento feminista, no entanto tomou grandes proporções na última década. O assunto era tratado nos mais diversos espaços, midiático, políticos, educacionais e institucionais. O que nem sempre é claro é qual a concepção de gênero. Nesse contexto, entende-se que o gênero é um regime político, isto é uma forma de organizar a vida, significa dizer que homens e mulheres são produtos da realidade social e cultural.

Para a autora feminista Mirla Cisne (2013) (...) a cultura sempre foi a base para considerar a desigualdade entre homens e mulheres, sem mesmo “vinculá-la às relações estruturais de dominação e de desigualdades” a autora afirma ainda que:

É certo que a cultura que vivenciamos fomenta modelos conservadores de comportamentos conduta considerados “femininos” ou “masculinos que, em grande medida, reproduzem desigualdade histórica entre homens e mulheres. Isso ocorre porque é por meio da cultura que valores, costumes, comportamentos, modos de pensar e de se expressar são reproduzidos (2013, p. 141)

Segundo Santos e Oliveira (2010) falar sobre gênero é complexo e vai muito além de analisar as relações e características entre os sexos, sendo determinada também a partir do contexto histórico e por “elementos que são, ao mesmo tempo, significativos no que se refere às relações entre sociabilidade e cultura”. As autoras destacam que é necessário compreender como se procede as relações sociais entre os indivíduos, de modo que a incorporação e reprodução dos valores se acentua nos diferentes ambiente como, a família, o trabalho, a política, e nas relações afetivo-sexual. “Ou seja, trata-se de identificar como os valores objetiva e subjetivamente construídos são introjetados, vivenciados e reproduzidos na vida cotidiana”.

Por se tratar de aspectos de gênero dotado de múltiplas facetas, faz-se necessário subdividir a categoria acima na qual será enfatizado as falas que tecem a visão dos e das jovens sobre o futebol feminino e os espaços de participação das mulheres.

5.4.1 Marias guerreiras de chuteiras

O futebol feminino é marcado por preconceito e invisibilidade, os desafios enfrentados pelas mulheres que jogam futebol são permeados pela ideologia que atende ao patriarcado dominante como nos lembra Silva (2020) “embora moldando-se numa história de inclusão social e consolidação de cidadania, trata-se, o futebol é um fenômeno social em que ainda existem clivagens sociais, entre elas as de desigualdade de gênero na assistência e na pratica”

O papel da mulher foi se modificando ao logo da história, acarretando mudanças e desafios nas relações de gênero, com criação de novos conceitos na tentativa de nomear a pluralidade de experiências nesse campo (LIVALTER 2019). A autora analisa que “A ideia de heteronormatividade enquanto comportamento totalitário se ampara em uma sociedade conservadora que precisa manter o domínio sobre movimentos libertários, tais como o feminismo”

O futebol feminino pouco tem aparecido nas atividades desenvolvidas pelos programas e projetos sociais, nas estações de juventude não é diferente. Quando perguntado a visão que os jovens têm sobre as meninas jogando futebol, as respostas caminham na mesma

direção, a maioria acredita no potencial das mulheres no esporte e verbalizam a falta de visibilidade e espaços para o exercício do esporte, como nos indica a jovem Renata:

“É só falta de oportunidade, quando as coisas começarem a aparecer. Eu gosto, eu jogava na escola, tem coisa só de meninas né, na escola tinha muito, as meninas jogavam. É bom, eu acho que quanto mais coisas vem, mais oportunidades se abrem, quanto mais pessoas vem, entendeu? (RENATA)

Segundo Álvaro (2013), a subalternidade sofrida pelas mulheres tem muito da ideologia dominante, patriarcal-racista-heteronormativa-capitalista, que penetra na consciência dos indivíduos. Os jovens entrevistados não apresentavam naturalizar o fato de somente ter incentivo esportivo para os meninos, podemos observar isso na fala quando diz:

“Era pra ter mais, era pra ter era aqui, porque tem muita menina que frequenta aqui que gosta, só que não tem. A maioria das minhas amigas gostam mais é de futsal. Mais ações né mais jovens, iam vim até mais jovens, que agora com o retorno tá vindo menos gente que vinha antes da pandemia” (LÉA)

A falta de incentivo e planejamento para o esporte feminino, em especial o futebol, pode acarretar o agravamento da desigualdade entre homens e mulheres. Os jovens destacam e questionam o fato do futebol feminino ser colocado sempre em segundo plano pelos grupos dominantes, inclusive financeiramente. O preconceito e desigualdade vem se afirmando no mundo do futebol, podemos observar isso na fala de Amandinha:

Pra ser sincero eu acho bem importante, tipo, tem muita gente que discrimina bastante, sabe? Tipo, ah, mulher não sabe jogar, mas pra mim, muitas mulheres jogam bem melhor do que muitos homens pra ser sincero, então, eu acho bastante importante, tipo, as mulheres tarem engajadas atualmente também nessa nesse ramo de esporte, de querer adentrar dentro dessa vida de esporte porque até então, até pouco tempo, era só homens que praticavam normalmente, né? Tipo, o pessoal só tinha a visão que só homem podia praticar e a mulher foi praticando isso, mostra que tipo, nossa, elas estão cada dia mais conquistando o lugar delas dentro da sociedade. Olha pra ser sincero eu não vejo nenhum problema, tipo até mesmo tipo eu saí da escola a pouco tempo né, tenho vinte anos né é a pouco tempo é toda vez quando tinha campeonato educação física nós colocava as menina pra jogar também no nosso time como nós não tinha como eu fazia enfermagem, não tinha muita muito menino né, dificilmente os homens escolhe enfermagem aí tipo tinha mais era a menina mas era sete no meio de trinta e três menina nós botava as meninas pra jogar com a gente, tipo eu não vejo problema nenhum pra ser sincero (AMANDINHA).

Maurina (2020) nos lembra que a luta da mulher para alçar a igualdade vem crescendo, inclusive no esporte. A autora expõe que historicamente a mulher era proibida de praticar algumas modalidades do esporte, as mulheres só poderiam praticar aqueles considerados compatíveis com o feminino buscando valorizar a beleza estética e a resguardar seu corpo para a maternidade. Uma fala emblemática foi citada por alguns jovens nas entrevistas *“lugar de mulher é onde ela quiser”*, para reafirmar que a mulher precisa

conquistar espaços historicamente negados, assim como no futebol outros esportes também fazem parte da rotina das meninas, como nos ensina a jovem Neuza:

Eu particularmente jogava na seleção de Santa Quitéria de vôlei, participei de alguns campeonatos na escola, sou medalhista, tenho algumas medalhas (risos) então assim é muito interessante e acaba de certa forma quebrando um pouco o que a população impõe das mulheres serem sexo frágil, só os homens terem né alguns benefícios, então assim, mais uma vez as mulheres mostrando serem capazes né de ocupar o lugar que elas querem e é isso. O vôlei me trouxe muitos benefícios, não só eu, mas as meninas que jogaram (NEUZA)

Dados do Comitê Olímpico Internacional (COI) destacam que os jogos Olímpicos de Tóquio realizado em 2021 o percentual de mulheres foi de 48,8%, sendo que todas as delegações de participantes terão ao menos uma mulher. Nessa mesmo raciocínio observamos o desejo das meninas em reparar as injustiças sofridas por mulheres, possibilitando uma igualdade de gênero também nos esportes, como sonha a jovem Marta *“eu sonho com um dia, vou resumindo uma frase, eu sonho com um dia que uma jogadora de futebol, vai ganhar o mesmo que um jogador ganha, é esse meu sonho, que um dia bata o salário seja igual dentro dos dois porque é que o gol do Neymar vale tanto e o da Marta vale dois tantos a menos”*.

Marta é uma jogadora de futebol conhecida mundialmente por seus passos e gols marcante, a atleta carrega uma legião de fãs e meninas que se inspiram no futebol de Marta para enfrentar as adversidades advinda do preconceito com o futebol feminino. Marta usa sua influência mundial para denunciar a pouca visibilidade do futebol feminino, além de escancarar os baixos salários das atletas. Uma das falas mais marcante da jogadora Marta foi na eliminação do Brasil na copa de 2019, um recado para as novas gerações *“Não vai ter uma Formiga pra sempre, uma Marta, uma Cristiane. O futebol feminino depende de vocês pra sobreviver. Valorizem mais, chorem no começo pra sorrir no fim”* Tamires cita Marta para falar de seu trabalho como treinador:

Eu prefiro mais a Marta. Eu sou treinador de categoria feminino, então pra mim eu acho bem interessante, até porque depois que terminou a estação da juventude, aqui a Inês tinha um time feminino né, que a princípio quem está à frente agora é o Léo, e aí a Inês me chamou pra tomar de conta do time, depois aí eu achei bem interessante o futebol feminino, a prática de esporte no futsal, futebol também, o vôlei, o handebol, tudo eu acompanho essas prática, eu tava em um debate aqui que eu o Jeff né? E a gente vê muito mercado financeiro, e tipo assim, a gente sabe que a concorrência é maior no masculino, porque no feminino meio que não tem tanto esse espaço e aí a galera meio que valoriza mais o masculino, mas atualmente eu estou indo mais no feminino do que no masculino como estava discutindo aqui e quando você chegou com essa pergunta aí quando eu estou desligando o microfone, a gente tá discutindo aqui também sobre isso, no feminino a gente vê muito mais potencial do que o masculino, só que porém tem que ter aquela pessoa que estimule mais as mulheres, vai desde de criança já praticar algum tipo de esporte, porque você sabe, existe muito aquelas pessoas que são machista, até dentro de casa, que mulher vai ter que fazer só isso, não pode praticar isso ou aquilo outro, como eu já conheço, nós

vamos conversar com alguns pais um dos pais chegaram pra mim e falou “futebol é coisa pra homem não coisa pra mulher”. Eu respondi, em que mundo tu vive porque tipo assim a mulher pode praticar qualquer tipo de esporte, basta ela queira ir, não uma outra pessoa decidir no lugar dela (TAMIRES).

Ainda sobre a jogadora Marta o jovem Matheus a vê como exemplo para outras mulheres, no entanto o jovem se engana quando diz que na política as mulheres são maioria. De acordo com Montesanti (2018) apesar da mudança das leis para o aumento do número de mulheres na política, com obrigatoriedade dos partidos destinarem 30% dos repasse para campanhas de mulheres, o Brasil permanece no ranking mundial com uma porcentagem muito baixa de participação feminina, o país assume a 156ª posição na lista de 190 países.

É como Felipe falou, acabou o pensamento antigo é um pensamento ignorante que é o machismo sabe? A mulher ela deve chegar até onde ela quiser, principalmente no esporte né, a gente tem exemplos hoje é tipo a Marta, né, se eu não me engano, marcando de boa, enfim, a gente tem vários exemplos certo, e é muito interessante isso, sabe, mulher deve jogar bola sim, deve praticar esporte, deve fazer o que bem entender, inclusive só pegando o gancho do Felipe, acabou esse pensamento machista, a vida tem que ser vivida mesmo, tem que fazer suas escolhas, agora quero ir pra Aeronáutica, quero ser uma jogadora. Acabou se bem que hoje na política em si a maioria do serviço as mulheres está com mais do que os homens (FORMIGA).

O pensamento machista também vira reflexão dos jovens nas entrevistas, os jovens verbalizam que preconceito e exclusão de toda ordem são levantados para impedir ou limitar as mulheres nos espaços de dominação masculina. Para Maurina (2020) Os fãs de futebol ainda têm preconceito com as meninas jogando bola, a alegação é que a categoria é inferior e que falta técnico no esporte feminino, no entanto o jovem Felipe pensa na contramão:

Acabou esse negócio de machismo, é pessoas, né? Não só homens, mas acredite, tem mulheres também que tem bastante preconceito, mas, é um pensamento em geral do homem, mulher, seja o que for, babaca. Isso aí é pra gente colocar isso aí no caixão. Eu acredito que já também participando de projetos como esse, tanto na estação como na minha vida toda, eu sempre procurei, ensinar a fazer time misto, né, que a gente chama de misturar mulheres com homem, sempre protegendo, sabendo que a minha força física é maior, mas é não deixando, mas sabendo que a mulher ela pode competir, ela pode, agora eu não posso é ser desleal, é claro que o uso é mais pontal, se eu jogar mais forte acaba machucando, mas que a mulher sempre tem o seu lugar. Pra mim tem como a gente vê com o jogo da seleção hoje em dia, vá vê um jogo da seleção feminina é muito mais atraente de do que da seleção masculina, esquece negócio de Neymar, na bola jogando mesmo, as meninas são até melhores que os homens (CRISTIANE).

Louro (2008) nos lembra que a sexualidade é alvo certo da vigilância de grupos tradicionais da sociedade, atitudes que só se ampliam-se e diversificam-se suas formas de regulação, são instâncias e instituições que se autorizam a ditar normas. Desse modo a sociedade dita as regras também em relação ao esporte “futebol para homem” “ginástica para mulher”. Quem ousar desobedecer às normas, como é caso das meninas que jogam futebol,

podem enfrentar o julgamento cruel da sociedade. Os julgamentos se dão principalmente em relação ao corpo e sexualidade. A jovem Edina acredita que:

“a gente deve incentivar as pessoas, principalmente as mulheres porque algumas mulheres têm receio, né, as vezes até gostam, mas tem receio que os homens vão falar e assim, o que eu acho é que a mulher pode procurar onde ela quiser. Então é jogando bola e assim não é uma coisa que eu goste, mas é uma coisa a se admirar né” (EDINA)

Dados da revista da secretaria de juventude esporte e lazer informa que a EJ realizou o I torneio de futebol feminino, reunido 06 equipes e mais de 60 atletas, jovens que joga o futebol amador e algumas até sonham em ter reconhecimento para jogar em grandes times. Mas realizar um torneio por ano, não é incentivar o esporte para as meninas. Talvez seja necessário mais planejamento e organização para construção de um espaço mais plural e diverso. Dentro dessas representações, é possível identificar a força do patriarcado sobre as meninas. Por essa razão, entendemos que é fundamental darmos visibilidade as atividades produzidas por meninas, seja o futebol ou qualquer outro esporte de dominação masculina. Já a jovem Pia nos alerta sobre o assunto:

Já são taxadas de Maria sapatão a maioria, isso é bem comum. Assim os jovens hoje em dia já estão com a cabeça bem mais aberta em relação a isso, mas é mesmo a criação deles, tem os pais que diz ó, futebol é só pra homem, são poucos os pais que aceitam as meninas jogar bola (PIA).

Em relação as noções de normalidade e diferenças. Louro (2008) faz uma reflexão sobre os processos de inscrição dessas marcas e acredita que os seres aprendem a vivenciar o gênero e a sexualidade na cultura e através de discursos das instâncias que nos rodeiam, como igreja, mídia, ciência, além dos movimentos sociais e dos dispositivos tecnológicos a autora acredita que:

Se, hoje, as classificações binárias dos gêneros e da sexualidade não mais dão conta das possibilidades de práticas e de identidades, isso não significa que os sujeitos transitem livremente entre esses territórios, isso não significa que eles e elas sejam igualmente considerados. Não, a diferença não é natural, mas sim naturalizada. A diferença é produzida através de processos discursivos e culturais. A diferença é ensinada (LOURO, 2008, p. 22).

É perceptível que jovens entrevistados não carregam as marcas da intolerância, dos estigmas e da exclusão enraizados em nossa sociedade, todavia, falta entendimento dos riscos que o preconceito, discriminação, intolerância podem gerar na vida das pessoas. Os jovens sugerem que os meninos também sejam envolvidos em processo de formação sobre a importância de incentivar as mulheres a praticarem esporte, não só o futebol, como outras modalidades esportivas. Nas palavras:

Olha eu sei que já vejo muito, meninas jogando futsal, futebol e vôlei, mas um esporte que eu vejo que as meninas não praticam tanto é basquete, é uma coisa que eu não vejo muita menina praticando, então eu acho importante, elas crescerem mais dentro desse esporte, né? Tipo dentro do futsal, no futebol, do vôlei, mas também que comecem a crescer em outros como basquete, pingue-pongue de mesa que também é considerado como esporte, esses esportes em si também. Tipo muito menino ainda tem essa ideologia que só homem pode jogar, então normalmente quando acontece tipo vamos supor algum projeto é trazido pra dentro do residencial suponhamos e tem trazem futebol, campo futsal, normalmente os meninos já tem essa ideologia e acabam excluindo as meninas então acho que além de incentivar as meninas a jogarem também, eles deveriam também ensinar os meninos, tipo, é importante ver as meninas jogando, criando esse espaço dentro dos esportes (AMANDINHA).

Nas considerações da jovem Amandinha, as mulheres têm o direito de praticar o esporte que elas desejarem, Amandinha explica que o momento atual é promissor e o mercado se ampliou para o sexo feminino. A jovem destaca algumas profissões exercidas por mulheres como caminhoneira, moto taxi, taxista, inclusive fala dos campeonatos feminino de futebol. Amandinha analisa que mesmo com tanto preconceito as mulheres vêm se destacando nas profissões antes exercidas somente por homens. Segundo o IBGE divulgou no levantamento de Estatística de gênero, mulheres são mais instruídas que os homens, no entanto encontram mais dificuldade de acesso a cargos de chefia no mercado de trabalho. Apenas 37,4% dos postos de chefia existentes em 2019 era de mulheres.

Nesse contexto Santos e Oliveira (2010) analisam que, o nascimento da subalternidade feminina, acontece em um processo histórico, com o privilégio dos homens sobre o poder de escolha, poder político e de decisão sobre sua vida afetivo/sexual e visibilidade nas atividades do mundo profissional. Para as autoras “as relações de gênero são construídas historicamente, sendo fundamental analisar como estão estruturadas as relações sociais, considerando o processo dinâmico dos indivíduos se relacionarem entre si”. A reflexão da jovem é interessante para pensarmos que muitas conquistas das mulheres foram com muita luta e protestos, sobretudo no Brasil.

eu pesquiso muito essas coisas de esporte e antigamente não tinha uma foto sequer da mulher jogando tênis aquele tênis de quadra mesmo né aquele tradicional que tem os torneios, e hoje só o que você vê é as mulher lá tomando esporte, as mulher enorme de grande, eu não sei como é que essa mulher são tão grande e eu não tenho nem metade da canela delas e elas estão lá jogando tênis e eu acho isso muito massa e eu acho também que deveria ter um torneio que pudesse mesclar isso, colocar por exemplo o tênis, o tênis dá muito bem pra jogar homem contra a mulher diferente do futebol, né, que já não é tão justo porque convenhamos né, claro que muita mulher iam dar um show nos homens, mas, não generalizando né, porque tem muito homem, por exemplo o Wellington super apoia as coisas né, a gente conversa muito sobre isso né Wellington? E é só que sabemos nós que muito dos homens não aceitam esse tipo e acaba levando pro coração como a gente fala hoje, pro lado pessoal e não ia ser legal, né, colocar as mulheres acorrer esse tipo de consequência, só pelo ego deles inflamado (MARTA).

A jovem Marta, também se baseia em uma série de televisão que se passa nos anos 20 e retrata a revolução feminina ao entrar no mundo do trabalho, Marta se encantou com a série que resolveu compartilhar suas impressões quando diz que:

É porque eu assisti uma serie que o nome dela é as telefonistas, né, e eu acho que você já ouviu falar, eu acho que pelo assunto que a gente está falando aqui você gostaria porque ela fala de como, ela retrada toda, ela passava no tempo da segunda guerra mundial, né, ela passa nesse tempo e fala de como as mulheres conquistaram algumas coisas, tipo um telefone, por exemplo. Uma empresa de telefonista antigamente, só funcionavam se tivessem mulheres telefonistas, entendeu? Porque tinha que ligar pra telefonista pra telefonista passar pra outra pessoa né, então se não existir a telefonista você não falaria com as outras pessoas, e aí ele retrata uma telefonista que foi muito inteligente que ela sofreu muito na vida lá e ela inventou aquele telefone que a gente liga direto que povo liga direto sem precisar de telefonista, e o cara roubou dela a ideia e apresentou. Lá na época o nome era roteador, era um roteador, era o novo telefone, aí ela foi lá e inventou uma coisa melhor ainda, a cabine telefone, isso, e esse aí você vê, né, desde os tempos de muito, muito, muito a mulher vem lutando e por muitas vezes tendo o seu destino sugado por outra pessoa pelo simples fato que a sociedade não aceita que ela pode sim sei lá ser uma diretora de uma empresa que hoje em dia graças a Deus a gente tem muito, mas na época lá que ela se tornou diretora de empresa, ninguém queria nem obedecer sabe, ela tipo uma vez que ela tinha feito de volta na empresa e tal e a gente que gosta né desse assunto assim é bem interessante assistir, é uma reflexão muito massa muito massa mesmo (MARTA).

Conforme nos ensina Santos e Oliveira (2010) as condições objetivas e subjetivas dos papais que ocupam socialmente e desigualmente entre masculino e feminino, que mulheres tem seus direitos usurpados, sem igualdade no trabalho, nos salários e nos bens em geral. A autora afirma que:

Na educação, por exemplo, as escolas e outras instituições educadoras continuam pautando as questões referentes às mulheres no campo da reprodução do machismo, conferindo mais liberdade aos meninos do que às meninas. É também muito forte a influência religiosa cristã nos colégios, principalmente nas grandes escolas católicas, que transmitem uma ideia da mulher, mãe, cuidadora, enquadrada no modelo tradicional e conservador de família, em que o pai é o chefe que manda na mãe e nos filhos (2010, p. 14).

Em 2017 um projeto de lei vindo da câmara de vereadores de Sobral foi vetado pelo chefe do executivo, o referido projeto se tratava da proibição da matéria “ideologia de gênero” nas escolas do município. Houve manifestações contra e a favor, no entanto o que mais chamou atenção foi a nota publicada pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB, que dizia “a introdução dessa ideologia na prática pedagógica das escolas trará consequências desastrosas para a vida das crianças e das famílias. Nesse sentido Livalter (2019) analisa essa questão afirmando que:

Em pleno século XXI, após conquistas como a união civil, o uso do nome social e a criminalização da homofobia, o tema da sexualidade ainda inflama a sociedade que

tenta controlar os corpos e os prazeres e ditar as formas de se relacionar sexualmente e emocionalmente. O assunto também desperta aspectos moralistas e religiosos que desafiam o exercício de direitos e o acesso às políticas públicas por parte do público LGBT (2019, p. 48).

Importante destacar que a naturalização da frase “mulher é sexo frágil” marcados pela força do patriarcado, de uma sociedade machista, permite a perpetuação da submissão e dominação das mulheres. Nesse contexto consideramos que o estigma de que o Brasil é o país do futebol e que o futebol é de dominação masculina, entendemos que esse grupo de sujeitos da periferia que acessam um conjunto de políticas talvez não faça uma leitura engessada, empacotada como é a leitura da maioria em relação ao futebol feminino, onde se reproduz modelos preconceituosos que legitima toda forma de opressão, machismo lesbofobia, transfobia e racismo. Mas por outras diversas influências demonstraram pouca clareza da importância de dar visibilidade ao futebol feminino, assim como não questionam o fato de existir balé nas EJ e não existirem motivações para formação de times de futebol feminino. Supostamente os programas e projetos sociais deveriam abrir espaços para a diversidade, assim como se apresenta as diretrizes do programa EJ, no entanto sobre a questão de gênero pouco tem sido fomentado para uma ruptura de fortalecimento do futebol masculino e pouco tem feito para o incentivo e envolvimento das meninas no esporte. Outras questões precisam ser aprofundadas como por exemplo demarcar o futebol feminino como espaço que define a sexualidade das meninas, como se o esporte escolhido fosse uma motivação para assumir a homossexualidade das meninas. Preconceitos reproduzidos por toda sociedade não somente pela classe média burguesa, consideramos que a força da televisão, da mídia, da religião que construiu um imaginário do que é ser mulher, da própria família que reproduz e sofre os efeitos dessas influências.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização desta pesquisa constituiu-se como mais uma experiência e descobertas em estudar as diversas juventudes. Me vendo nesse processo como sujeito implicado, pois essa é a realidade do meu cotidiano, meu trabalho com as políticas de juventudes fortalece o desejo pelo conhecimento como instrumento de transformação. Uma pesquisa feita com muito afeto e afetações, mas com reflexões necessárias sobre a realidade das diversas juventudes. O estudo pretende compartilhar os achados, no sentido de caminhar para uma construção coletiva das políticas públicas de/para/com as juventudes. Uma dissertação com muitos desafios enfrentados e com a certeza que muitos outros virão, pois, a pesquisa não pretende se encerrar por aqui. Um estudo que se configura em meio a uma pandemia que dilacerou milhões de vida nos fortalece cada vez mais a contribuir com a ciência, com o rigor científico e com posicionamento ético político.

A pandemia da COVID-19 nos limitou da presença física nos espaços e na aproximação com os sujeitos da pesquisa, porém nos permitiu vivenciar outras formas de comunicação. As salas da plataforma *Google Meet* e *WhatsApp* foram estratégias escolhidas para aproximação e estabelecimento de vínculos com os jovens. Um elemento potente, mas também desafiante dessa caminhada foi a experimentação de uma pesquisa híbrida, conseguimos realizar as entrevistas no formato remoto e também presencial.

O caminhar desse trabalho teve a pretensão desde o início de compreender significados e sentidos que os jovens atribuem ao futebol feminino, como sua participação nas políticas públicas contribui para esses sentimentos, e como isso se reproduz nas diversas juventudes. A partir dos achados faz-se importante refletir sobre temas pouco abordados nos programas e projetos sociais, como por exemplo a temática gênero. As diversas ações voltadas para as juventudes de certa forma privilegiam os jovens do sexo masculino, na medida em que ações de cunho esportivo não tem incentivado o público feminino.

Outro elemento importante na realização da dissertação foi o encontro da pesquisadora com jovens que acreditam, querem e lutam por uma transformação social da realidade vivida pelas juventudes. Jovens que colocaram seus conhecimentos, seus sentimentos e suas ideias na construção deste texto dissertativo. Nosso envolvimento com as políticas de juventude muitas vezes nos colocou em um movimento de questionar o discurso das juventudes envolvidas com a pesquisa. Aqui destaco que subestimamos os discursos dos jovens, a incerteza de serem discursos prontos e “bem visto” pela pesquisadora, tendo em vista nossa proximidade com o programa ao qual eles participam nos mostrou que foi

fundamental a compreensão da realidade vivenciada dos jovens e o compromisso e envolvimento desses jovens na construção do conhecimento. Nesse sentido a pesquisa contribuiu para o entendimento das necessidades específicas que os programas devem cumprir em seu planejamento e execução, a compreensão da diversidade das juventudes e a importância das discussões que atravessam o cotidiano das juventudes como saúde, gênero e sexualidade.

O estudo evidenciou que apesar dos avanços nas políticas públicas de juventude, os estados e municípios precisam priorizá-la, com possibilidade de re-novação e criação, no sentido de respeitar as trajetórias e diversidade das juventudes. Mas também com a participação permanente dos jovens no processo de construção dos programas e projetos, principalmente com o setor saúde, educação e cultura. A potencialidade das juventudes em reproduzir conteúdo é determinante para nutrir as políticas públicas, ampliar o diálogo com as juventudes pode proporcionar ações mais assertivas nesse segmento.

Se a estação juventude consegue, de acordo com os eixos estruturantes trabalhar com a autonomia, inclusão e participação mantendo práticas como, planejar e incentivar o esporte para o público masculino e não para o feminino reverberando negativamente na desconstrução de um espaço “plural” que é destaque como um dos objetivos do programa. Da mesma forma que a estação juventude planeja e incentiva o futebol para os meninos e planeja e incentiva o balé para as meninas, o programa tem o papel essencial em subverter a ordem das ações ao tempo em que se amplia a discussão de gênero e sexualidade.

Destaco a relevância do trabalho para o programa de mestrado em saúde da família, visto que o campo das ciências sociais contribui para o campo da saúde e que as discussões sobre juventude e gênero são essências para o diálogo entre o setor saúde e os regenciais sociológicos, políticos e éticos em que a sociedade está inserida.

Nosso trabalho não pretende se esgotar por aqui, estamos certos que algumas questões podem e devem ser aprofundadas em trabalhos futuros. A primeira é em relação ao viés assistencialista dos programas sociais para as juventudes, algo que podemos identificar considerando que a estação juventude tem o recorte de classe social. Outra questão que sempre aparecia nas conversas e merece aprofundamento é sobre identidade de gênero e orientação sexual das juventudes, sobretudo as jovens meninas que jogam futebol. Além disso, acreditamos que a discussão sobre feminismo também se configura como um tema importante ser aprofundado futuramente, dentro desta perspectiva das juventudes. Dito isto, reafirmo que muito precisa ser estudado a caminhada ainda é longa, apenas começou.

REFERÊNCIAS

- ABRAMO, H. W; BRANCO, P. P. M. Mapa da Violência 2013: Mortes matadas por armas de fogo. Brasil: CEBELA (Orgs.). **Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2005.
- ALMEIDA, C. S. **O Estatuto da FIFA e a igualdade de gênero no futebol: histórias e contextos do Futebol Feminino no Brasil**. FuLia/UFMG, v.4, n. 1, jan.-abr., 2019 – Futebol e Mulheres
- Álvaro, Mirla Cisne. **Feminismo, luta de classes e consciência militante feminista no Brasil**. 2013. 408 f. Tese Doutorado em Serviço Social.
- Anais da 3ª Conferência Nacional de Políticas para as Mulheres: autonomia e igualdade para as mulheres / organização Secretaria Nacional de Políticas para as Mulheres**. – Brasília: Secretaria Nacional de Políticas para as Mulheres, 2013 p. 130
- BARREIRA J. **Vantagem de jogar em casa no futebol feminino: uma análise dos três principais campeonatos no Brasil**. R. bras. Ci. e Mov 2018;26(3):83-87.
- BARREIRO, Rafael Garcia; MALFITANO, Ana Paula Serrata. **Política brasileira para a juventude: a proposta dos Centros da Juventude**. Revista Latinoamericana de Ciências Sociales, Niñez y Juventud. DOI:10.11600/169271x.1522113122016. 2017.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Trad. de Sergio Millet. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BELCHIOR. Como nossos pais. Álbum Alucinação. 1976.
- BORDENAVE, Juan. E. Díaz. **O que é participação?** São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BOUER, J. O Estado de São Paulo. **Riscos entre os Jovens**. 2016. Disponível em: <<https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,riscos-entre-jovens,10000051268>> Acesso em: 10 nov 2021
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- BRASIL, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. **Contagem da população**. 2010.
- _____. Presidência da República. Secretaria de Políticas para as Mulheres. **Plano Nacional de Políticas para as Mulheres**. Brasília: Secretaria de Políticas para as Mulheres, 2013.
- _____. **Lei n.8.080 de 19 de setembro de 1990 e Lei 8082 de 1992**. Dispõem sobre as condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 1990. Seção1, p.18055 -18059.

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. **Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Orientações básicas de atenção integral à saúde de adolescentes nas escolas e unidades básicas de saúde** / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. 1. ed., 1 reimpr. – Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2013.

_____. Secretaria Nacional de Juventude. Guia operacional do Programa Estação Juventude/ Secretaria Nacional de Juventude – Brasília: SNJ, 2017.

_____. Documentos do COI - Comitê Olímpico Internacional 2021.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade**. 6 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

CABRAL, Francisco; DÍAZ, Margarida. **Relações de gênero**. In: Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte; FUNDAÇÃO ODEBRECHT. Cadernos afetividade e sexualidade na educação: um novo olhar. Belo Horizonte: Gráfica e Editora Rona Ltda, 1998. p. 142-150.

CAMPOS, Gatão W. de S. **O SUS entre a tradição dos Sistemas Nacionais e o modo liberal-privado para organizar o cuidado à saúde**. *Ciência & Saúde Coletiva*, 12(sup): 1865-1874, 2007.

CARPA, F. **O Ponto de Mutação**. Tradução Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix, 2006.

CARRANO, Paulo Cesar Rodrigues. **Juventude e participação social no Brasil: evidências de um diálogo nacional com jovens de regiões metropolitanas**. XXVI Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. Asociación Latinoamericana de Sociología, Guadalajara. 2007.

_____. **A participação social e política de jovens no Brasil: considerações sobre estudos recentes**. *O Social em Questão – Ano XV – nº 27 – 2012*.

CARVALHO, A.M.P; CARNEIRO. A.M.F **A Política de Assistência Social no contexto da pandemia da COVID-19 no Maranhão: entre o desmonte e a essencialidade**: *Revista de Políticas Públicas*. 2021.

CASTRO, Jorge. A.; AQUINO, Luseni. (Orgs.). **Juventude e políticas sociais no Brasil**. Brasília: IPEA, 2008. (Texto para Discussão, nº 1335).

CONJUVE. Política Nacional de Juventude. **Diretrizes e Perspectivas**. Brasília, 2006. 2ª edição.

CONJUVE. **Juventude e a Pandemia do Coronavírus**. 2020.

CONJUVE. **Juventude e a Pandemia do Coronavírus. 2021**. 2ª edição.

CZERESNIA, D.; FREITAS, C. M. **Promoção da Saúde: conceitos, reflexões, tendências**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2003, p. 39-53.

DA SILVA, L. E; DE OLIVEIRA, A. L. JUVENTUDES E POLÍTICAS PÚBLICAS. *Perspectivas Em Políticas Públicas*, 13(26), 2020, p. 201-227.

DAYRELL, Juarez. **A Escola faz a juventude? Reflexões em torno da socialização juvenil**. 2007.

_____. CARRANO, Paulo. **Jovens no Brasil: difíceis travessias de fim de século e promessas de um outro mundo**. Observatório Jovem. Rio de Janeiro. 2003.

_____. Juventude, grupos culturais e sociabilidade. *Revista de Estudo Sobre Juventude*. Rio de Janeiro, 2005.

DEMO, Pedro. **Participação é conquista: noções de política social participativa**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1996.

DIAS, A. R. dos S.; SILVA, S. L. C. da. **A(s) família(s) na atenção básica: perspectivas dos profissionais na Estratégia Saúde da Família**. REFACS, Uberaba, MG, v. 9, p. 228-241, 2021. Supl. 1. DOI:10.18554/refacs.v9i0.4270

Estação juventude: conceitos fundamentais – ponto de partida para uma reflexão sobre políticas públicas de juventude / organizado por Helena Abramo. – Brasília: SNJ, 2014 128p. ESTATUTO DA JUVENTUDE. Lei n 12.852, de 5 de agosto de 2013.

Fairclough, N. (2001). **A análise crítica do discurso e a mercantilização do discurso público**: As universidades. In C. M. Magalhães (Org.), *Reflexões sobre a análise crítica do discurso* (pp. 31-81). Belo Horizonte, MG: Faculdade de Letras UFMG.

Fairclough, N. (2005). **Peripheral vision: Discourse analysis in organization studies**: The case for critical realism. *Organization Studies*, 26(6), 915-939. doi:10.1177/0170840605054610

Fávero, M. H., & Abrão, L. G. M. **Participação das mulheres na política brasileira: As representações sociais evocadas pelas suas vozes**. Trabalho apresentado na 11ª Conferência Internacional sobre Representações Sociais - As Representações Sociais em Sociedades em Mudança, Évora, Portugal. 2012.

FRANCISCO EL HOMBRE. Música **Triste, louca ou má**. 2016.

FRANZINI, Fábio. **Futebol é “coisa para macho? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol**. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 25, nº 50, p.315-328 – 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 26ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FURLAN, C.C; SANTOS, P. L. **Futebol Feminino e as Barreiras do Sexismo nas Escolas: reflexões acerca da invisibilidade**. *Motrivivência* ano XX, nº 30, p 28-43. 2008.

GÊNERO E DIVERSIDADE NA ESCOAL: formação de professoras/es em Gênero, Orientação Sexual e Relações Étnico-Raciais. Livro de conteúdo. Versão 2009. – Rio de Janeiro: CEPESC; Brasília: SPM, 2009.

GIL, A. C. Introdução à Sociologia da Juventude – Jundiaí: Paco Editorial. 2017. **Como elaborar projetos de pesquisa.** GIL, A. C. (Organização). 4. Ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GONZAGUINHA. **E vamos à luta.** Álbum de volta ao começo. 1980.

GONZÁLEZ REY, Fernando. **Pesquisa Qualitativa em Psicologia: caminhos e desafios.** São Paulo: Pioneira Thompson Lean Learning, 2002.

GROPPO, L. A. **Sentidos da juventude na Sociologia e nas políticas públicas do Brasil contemporâneo.** Rev. Políticas Públicas, São Luís, v. 20, n. 01, p. 383-402, 2016.

GROPPO, L. A. **Juventudes e políticas públicas: comentários sobre as concepções sociológicas de juventude.** DESidades – Revista Eletrônica de Divulgação Científica da Infância e Juventude, v. 5, p. 9, 2017.

HIGARASHI, I. H. et al. **Atuação do enfermeiro junto aos adolescentes: identificando dificuldades e perspectivas de transformação.** Rev. enferm. UERJ, Rio de Janeiro, v. 19, n. 3, pp. 375-80, 2011.

HORTA, N.C. **Modos de Vida Juvenis: Cotidiano, Espaços Sociais e Saúde.** 2011. 263p. Tese (Doutorado) Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais, 2011.

JANUÁRIO, S.B. **Marta em notícia: a (in)visibilidade do futebol feminino no Brasil.** FuLia/UFGM, v.2, n. 1, jan.-abr., 2017 – A Performatividade do futebol na cultura.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M.A. **Fundamentos de Metodologia Científica.** 6. ed. São Paulo: Atlas, 2005.

LENZ TC, Costa MC, Colomé ICS, Andrade A, Souza NS, Arboit J. **Acolhimento na saúde da família – perspectivas das pessoas com deficiência que residem no rural.** Rev. Enferm. UFSM. 2021. vol.11 e3: 1-21. DOI:<https://doi.org/10.5902/2179769244155>

LIMA, I.M.R. **Culturas juvenis e a produção da saúde no cotidiano de um grupo de dança pop.** Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Campus de Sobral, Programa de Pós-Graduação em Saúde da Família, Sobral, 2017.

LIVALTER, A. L. A. **A percepção das Mulheres Lésbicas sobre o Cuidado na Estratégia Saúde da Família.** 2019. 115 f. Dissertação de Mestrado UFC.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação. Uma perspectiva pós-estruturalista.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

_____. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade** / (organizadora) Tradução dos artigos: Tomaz Tadeu da Silva — Belo Horizonte: Autêntica, 2000. 176p.

_____. **Gênero e sexualidade: pedagogia contemporâneas.** Pro-Posições, v. 19, n. 2 (56), 2008.

MAGALHÃES, I. Introdução: **A Análise de Discurso Crítica.** D.E.L.T.A., 21: Especial, 2005.

MAURINA, B. **O Futebol Feminino “Veio pra ficar”:** Um estudo de caso da campanha de lançamento do Batom “Pawer Stay” da marca Avon com a jogadora Marta. Universidade de Caxias do Sul. 2020.

MELO, I. F: **Análise do discurso e análise crítica do discurso:** Desdobramentos e Intersecções. Revista Eletrônica de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura ano. 05 n>11 – 2º Semestre de 2009 – ISSN 1807-5193

MERHY, E. E. **O conhecer militante do sujeito implicado: o desafio de reconhecê-lo como saber válido.** In: FRANCO, Túlio Batista; PERES, Marco Aurélio de Anselmo (Orgs.). Acolher Chapecó. Uma experiência de mudança do modelo assistencial, com base no processo de trabalho. 1 ed. São Paulo: Editora Hucitec, 2004, v. 1, p. 21-45.

MERHY, E. E. **O ato de governar as tensões constitutivas do agir em saúde como desafio permanente de algumas estratégias gerenciais.** Ciência & saúde coletiva, 4 (2): 305-314, 1999. <https://doi.org/10.1590/S1413-81231999000200006>

MINAYO, M. C. de S. e SOUZA, E. R. de: **Violência e saúde como um campo interdisciplinar e de ação coletiva.** História, Ciências, Saúde— Manguinhos, IV(3): 513-531, nov. 1997-fev. 1998.

_____. **O desafio do conhecimento:** pesquisa qualitativa em saúde. 8ª ed. São Paulo: Hucitec/Abrasco, 2004.

_____. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: MINAYO, M. C. S. (org) **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade.** 18ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2001.

MONTESANTI, Beatriz. UOL. **Mulheres são 15% do novo Congresso, mas índice ainda é baixo.** 2018. Disponível em <https://noticias.uol.com.br/politica/eleicoes>. Acesso em: 14 de julho de 2021.

NEPOMUCENO, L. B. **Para atuar com a comunidade: estudo sobre a relação entre participação comunitária e estratégia de saúde da família do SUS no bairro Terrenos Novos em Sobral, Ceará.** Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós- Graduação em Psicologia, Fortaleza, 2009.

NERI, Marcelo C. **“Juventudes, Educação e Trabalho: Impactos da Pandemia nos Nem-Nem”**, Rio de Janeiro, RJ-2021 – FGV Social – 24 páginas.

NERI, Marcelo e HECKSHER, Marcos. **“Jovens: Percepções e Políticas Públicas”**, Rio de Janeiro, RJ-2021 – FGV Social – 50 páginas – Parte integrante do Projeto Atlas das Juventudes

NETO, L. G. S. **Assalto à mão letrada: Ataque Poético do Slam da Quentura e a Promoção de Saúde Marginal**. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Campus de Sobral, Programa de Pós- Graduação em Saúde da Família, Sobral, 2020.

OBEID, Catarina; JUNIOR, Gonçalo. *Jornal Estadão*. **Salário de mulher no futebol é o mesmo dos homens das séries C**. 2019. Disponível em <https://esportes.estadao.com.br/noticias/futebol,salario-da-mulher-no-futebol-e-o-mesmo-do-homem-das-series-c-e-d,70002942049> Acesso em: 14 de julho de 2021.

PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria. **Nova História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012.

PINTO, L.N. **Nas periferias da autonomia, saúde e juventude: a experiência de meninas jogadoras de futebol no bairro Vila União, Sobral-CE**. Trabalho de conclusão da Residência Multiprofissional em Saúde da Família. UVA. 2016.

REIS, J. B. dos, & Dayrell, J. (2020). **Experiências juvenis contemporâneas: reflexões teóricas e metodológicas sobre socialização e individualização**. *Educação*, 45(1), e71/ 1–23. <https://doi.org/10.5902/1984644439944>

RIBEIRO, D. **“Minha luta é para que nós mulheres negras possamos ser consideradas não mais sujeitos implícitos, mas sujeitos protagonistas”** A luta de Djamila Ribeiro. *Revistatrip*. Março, 2015. Disponível em: <https://revistatrip.uol.com.br/tpm/a-luta-de-djamila-ribeiro>

SALVANI, Leila; JÚNIOR, M. W. **Guerreiras de chuteiras na luta pelo reconhecimento: relatos acerca do preconceito no futebol feminino brasileiro**. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*. São Paulo. 2016 Vol. 30. Núm. 2. P.303-11.

SANTOS, S. M. M.; OLIVEIRA, L. S. **Igualdade nas relações de gênero na sociedade do capital: limites, contradições e avanços**. *Revista Katálysis (Impresso)*. V. 13, p. 11-19, 2010.

SEN, A. KLIKSBERG, B. **As pessoas em primeiro lugar: a ética do desenvolvimento e os problemas do mundo globalizado**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

SEN, Amartya. **Desenvolvimento como liberdade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

SILVA, Alexandra Maria Sousa e XIMENES, Veronica Morais. *Pesqui. prá. psicossociais* [online]. **Políticas públicas e juventude: análises sobre o protagonismo juvenil na perspectiva dos jovens pobres**. 2019, vol.14, n.1, pp. 1-15. ISSN 1809-8908.

SILVA, B. K. **O Futebol Feminino em Expansão: Determinantes, Políticas Públicas e Perspectivas. Subsídios para a compreensão do contexto Brasileiro**. Dissertação de Mestrado em direção desportiva. Universidade de Évora – Escola de Ciências e Tecnologia. 2020.

SILVA, R. T. A contribuição do futebol feminino na favela do Mandela ante da falta de políticas públicas. **PRACS: Revista Eletrônica de Humanidades do Curso de Ciências**

Sociais da UNIFAP <https://periodicos.unifap.br/index.php/pracs> ISSN 1984-4352 Macapá, v. 12, n. 3, p. 125-134, dez. 2019.

SOUZA, E. M. S.; GRUNDY, E. **Promoção da saúde, epidemiologia social e capital social: inter-relações e perspectivas para a saúde pública.** Cadernos de Saúde Pública, Rio de Janeiro, v. 20, n.5, p.1354-1360, 2004.

SPOSITO, M. P., SOUZA, R., & SILVA, F. A. **A pesquisa sobre jovens no Brasil: traçando novos desafios a partir de dados quantitativos.** *Educação E Pesquisa*, 44, e170308. 2018. <https://doi.org/10.1590/s1678-4634201712170308>

SPOSITO, Marília. **Trajetórias na constituição de políticas públicas de juventude no Brasil.** In: FREITAS, Maria Virgínia; PAPA, Fernanda de Carvalho. Políticas públicas: juventude em pauta. São Paulo: Cortez, 2003.

SWAIN, Tania Navarro. **Por falar em liberdade...** In C. Stevens, S. R. Oliveira & V. Zanillo. **Estudos Feministas e de Gênero: articulações e perspectivas** (pp. 36-51). Ilha de Santa Catarina, SC: Editora Mulheres. 2014.

TOURAINÉ, A. **Juventud y democracia e Chile.** Última Década, Valparaíso, n. 8, p. 71-87, mar. 1998.

APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Nome do Pesquisador: Leidiana do Nascimento Pinto.

Nome da Orientadora: Dra. Camilla Araújo Lopes Vieira.

Caro(a) participante,

Você está sendo convidado(a) a participar de uma pesquisa intitulada: “Quais os significados e sentidos do futebol feminino para as juventudes atendidas pela Estação Juventude em Sobral - CE”.

Você não deve participar contra a sua vontade. Leia atentamente as informações abaixo e faça qualquer pergunta que desejar, para que todos os procedimentos desta pesquisa sejam esclarecidos.

Venho por meio deste termo, solicitar sua participação. Caso concorde em participar, os princípios éticos da beneficência, não maleficência e autonomia, previstos pela Resolução 466/12 do Conselho Nacional da Saúde que trata de pesquisa com seres humanos serão integralmente preservados. Sua identidade será completamente preservada e as informações obtidas pela sua participação não permitirão a identificação da sua pessoa, exceto aos responsáveis pela pesquisa, além disso, a divulgação dessas informações só será feita entre os profissionais estudiosos do assunto. Não haverá nenhum tipo de pagamento pela sua participação nessa pesquisa. Será garantido o direito de retirar seu consentimento em qualquer etapa se assim o desejar, sem nenhum tipo de prejuízo ou ônus a você. A pesquisa objetiva um debate sobre os Significados e sentidos do futebol feminino para as juventudes, em especial os jovens que são atendidos pelas políticas públicas na cidade de Sobral - CE, no Programa Estação Juventude.

Se você sentir algum constrangimento e/ou desconforto com algum questionamento da entrevista, esta será interrompida ou encerrada caso você solicite. Você também pode solicitar a desistência da participação a qualquer momento sem nenhum prejuízo a você. Além disso, todas as informações obtidas serão sigilosas e os dados guardados em local seguro.

Os dados resultantes dessa pesquisa serão divulgados junto à comunidade científica, sendo respeitado o caráter confidencial das identidades dos participantes. Como benefícios, este estudo pode proporcionar uma reflexão maior acerca das juventudes atendidas pelos programas e projetos sociais, podendo colaborar na melhoria das Políticas Públicas de Juventude com vistas ao fortalecimento dos programas e projetos para o público juvenil.

Ao assinar, afirmo que fui informado(a) dos objetivos da pesquisa e de outras informações supracitadas, bem como orientado(a) sobre as diretrizes de prevenção a serem seguidas, além dos protocolos municipais sanitários e de segurança relacionado a prevenções de infecções virais de maneira clara e detalhada, que se referem a: distanciamento de 1,5 metros entre pessoas; exigência do uso de máscaras para todos; contato físico será evitado, bem como, tocar os próprios olhos, boca e nariz; a higienização das mãos será incentivada na lavagem de mãos ou higienização com álcool 70% antes e após o contato com os participantes, bem como no manuseio de objetos de coleta coletivos. Informo ainda que fui orientado a respeito do método que será utilizado. Sei que em qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão se assim eu desejar e que as informações obtidas serão utilizadas apenas para fins científicos vinculados ao presente projeto de pesquisa.

Endereço da responsável pela pesquisa:

Nome: Leidiana do Nascimento Pinto

Instituição: Universidade Federal do Ceará—Campus Sobral

Endereço: Rua Vereador Domício Pereira, 742 — Antônio

Carlos Belchior, Sobral **Telefones para contato:** 88- 9 9987-2529

ATENÇÃO: Se você tiver alguma consideração ou dúvida, sobre a sua participação na pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual Vale do Acaraú – Av. Comandante Maurocélvio Rocha Ponte, 150, Derby Clube, Sobral, Ceará. **Fone:**88-36711-4255.

O CEP da Universidade Estadual Vale do Acaraú é a instância responsável pela avaliação e acompanhamento dos aspectos éticos de pesquisas envolvendo seres humanos.

Eu, _____, _____ anos, RG/CPF: _____, declaro que é de minha livre e espontânea vontade ser participante nesta pesquisa. Declaro que li cuidadosamente este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e que, após sua leitura, tive a oportunidade de fazer perguntas sobre o seu conteúdo, como também sobre a pesquisa, e recebi explicações que responderam por completo minhas dúvidas. E declaro, ainda, que estou recebendo uma via assinada deste termo.

Sobral – CE, ____/____/____

Nome do participante da pesquisa

Assinatura do participante

Nome do pesquisador

Assinatura do pesquisador

APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO: SOCIOECONÔMICO E FAMILIAR – JOVENS

Formulário sem título

Perguntas Respostas 12 Configurações

Perfil Socioeconômico e Familiar

Por gentileza, solicito que responda o questionário a seguir que apresenta apenas questões referentes aos seus dados socioeconômicos e familiares. Não é necessário indentificar-se. As questões irão colaborar no levantamento do perfil das e dos jovens envolvidos na pesquisa. Se houver qualquer dúvida no preenchimento, por favor, contate-me.

E-mail*

E-mail válido

Este formulário está coletando e-mails. [Alterar configurações](#)

1. Sexo:

Masculino

Feminino

2. Qual é a sua idade?

Texto de resposta curta

3. Estado Civil:

Solteiro

Casado ou com companheira(o)

Separado ou divorciado

Viúvo(a)

4. Você está estudando atualmente?

Sim

Não

5. Se não está estudando ou nunca estudou, diga o por quê?

Texto de resposta curta

6. Se sim: em que série ou ano você está? Se não. Até que ano da escola estudou?

Texto de resposta longa

7. Faz algum curso profissionalizante?

Texto de resposta curta



8. Tipo de moradia:

Própria

Alugada

Cedida

9. Quantas pessoas residem em sua casa? (incluindo você)

Texto de resposta curta

10. Tem telefone celular e acesso à internet?

Sim

Não



11. Você tem filho (s)?

- Sim
- Não

12. Se sim: Quantos filhos (as)?

Texto de resposta curta

13. Você exerce algum tipo de atividade remunerada? Qual? Quanto recebe ao mês?

Texto de resposta longa

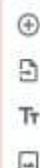


14. Somando a sua renda (caso tenha), com a das pessoas que moram com você, de quanto foi aproximadamente a renda familiar no mês passado?

Texto de resposta curta

15. Você se identifica com alguma religião?

Texto de resposta curta

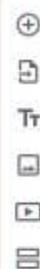


16. Qual a sua cor ou etnia?



Múltipla escolha

- Branca
- Parda
- Negra
- Indígena
- Amarela
- Outra
- Não sabe
- Adicionar opção ou [adicionar "Outro"](#)



APÊNDICE C - PERGUNTAS PRÉ-DEFINIDAS A PARTIR DOS OBJETIVOS DA PESQUISA

1 – Fale um pouco sobre sua relação com a Estação Juventude. Você gosta de participar da EJ? Quais atividades você participa? Qual projeto você mais gosta na EJ? O que você gosta de fazer na EJ?

2 – Você se sente acolhido na EJ? Com quantos anos você começou a participar da EJ?

3 – O que significa a EJ para você? Existe debate sobre temas diversos? Se sim quais você lembra?

4 – Existe prática de esporte na EJ? Se sim quais os esportes?

5 – Qual sua visão sobre as mulheres praticarem esportes? E os esportes que tem na sua maioria meninos?

6 – Qual esporte você acha que as meninas devem praticar?

7 – Você conhece meninas que jogam futebol?

APÊNDICE D – ENTREVISTAS

Estação Juventude Recanto II

A segunda Estação Juventude inaugurada em 2014, no bairro Novo Recanto II, o equipamento foi o primeiro do Brasil mantido com recursos municipais. O bairro é dividido no Recanto I e Recanto II, uma vila de casas de conjunto habitacional. O Recanto II além da estação juventude a comunidade conta com a creche para crianças e uma quadra para o desenvolvimento do esporte e lazer. Na área da saúde a comunidade dispõe de uma unidade de saúde com equipe de médicos enfermeiros, agentes de saúde e dentista. O Centro de Referência da Assistência Social – CRAS Irmã Oswalda Chaves tem sua sede no bairro vizinho, referenciando também o bairro Recanto. O Recanto também abriga a sede da empresa Grendene, que a quase 30 anos encontra-se na cidade.

No dia 06 de outubro de 2021, quarta-feira as 15:30 horas, importante destacar que o dia e horário foi de comum acordo com os jovens e a pesquisadora, no momento da chegada fui recepcionada pelos profissionais da estação juventude, os dois foram muito solícitos conosco, nos deixando bem à vontade para as entrevistas com as três jovens selecionadas pela gerente da Estação. No momento das entrevistas acontecia a aula do EJA- Educação de Jovens e Adultos, uma parceria da Estação com o SESC, muitos moradores concluíram o ensino fundamental e médio através dessa modalidade de ensino. Os demais cômodos estavam livres.



Fonte: própria

1 – Fale um pouco sobre sua relação com a Estação Juventude. Você gosta de participar da EJ? Quais atividades você participa? Qual projeto você mais gosta na EJ? O que você gosta de fazer na EJ?

Neuza: Eu morava no Residencial Meruoca e não tinha tanto contato com a estação, mas o contato que tive, eu pude perceber que me acolheu muito bem, questão de projeto, até meus irmãos já participavam dos projetos daqui, no caso o meu irmão na capoeira e minha irmã no balé. Então realmente a estação acolhe de certa forma o jovem. Eu fiz o curso de agente administrativo que funcionou no CRAS, mas foi através da estação.

Pia: Assim né, eu ainda não tenho muito o que falar, até porque sou uma pessoa nova aqui, mas eu trago a relação do meu namorado né, ele é bastante ativo aqui, ele sempre fala muito bem e dá pra mim ver também pelo pouco que fico visualizando aqui que aqui é uma estação bem mais ativa do que dos outros bairros, é uma estação que tá ali procurando, as pessoas vão nas casas de cada um procurar, saber se a pessoa tá interessado em fazer, de vez em quando ofertam cursos ele vão e é muito diferente.

Ana Thais: Eu já moro aqui há muito tempo, eu nunca tinha participado de nada, agora tô participando meu menino tá participando da capoeira o meu menor de 6 anos, aí eu comecei, arranjei um emprego e vim parar aqui dentro né na estação da juventude, tô achando ótimo meu trabalho, o que faço todo dia né, pronto é isso.

2 – Você se sente acolhido na EJ? Com quantos anos você começou a participar da EJ?

Luciana: Eu ajudo muito aqui quando tem as coisas, vou nas casas, pergunto, prefiro tá na estação do que tá em casa sozinha, mas realmente eu tô aqui e acho ótimo a estação tu acredita, melhor do que tá em casa, meus menino não moram mais eu, eles não moram mais eu, meus dois menino, moram mais minha mãe, eu fico sozinha, doze e meia já tô tomando banho pra mim vim pra cá, os meninos dizem assim, tu chegou doze horas, eu digo não eu cheguei nesse instante, aí eu adoro

3 – O que significa a EJ para você? Existe debate sobre temas diversos? Se sim quais você lembra?

4 – Existe prática de esporte na EJ? Se sim quais os esportes?

Ana Thais: capoeira, futebol do sesc, que o pessoal daqui organiza

5 – Qual sua visão sobre as mulheres praticarem esportes? E os esportes que tem na sua maioria meninos?

Neuza: eu acho maravilhoso, eu particularmente jogava na seleção de Santa Quitéria de vôlei, participei de alguns campeonatos na escola, sou medalhista, tenho algumas medalhas (risos) então assim é muito interessante e acaba de certa forma quebrando um pouco o que a população impõe das mulheres serem sexo frágil, só os homens terem né alguns benefícios, então assim, mais uma vez as mulheres mostrando serem capazes né de ocupar o lugar que elas querem e é isso. O vôlei me trouxe muitos benefícios, não só eu, mas as meninas que jogaram

Neuza: Eu acho que de certa forma já estão se acostumando né, a mulher hoje em dia tá ganhando um grande espaço na sociedade, então assim de certa forma eles tem que se acostumar né com as mulheres aí na ativa.

Pia: concordo plenamente com tudo que ela falou, eu participei, mas não foi de vôlei, foi do futebol feminino, mais foi na Vila União, como falei, lá não tem muita interação, lá as pessoas não se movimentam, tem ideia, tinha toda quinta, não era toda terça e toda quinta, era no CRAS, tudo que envolve a população de lá era mais no CRAS, praça da juventude já meio restrita, não tinha time formado, era mesmo as meninas que chamava bora pra praça do CRAS nós ia, quando começou o pessoal querer levar a sério, começou, foi o tempo que colocaram fogo lá tentaram incendiar o CRAS, aí o pessoal se desleixaram mesmo.

Pia: Já são taxadas de Maria sapatão a maioria, isso é bem comum. Assim os jovens hoje em dia já estão com a cabeça bem mais aberta em relação a isso, mas é mesmo a criação deles, tem os pais que diz ó, futebol é só pra homem, são poucos os pais que aceitam as meninas jogar bola.

Ana Thais: mulher eu jogava muito nas áreas do rio, não vou mentir (risos) só brincadeira mesmo, aí nós formemos um time mesmo nas marrecas né, até que as outras concluíram, eu não concluir não, era eu morava nas marrecas, aí pronto, elas ficaram.

6 – Qual esporte você acha que as meninas devem praticar?

Neuza: Todos. Os que eu se identifique mais

Pia: Todos

7 – Você conhece meninas que jogam futebol?

Neuza: Conheço sim, mas não sou tão próxima

Pia: Conheço sim, não sou mais ativa no futebol, mas

Ana Thais: Conheço lá no sertão

Estação Padre Albani – Cohab I

Em 2016 através de uma emenda parlamentar a terceira Estação Juventude foi inaugurada, desta vez no bairro Cohab I. O bairro faz parte do grande Sinhá Saboia que é cercado pelos bairros Cohab I e Cohab II. O grande Sinhá Saboia é considerado um dos maiores bairros de Sobral, o bairro conta com grandes empresas e muitos pequenos negócios na área do comércio. A Cohab I além contar com o equipamento estação juventude a comunidade conta com creches, escolas de ensino fundamental e médio, quadras, praças e parques. Na área da saúde a comunidade dispõe de uma unidade de saúde com equipe de médicos enfermeiros, agentes de saúde e dentista 24 horas O Centro de Referência da Assistência Social – CRAS Mimi Marinho tem sua sede no Dom Expedito, porém atende também ao grande Sinhá Saboia.

Realizamos as entrevistas no dia 04 de outubro de 2021 na estação juventude da Cohab I, ao chegar na estação as 19:30 horas, fomos recepcionados pelo diretor do equipamento e observamos que a estação estava bem animada, pois naquele dia acontecia uma batalha de rima entre os jovens, a rima é um elemento do Hip Hop e é uma atividade potente na estação da Cohab I. É importante mencionar que a estação juventude recebeu o nome de Padre Albani Linhares, que foi referência religiosa para a população daquele bairro. O espaço que funciona hoje a estação é marcado literalmente por histórias de vidas reais. Antes de receber a estação o espaço era uma delegacia que recebia presos que permanência ali por dias ou até meses. Hoje as marcas das escritas dos presos permanecem nas paredes da estação juventude.



Fonte: própria

1 – Fale um pouco sobre sua relação com a Estação Juventude. Você gosta de participar da EJ? Quais atividades você participa? Qual projeto você mais gosta na EJ? O que você gosta de fazer na EJ?

Renata: Então, eu venho pra cá sempre quando tem alguma oficina ou alguma apresentação, algum evento né, que eu sempre venho. Desde o começo que inaugurou que venho. Eu acompanhava o arte dance, né, só olhava mesmo, eu até tentei, eu ia pros ensaios só que não, eu só olhava mesmo. Eu fiz uma oficina que eu super gostei que foi de sobancelha, foi um dia todo, foi no ano passado, foi nao, foi antes da pandemia também.

Léa Campos: Eu tô desde o começo. Aí eu vim com a capoeira no começo aí a capoeira acabou aí eu me afastei, aí começou a swingueira aí eu comecei aí acabou de novo, aí agora quando retornou né por conta da pandemia, eu venho quase todo dia, venho pra sala de games. Eu gostava da swingueira mas como não tem mais, aí é só a sala de games.

Raquel: Não sei, já faz uns três a quatro anos que frequento a estação. Já fui protagonista da sala de game, tomando de conta da sala a tarde e participei de grupo de dança e fui como um dos representantes junto com o Leandro na inauguração da sala de games da vila união, participava da estação swing. Eu só não estou frequentando hoje porque eu estou trabalhando agora, de manhã eu tô livre aí no período da tarde quando a sala abre no período de três horas, né, aí é o horário que eu entro no trabalho. E o projeto assim que eu mais gostei mesmo foi o tempo do grupo de dança né, que aproximavam mais da estação, que eu só tinha mais contato com a sala, aí a estação Swing aproximou mais do pessoal. Um dia eu estava no período da manhã, quando eu não trabalhava eu participava da sala de games, aí foi tempo que veio umas

crianças da APAE e a gente teve que direcionar elas de como elas era o primeiro contato delas com o vídeo game.

2 – Você se sente acolhido na EJ? Com quantos anos você começou a participar da EJ?

Renata: Só que a estação é um lugar bem aberto né, eu acho, aqui vem todos tipo de pessoa, não tem nenhum preconceito com nada não, é um lugar bem acolhedor.

Sim. Eu acho que eu tinha que quinze

Léa Campos: Sim. Passo a tarde aqui. Eu já fiz a metade do curso de marketing parei porque eu viajei.

Raquel: Demais, eu comecei com quinze, dezesseis anos, por aí eu acho.

3 – O que significa a EJ para você? Existe debate sobre temas diversos? Se sim quais você lembra?

Renata: Acho que é acolhimento, é acolhimento que o povo vem pra cá passa o tempo, passa a tarde aqui dentro daqui. Teve muitas rodas de conversar, eu lembro de um que foi ali na sala que tinha o balé, que tinha um monte de imagem assim, e o povo ia conversando.

Léa Campos: É acolhimento, esquece o problema aqui, se diverte, fazer as atividades que tem, mais um local de divertimento, pra se divertir. Já teve já, se eu não me engano já teve sobre doenças sexualmente transmissíveis, uma dessa que foi até na sala de games, teve várias, só não lembro o tema, mas teve.

Raquel: Ah é uma segunda casa, o jovem hoje em dia a mentalidade é de beber, usar drogas, essas coisas e tal, a estação já acolhe pra direcionar outras coisas. Se eu não me engano eu participei com as protagonistas da universidade, passou uma semana aqui. Não sei se era cultura, alguma coisa assim, o que a gente pensa sobre o futuro. Aí eu já deixei de participar muitos por causa do trabalho, esses dias está tendo aqui sobre o LGBTQI +. Só que é no período da noite, eu trabalho.

4 – Existe prática de esporte na EJ? Se sim quais os esportes?

Renata: Já tentei fazer capoeira um tempo, só que sou muito desengonçada, eu lembro que teve um tempo que aqui tava tendo era carimba, eu tava jogando.

Léa: Capoeira tá voltando agora, pra mim, capoeira é dança, então tinha capoeira e karatê

Raquel: Teve um tempo que eles fizeram um torneio de futsal, aí teve um torneio de peteca, se eu não me engano, de vez em quando no sábado eles ficam chamando as pessoas pra ficar brincando aqui de queimada na frente. De esporte, vai ter também os meninos da capoeira.

5 – Qual sua visão sobre as mulheres praticarem esportes? E os esportes que tem na sua maioria meninos?

Renata: É só falta de oportunidade, quando as coisas começarem a aparecer. Eu gosto, eu jogava na escola, tem coisa só de meninas né, na escola tinha muito, as meninas jogavam. É bom, eu acho que quanto mais coisas vem, mais oportunidades se abrem, quanto mais pessoas vem, entendeu?

Léa Campos: Eu acho legal, era pra ter mais, era pra ter era aqui, porque tem muita menina que frequentar aqui que gosta, só que não tem. A maioria das minhas amigas gostam mais é de futsal. Mas ações né mais jovens, ia vim até mais jovens, que agora com o retorno tá vindo menos gente que vinha antes da pandemia.

Raquel: Bom hoje em dia a mulher se encaixa no que ela se adaptar né, se ela acha que ela pode jogar futebol, ela joga, se ela acha que dar pra pegar num pesado, ela pode pegar pesada, eu acho na minha visão que ela tem que estar onde ela se achar mesmo, se adaptar, se achar melhor ficar. E hoje em dia ainda está mais fácil da gente ver a mulher jogar futebol, jogar basquete, essas coisas e tal, aqui em Sobral tem um time feminino, vários times.

6 – Qual esporte você acha que as meninas devem praticar?

Renata: O que quiserem né, o que sente vontade. Acho que hoje as pessoas estão aceitando mais entendeu? Tá sendo uma coisa mais normal agora.

Léa Campos: O que quiserem, a escolha é delas. É acho que não tá tedno muito preconceito não.

Raquel: Eu acho que hoje em dia não tem aquele esporte específico pra cada um não, a gente vê muito aí time de futebol feminino, basquete feminino, vôlei.

7 – Você conhece meninas que jogam futebol?

Renata: Conheço, mas só de vista mesmo

Léa Campos: Conheço amigas que jogam

Raquel: Eu conheço o conhece vários

Estação Mucambinho - Tamarindo

Segundo relato de moradores, o bairro está relacionado ao fato de que há algumas décadas várias pessoas que estavam fugindo da seca fizeram daquela área sua morada. O nome Tamarindo decorreu da existência de muitos pés da fruta tamarindo. Aos pouco a comunidade foi se formando. Em termos de infraestrutura, o bairro conta com saneamento básico, com sistema de esgoto, de abastecimento de água e de coleta de lixo. No bairro Tamarindo, podemos observar diversos prédios que funcionam como comércio, na maioria são oficinas, ou ponto de vendas de peças para carro e moto. O bairro também conta com casas em ruas mais próximas ao rio Acaraú que deixa claro o baixo padrão socioeconômico da área. Em relação aos espaços de lazer, a comunidade dispõe de uma praça, o parque mucambinho que tem quadra de basquete e campo de futebol, além da sede da associação comunitária. A Estação da juventude Mucambinho ou Tamarindo, situado entre os bairros Centro e Santa Casa, foi a primeira estação a ser inaugurada em Sobral no ano de 2013, por meio de cooperação entre governo federal e órgãos ou entes federados, sob forma de convênio com duração de dois anos, o espaço tinha sido ocupado pela guarda municipal, era chamado de guarita da guarda, um local de apoio para os guardas municipais que circulavam naquela região. O bairro Tamarindo era marcado pela disputa e conflitos entre os jovens do bairro vizinho, divididos apenas por uma rua.

As entrevistas com os jovens do Tamarindo, aconteceu no dia 03 de novembro de 2021, às 19:30 horas e teve duração de 40 minutos. Encontramos algumas dificuldades com esse último encontro, uma das dificuldades foi encontrar o equipamento fechado, segundo relato dos jovens a estação não tinha previsão para o retorno das atividades presenciais, outro desafio encontrado foi o tempo disponível dos jovens, nesse caso todos trabalhavam em turnos distintos. O encontro se deu virtualmente através da plataforma Google Meet.



Fonte: própria

1 – Fale um pouco sobre sua relação com a Estação Juventude. Você gosta de participar da EJ? Quais atividades você participa? Qual projeto você mais gosta na EJ? O que você gosta de fazer na EJ?

Cristiane: A minha ligação com a estação do Mucambinho é gigante. Gigante. Eu sou um jovem que nasci no Tamarindo. Nasci na garagem do Seu Genésio ali na rua da rodoviária, do estacionamento da rodoviária. E então me criei lá só que foi criado por vó, né? Não tinha tanto acesso a rua assim, era um menino mais de casa, não saía tanto, conhecia alguns amigos. fui morar no Jaibaras, depois voltei. E assim, é uma coisa que eu já morei em vários bairros, mas o meu coração sempre teve o Tamarindo, como tem até hoje, quem mora lá sabe toda a oportunidade que eu tenho volto lá. Então, ter a oportunidade de vivenciar a estação do Mucambinho, ver os projetos acontecer porque enquanto jovem, enquanto ensino fundamental e já participei de tantos outros projetos e tantos outros, é vamos dizer assim, planos entre aspas, tantos planos da prefeitura como de gestores e assim não acontecia, não tinha a prática, você não via acontecer, você não via o negócio funcionar e ir pra frente, e a estação foi onde eu vi tudo acontecendo a minha frente, ver todo mundo participando, não só eu como os meus amigos, aquela expectativa de estar lá, de participar, hoje vai ter pintura, hoje vai ter uma aula de informática vamos, cinco horas vai ter um vôlei, é depois vai ter o futebol, né? Então é bom demais participar e ver que a estação, assim, foi um sucesso e todos os jovens queriam tá lá e queria saber de participar realmente perguntava para a Ada, Licélia, Amanda, Cibele e a

gente perguntava e aí o que que vai ter? Segunda? Terça? Quando é isso? então é muito importante pra ocupar a mente dos jovens que lá estão, a minha também é a gente ter uma perspectiva né? Aprender uma coisa nova dentro do nosso bairro, coisa de até então eu ouvia falar fizeram uma pracinha tal mas não funcionava, não rolava, não tinha projetos e a estação do Mucambinho ela foi dessa forma, foi pra, é concretizar sonhos mesmo de criança, de ver projetos funcionando dentro da nossa comunidade, ali do jeito que eu tava na minha casa, eu passava ali beco, o Mateus já morava ali de frente. A Neiva já foi vizinho, a gente cruzava ali o bequinho, coisa de uma rua, já estava ali na estação já era aquela expectativa toda aí, eita hoje vai ter futebol, vai ter isso. Então foi muito bom, muito importante nesse sentido, de ver realmente funcionando, é um negócio que funciona e está aqui a um passo de casa.

Formiga: Então assim, a relação com a estação da juventude ela sempre foi ótima porque eu particularmente ali, eu vi o projeto sair realmente do papel, certo? a estação ela é, eu ia falar ela foi mas hoje ela existe né? Ela é de fundamental importância né, pra galera aí gente jovem, de fundamental importância por quê? Porque ela trabalha com a cultura, trabalha com esporte, trabalha com a diversidade, certo? E hoje eu tava até comentando com a Leidy, hoje o nosso governo aí o federal ele não apoia muito essas áreas certo? Então era um campo também de refúgio sabe? O pessoal chegava da escola é como Felipe falava a maioria chegava na estação pra saber o que tem pra hoje, vôlei, futebol, então ali era um refúgio, os torneios, as atividades né, pra elas, então assim a relação sempre foi ótima. Hoje eu tô meio distante devido trabalho, algumas circunstâncias, né? Mas de vez em quando eu vejo projetos por aí, eu vejo a galera falando bem. certo? E é isso, é ótimo. Teve momentos muito legais, né? Momentos legais de esporte, de competição saudável com os amigos.

Formiga: Bom, eu cheguei a ser a gente jovem, né, na época do Franzé, eu ajudava mais, jogava um vôleizinho, eu era mais aquele que fica nos backstage da vida, ficava ajudando ali que dava apoio as meninas, na noite cultural era um exemplo né, eu sempre dava muito apoio, gostava de jogar um vôleizinho, sempre dava ali. Mas eu particularmente gostava de jogar vôlei.

Formiga: A estação era uma guarita dos guardas municipais, eu cheguei a participar, não lembro direito, com quatorze ou quinze anos.

Edina: Assim diferente dos meninos, eu não tava ali muito presente na estação, né? Mas eu ouvia muito falar porque o meu irmão ele, o Leivo Jr, já ia muito pra lá, né? Os meninos falando aí das tias da tia Cibele, eu lembro muito dele falando, mas eu cheguei aí lá eu fui lá algumas vezes pra aulas de computação, pra aulas de danças, tinha até um professor Leandro. E é como os meninos estão falando né, a estação ela veio principalmente pra tirar os jovens, né? De outros caminhos e pra fazer com que eles de certa forma começassem a gostar dali, pra unir muitos jovens né? E assim eu lembro também de alguns eventos que aconteceram, tinha muitos eventos inclusive até um deles, né, foi da Miss Mucambinho, foi eu ganhei o miss mucambinho? É só isso mesmo.

2 – Você se sente acolhido na EJ? Com quantos anos você começou a participar da EJ?

Cristiane: Eu ia pra lá antes de abrir as vezes. eu gostava de conversar com o pessoal, ficava lá sentado, eu gostava de conversar, pra vocês terem uma ideia, eu hoje sou empregado da Santa Casa há quase 6 anos, adivinha onde eu fiz a seleção de jovem aprendiz? De quem que eu escutei? Das meninas lá, da Cibele, da Licélia, porque elas colocaram lá o aviso, claro que eu já era, eu era me considero, né? Evidentemente falando, mas eu já era um jovem antenado, Mas assim, acesso a computador não tinha, é difícil pra gente. Então, ali tinha 10 computadores, era chegar, esperar a sua hora, cada um. Claro que naquela época a gente queria mais era jogar. Mas também tinha essa questão de pesquisa incentivando a pensar no futuro. Mas foi lá aonde eu vi essa seleção de jovem aprendiz da santa casa.

Edina: Eu tinha quinze anos quando comecei lá, das poucas vezes eu fui lá me sentia muito acolhida, pelas pessoas de lá que tomavam de conta.

Formiga: A Guarda-Mirim eu já vim antecipadamente, não foi diretamente lá, só que teve outras coisas muito é como é que eu posso falar, muito relevante na minha vida e a estação ela fez uma ponte, por exemplo, fiz vários cursos no Ecoa, né? Certo. Sobre a área deixa eu ver, artes, né? Mexer com a sonoplastia mexer com a iluminação cênica, certo? Foi uma coisa que a estação ela fez uma ponte, eu fui fazer o curso de iluminação cênica, toda aquela iluminação que tem no teatro. Então isso ali foi uma coisa que somou na minha vida. Eu particularmente trabalhava antes com evento.

3 – O que significa a EJ para você? Existe debate sobre temas diversos? Se sim quais você lembra?

Cristiane: Não lembro exato não mas foi com dezesseis dezessete, era porque era guarita aí depois a estação da juventude, pronto tá uma das principais revolução na comunidade do tamarindo que eu acho foi realmente essa, mesmo com os guardas que estiveram lá que hoje acredito até que o Mateus conhece porque tem um contato até porque a gente foi guarda mirim, tem o contato mais próximo e conhece ele já de farda na instituição mas assim, a principal revolução em si da estrutura é essa olhar como é a guarita dentro do tamarindo era aquela coisa né? Diante mão você olha vê o negócio ah é polícia, aí tem aquela visão do jovem, eu não sou nem marginal, tenho nem idade pra fazer coisa errada, mas dos meninos olharem, já era motivo de ficar longe, ali é os policiais, você escutava muito isso, mesmo os guardas de lá serem gente boa, sentava, conversava, mas passando aquela toda aquela mudança de questão, de grafite, de cursos, pra mim era a principal mudança da questão da estrutura é isso, é você olhar pra antiga guarita e considerar, até os meninos falavam e aí tia como é que está a guarita? Guarita não, estação da juventude, aí foi pegando, virou um local onde a gente chegava disse assim, não, aqui é nossa, aqui realmente tem brincadeira, tem isso, tem aquilo, tem projetos, tem jogos, né? Não é mais um local que a gente tinha distância, a gente queria manter aquela coisa toda.

Cristiane: A gente teve momentos legais com o Igor e teve também não lembro bem com o nome exato do momento que era, mas era um momento que a gente juntava, foi o Igor que promoveu assim uma de frente, mas era um momento que juntava era autoridades de certas áreas, por exemplo, alguém da segurança pública, alguém da saúde, juntava a comunidade, né? tinha a mãe do Mateus, os mais velho que a gente, os mais jovem e era um momento legal que todo mundo falava assunto as autoridades, Como é que é a visão da segurança? Tinha esses momentos, vamos dizer assim é geral de determinadas reuniões tinham os dias, né? Hoje é só segurança pública, hoje é uma pessoa da saúde, lembro de ter participado.

4 – Existe prática de esporte na EJ? Se sim quais os esportes?

Edina: Eu não praticava nada não, mas eu via os meninos jogando na areia

Felipe: Ah o futebol é disparado o melhor, todo dia, cinco horas mas o vôlei por exemplo é praticar várias esposas, ainda joguei basquete, futebol, agora lá o que empolgava-se muito era futebol.

Formiga: Antes é porque assim antes a gente jogava lixo pro Dinorah Ramos era aquele jogos escolares lembram? Aí foi difícil, nessa época a gente pegou o Luciano e o Santana. Mas também olha só a relevância da cultura né, e tinha um hip hop, capoeira tinha um cinema na época do Franzé.

5 – Qual sua visão sobre as mulheres praticarem esportes? E os esportes que tem na sua maioria meninos?

Cristiane: Acabou esse negócio de machismo, é pessoas, né? Não só homens, mas acredite, tem mulheres também que tem bastante preconceito, mas, é um pensamento em geral do homem, mulher, seja o que for, babaca. Isso aí é pra gente colocar isso aí no caixão. Eu acredito que já também participando de projetos como esse, tanto na estação como na minha vida toda, eu sempre procurei, ensinar a fazer de time misto, né, que a gente chama de misturar mulheres com homem, sempre protegendo, sabendo que a minha força física é maior, mas é não deixando, mas sabendo que a mulher ela pode competir, ela pode, agora eu não posso é ser desleal, é claro que o uso é mais pontal, se eu jogar mais forte acaba machucando, mas que a mulher sempre tem o seu lugar. Pra mim tem como a gente vê com o jogo da seleção hoje em dia, vá vê um jogo da seleção feminina é muito mais atraente de do que da seleção masculina, esquece negócio de Neymar, na bola jogando mesmo, as meninas são até melhores que os homens.

Formiga: É como Felipe falou, acabou o pensamento antigo é um pensamento ignorante que é o machismo sabe? A mulher ela deve chegar até onde ela quiser, principalmente no esporte né, a gente tem exemplos hoje é tipo a Marta, né, se eu não me engano, marcando de boa, enfim, a gente tem vários exemplos certo, e é muito interessante isso, sabe, mulher deve jogar bola sim, deve praticar esporte, deve fazer o que bem entender, inclusive só pegando o gancho do Felipe, acabou esse pensamento machista, a vida tem que ser vivida mesmo, tem que fazer suas escolhas, agora quero ir pra Aeronáutica, quero ser uma jogadora. Acabou se bem que hoje na política em si a maioria do serviço as mulheres está com mais do que os homens.

Edina: Bom fiquei muito feliz de ficar ouvindo a opinião dos meninos, saber que os pensamentos deles tá muito evoluído, tá melhor graças a Deus, e o que eu tenho a dizer é o mesmo pensamento deles e a gente deve incentivar as pessoas, principalmente as mulheres porque algumas mulheres tem receio, né, as vezes até gostam, mas tem receio que os homens vão falar e assim, o que eu acho é que a mulher pode procurar onde ela quiser. Então é jogando bola e assim não é uma coisa que eu goste, mas é uma coisa a se admirar né.

6 – Qual esporte você acha que as meninas devem praticar?

Edina: O que ela quiser

Formiga:

Cristiane:

7 – Você conhece meninas que jogam futebol?

Edina: Eu conheço uma pessoa que é apaixonada pelo futebol, que é a Camila, ela participava da estação, ela é apaixonada pelo futebol, na escola, eu estudei com ela lá na Lysia.

Formiga: Conheço várias

Cristiane: Conheço a Camila

Estação Caiçara – Nova Caiçara

Ainda em 2016 foi inaugurada a Estação Juventude no Residencial Nova Caiçara. O bairro é novo na cidade, fruto do Programa minha casa minha vida de iniciativa do Governo Federal. Dados da prefeitura de Sobral, o bairro conta com mais de 15 mil famílias residindo nos apartamentos adquiridos através do programa popular. A comunidade conta com um baixo padrão socioeconômico e encontra dificuldades de locomoção, visto que o bairro se torna longe de alguns equipamentos centralizados no centro da cidade. Em relação aos espaços de lazer, a comunidade dispõe de uma praça, escolas e creches próximas. O CRAS

também atende, mas com sede em outro bairro. A Estação da juventude encontra-se fechada desde 2019 e não tem data de retorno, um ponto negativo segundo os jovens entrevistados.

As entrevistas com os jovens do Caiçara, aconteceu no dia 09 de outubro de 2021, às 19:30 horas e teve duração de 40 minutos. Pela distância de ir até o bairro e EJ fechado foi de comum acordo que o encontro acontecesse virtualmente através da plataforma Google Meet.



Fonte: própria

1 – Fale um pouco sobre sua relação com a Estação Juventude. Você gosta de participar da EJ? Quais atividades você participa? Qual projeto você mais gosta na EJ? O que você gosta de fazer na EJ?

Marta: olha, é, hoje em dia, a estação da juventude não está ativa, quando era ativo, tanto a gente participava da estação da juventude em si, ou como outros projetos que a gente participar era feito no espaço onde era a estação da juventude né, e aí eu lembro que foi quando teve o projeto viver jovem na época que foram feitas ações culturais, no qual eu fui miss Caiçara na época e aí teve também tinha torneios, que a gente participou, teve várias coisas, teve oficina, passeio muita coisa nesse tipo. A gente sempre quando tinha data comemorativa como festa junina agente enfeitar colocava bandeirinha dia da mulher a galera fazia alguma coisa sabe? Era de certa forma um refugio. Não tem pra onde correr, eu gostava da noite cultural, tinha todo aquele rolê, tinha torneio o dia todinho, tinha um pessoal super

alegre, tinha música, tinha apresentação de dança, coisa que menino gosta, menino gosta de uma zuada.

Tamires: Até por que querendo ou não a gente pode dizer que era meio que é está bom e uma forma de conhecer pessoas conhecia. tinha acabado de chegar aqui. Era uma coisa bem recente pra gente, né? Então a estação da juventude e outros projetos sociais que vieram pra cá nessa época é uma forma das pessoas começar a interagir melhor, tanta a gente como jovens, crianças e adolescentes participar naquela época como até mesmo os outros familiares que estavam ao redor porque muitas vezes eles ia lá pra ver se o a gente estava ou não como é que era ficar aqueles projetos. A prática de esporte é uma coisa que até hoje eu entendo muito, nesse instante nesse instante eu estava na aula e já estava vindo direto pra casa já pra me arrumar e sair de novo.

Amandinha: Bem quando eu fiz parte da estação da juventude mais conhecida como ITJ, eu tinha uma vivência bem boa, tipo com novas oportunidade de conhecimentos que eu não tinha antes né, além dos projetos que eles traziam e tudo mais. Aí ocorreu vários projetos, tinha dança, tinha pra falar sobre a cultura mesmo dentro do bairro e tudo mais, eles traziam mais essa pra gente ter esse conhecimento, conhecimento amplo da vida das políticas públicas e tudo mais.

2 – Você se sente acolhido na EJ? Com quantos anos você começou a participar da EJ?

Tamires: Eita agora foi bem complicado, acho que quinze, dezesseis, por aí. A princípio antes da juventude eu era agente juvenil do teias, aí quando o primeiro projeto a vim pra cá foi o teias né, que era coordenado pelo nosso coordenador Chiquinho, o orientador social daqui é o PH, mais conhecida como bicha poética, ai quando veio a estação da juventude, veio através da Inês, do Rogers da Fernanda, de certa forma veio pra abranger nossos conhecimentos.

Amandinha: É uma coisa que eu gostava bastante era das companhias que você sentia se sentia bem acolhido pra ser sincera tanto pelo as pessoas que estavam instruindo nós, quanto pelas pessoas que estavam ali presente para ser instruídas, você sentir um laço bem forte, bem amplo entre essas pessoas, era uma coisa que eu admirava bastante. Agora pra ser exato, sei lhe dizer, mas foi bem no começo, foi pouco tempo depois que foi inaugurado no Caiçara acho que um ou uns dois anos depois, eu tenho vinte anos.

Marta: Sim, a gente tinha muita finidade com as pessoas que trabalhavam lá. Quinze, dezesseis anos também

3 – O que significa a EJ para você? Existe debate sobre temas diversos? Se sim quais você lembra?

Tamires: Realmente é saudade, porque eu acho que se a estação da juventude ainda estivesse por aqui por aqui, eu acho que muitas coisas ainda poderiam ter mudado. Assim de cabeça agora, eu não me lembro

Amandinha: Bem é falando como alguém que já participou seria um projeto que está ali pra além de tirar os jovens né, tipo do risco que tem né, a virar, né, da criminalidade e tudo mais, além de tirar os jovens da rua, eles trazem é um projeto que tu tem como função, trazer conhecimento e tipo, fazendo com que as pessoas mostrem e destaquem aquilo que tem dentro de si, tipo, ah, eu tenho uma certa habilidade, eles sempre trabalharam isso, vamos supor, eu sei tocar violão, tipo, eles sempre é destacavam essas coisas, tipo, ah, eu sou bom em algo, Aí eles faziam eu ver dentro de mim que eu era bom naquilo e fazia tipo procurava coisas pra me destacar tipo ah vai ter uma coisa do ITJ ah então vem tocar ou então vem cantar tipo isso entendeu? Então pra mim é um projeto que está, ali meio que pra buscar talentos e mostrar talentos, além de tirar os as criançada, a juventude da criminalidade também e da rua. Um tema exato não vou saber lhe dizer mas existiam sim tipo como eu falei eles traziam é conhecimentos é que seriam importantes pra nossa vivência então eles trazem pra gente poder debater, principalmente aqueles que envolvia a cultura, eles traziam bastante isso pra gente debater.

Marta: Significa saudade, eu não sabia nem o que era bom, até ficar adulta, o sentimento é saudade, mudou muito com certeza se a estação da juventude estivesse por aqui se os projetos que foram lançados na época da estação da juventude tipo a reforma das casinha pra ter um entretenimento em cada uma delas no centro de convivência se isso tivesse gerado eu acho que poderia ter dado um pontapé inicial na vida de muitos jovens que hoje estão aí no mundo que a gente sabe que estão né, e porque foi uma decepção muito grande sabe Leide quando começaram a fazer a reforma nas casinhas estava todo mundo muito animado ia ter as coisas um contando pros outros você via a alegria da galera falando sabe o que aconteceu que as

peessoas que estavam reformando estavam vendo que ia acontecer e aí simplesmente pararam, não deram continuidade e aí, como é que eles vão acreditar que vem algo de bom aqui pra dentro? está sendo muito difícil pra gente trabalhar porque eles não acreditam, não acreditam que nenhum órgão municipal da prefeitura possa fazer diferente por conta que já deram muita esperança pra eles e não cumpriram, e eu não tiro a razão deles, um dia você cansa de ficar esperando, esperando. A reforma começou só Leide que eles concluíram, fizeram a estrutura, mas não deixaram nada, deixaram lá fechado, não deram o ponta pé inicial de nada, sei lá, eles poderia ter feito uma seleção pra dar cem reais pro vigia pra ficar pastorando essa casinha, não sei qualquer coisa. Cem reais aqui pra um jovem de dezoito ano é muita coisa. As outras casinhas (centro de convivência) os outros ocupou, tem igreja, tem gente que se ocupou, sabe? tem um que é uma oficina, tem um que é um salão que não é mais, pois o antigo dono morreu de covid-19, tem uns que é marcenária, tem um aqui que o cara foram atrás na prefeitura recebeu o alvará de funcionamento lá ele ajustou o nome dele e, ele aluga pra fazer evento, fazem aniversário lá dentro, essas coisas. Os outros são também público só que já está distorrido já a galera simplesmente tirou tudo do que tinha eu acho que uma forma de de bater de frente com o que não aconteceu né de mostrar que eles estavam esperando por aquilo foi que eles simplesmente distorram, até os que já tinham sido reformados. As últimas ações que eu vi lá foi uma que tinha da zumba de tardezinha, aí foi quando começou as reformas, começaram a quebrar tudo, e houve algumas reformas, houve algumas casinhas que nem começaram, tipo a daqui que eu moro agora na quadra 16 nem começou essa reforma, ela só está no estado dela original porque a galera evangélica ocupou e antigamente tinha um rapaz aqui nessa quadra que a galera chamava Tio Bob que ele fazia o canteiro ali plantava as coisas tinha uns tanque que ele criava uns cará sabe, pra beber e aí acabou que consertou tudo e ele cuidava, até ele foi preso e mãe dele continuou cuidando e ela sede pra fazer os cursos a noite da galera. Tem sim projetos pra vim pro caiçara não sabemos qual ainda, disseram até que iam chamar nós pra ver pra poder articular quando tivesse alguma coisa né, exatamente, tipo a licitação é fácil ter, o difícil é a aprovação, como muitas coisas aqui Leide, tem CRAS pra vim pra cá, tem areninha pra vim pra cá, tem a igreja católica pra vim pra cá, tem outro CEI, tem outra escola, mas tem a licitação feita, a aprovação é outra coisa, tem banco aprovar, tem que fazer lista de material, tudo tudo, toda aquela burocracia se fosse só licitar, fazer e pronto né, já tinha tanta coisa aqui dentro.

Existe debate sobre temas diversos? Se sim quais você lembra?

Marta: No começo sim, mas foi diminuindo a cada dia, a gente sentiu o afastamento de como ficou a estação da juventude, a ocupação e tudo, a galera que foi se afastando, eu acho minha opinião que a galera foi se afastando de acordo com o que o território foi ficando mais tenso sabe.

4 – Existe prática de esporte na EJ? Se sim quais os esportes?

Tamires: Tinha, já teve basquete, teve handebol, o tênis e vôlei e a queimada.

Amandinha: Olha tinha futsal eu não lembro se tinha eu acho que tinha basquete mas não sei se era lá ou era no vida que te quero viva, mas eu creio que no ITJ também tinha e futebol tipo que tem essa diferença entre futsal e futebol e então tinha também eu lembro dessas. Eu participava do basquete.

Marta: Sim, praticava e jogava bola também, é porque eu fiquei sedentária, todos nós estava no meio.

5 – Qual sua visão sobre as mulheres praticarem esportes? E os esportes que tem na sua maioria meninos?

Tamires: Eu prefiro mais a Marta. Eu sou treinador de categoria feminino, então pra mim eu acho bem interessante, até porque depois que terminou a estação da juventude, aqui a Inês tinha um time feminino né, que a princípio quem está à frente agora é o Léo, e aí a Inês me chamou pra tomar de conta do time, depois aí eu achei bem interessante o futebol feminino, a prática de esporte no futsal, futebol também, o vôlei, o handebol, tudo eu acompanho essas prática, eu tava em um debate aqui que eu o Jeff né? E a gente vê muito mercado financeiro, e tipo assim, a gente sabe que a concorrência é maior no masculino, porque no feminino meio que não tem tanto esse espaço e aí a galera meio que valoriza mais o masculino, mas atualmente eu estou indo mais no feminino do que no masculino como estava discutindo aqui e quando você chegou com essa pergunta aí quando eu estou desligando o microfone, a gente tá discutindo aqui também sobre isso, no feminino a gente vê muito mais potencial do que o masculino, só que porém tem que ter aquela pessoa que estimule mais as mulheres, vai desde de criança já praticar algum tipo de esporte, porque você sabe, existe muito aquelas pessoas que são machista, até dentro de casa, que mulher vai ter que fazer só isso, não pode praticar

isso ou aquilo outro, como eu já conheço, nós vamos conversar com alguns pais um dos pais chegaram pra mim e falou “futebol é coisa pra homem não coisa pra mulher”. Eu respondi, em que mundo tu vive porque tipo assim a mulher pode praticar qualquer tipo de esporte, basta ela queira ir, não uma outra pessoa decidir no lugar dela.

Amandinha: Pra ser sincero eu acho bem importante, tipo, tem muita gente que discrimina bastante, sabe? Tipo, ah, mulher não sabe jogar, mas pra mim, muitas mulheres jogam bem melhor do que muitos homens pra ser sincero, então, eu acho bastante importante, tipo, as mulheres tarem engajadas atualmente também nessa nesse ramo de esporte, de querer adentrar dentro dessa vida de esporte porque até então, até pouco tempo, era só homens que praticavam normalmente, né? Tipo, o pessoal só tinha a visão que só homem podia praticar e a mulher foi praticando isso, mostra que tipo, nossa, elas estão cada dia mais conquistando o lugar delas dentro da sociedade. Olha pra ser sincero eu não vejo nenhum problema, tipo até mesmo tipo eu saí da escola a pouco tempo né, tenho vinte anos né é a pouco tempo é toda vez quando tinha campeonato educação física nós colocava as menina pra jogar também nosso time como nós não tinha como eu fazia enfermagem, não tinha muita muito menino né, dificilmente os homens escolhe enfermagem aí tipo tinha mais era a menina mas era sete no meio de trinta e três menina nós botava as meninas pra jogar com a gente, tipo eu não vejo problema nenhum pra ser sincero.

Marta: Ah que se que se empoderem né, hoje em dia a gente vê tanta mulher por aí, eu sonho com um dia, vou resumindo uma frase, eu sonho com um dia que uma jogadora de futebol, vai ganhar o mesmo que um jogador ganha, é esse meu sonho, que um dia bata o salário seja igual dentro dos dois porque é que o gol do Neymar vale tanto e o da Marta vale dois tantos a menos.

6 – Qual esporte você acha que as meninas devem praticar?

Tamires:

Amandinha: Olha eu sei que já vejo muito, meninas jogando futsal, futebol e vôlei, mas um esporte que eu vejo que as meninas não praticam tanto é basquete, é uma coisa que eu não vejo muita menina praticando, então eu acho importante, elas crescerem mais dentro desse esporte, né? Tipo dentro do futsal, no futebol, do vôlei, mas também que comecem a crescer

em outros como basquete, pingue-pongue de mesa que também é considerado como esporte, esses esportes em si também. Tipo muito menino ainda tem essa ideologia que só homem pode jogar, então normalmente quando acontece tipo vamos supor algum projeto é trazido pra dentro do residencial suponhamos e tem trazem futebol, campo futsal, normalmente os meninos já tem essa ideologia e acabam excluindo as meninas então acho que além de incentivar as meninas a jogarem também, eles deveriam também ensinar os meninos, tipo, é importante ver as meninas jogando, criando esse espaço dentro dos esportes.

Marta: Eu acho que as que elas se identificarem né, sei lá é uma pergunta muito ampla pra responder, hoje em dia você vê a mulher fazendo tudo, coisa que ah sei lá ah vinte anos atrás você não via por exemplo uma caminhoneira, uma moto táxi, uma taxista, uma mulher jogando futebol, assim livremente como hoje tem os campeonatos femininos né? que antigamente não tinha, pois é, eu botei vinte anos assim uma estatística, né, pra botar que foi há anos atrás, até coisas assim, tipo eu pesquiso muito essas coisas de esporte e antigamente não tinha uma foto sequer da mulher jogando tênis aquele tênis de quadra mesmo né aquele tradicional que tem os torneios, e hoje só o que você vê é as mulher lá tomando esporte, as mulher enorme de grande, eu não sei como é que essa mulher são tão grande e eu não tenho nem metade da canela delas e elas estão lá jogando tênis e eu acho isso muito massa e eu acho também que deveria ter um torneio que pudesse mesclar isso, colocar por exemplo o tênis, o tênis dá muito bem pra jogar homem contra a mulher diferente do futebol, né, que já não é tão justo porque convenhamos né, claro que muita mulher iam dar um show nos homens, mas, não generalizando né, porque tem muito por exemplo o Wellington super apoia as coisas né, a gente conversa muito sobre isso né Wellington? E e só que sabemos nós que muito dos homens não aceitam esse tipo e acaba levando pro coração como a gente fala hoje, pro lado pessoal e não ia ser legal, né, colocar as mulheres a correr esse tipo de consequência, só pelo ego deles inflamado. É porque eu assisti uma serie que o nome dela é as telefonista, né, e eu acho que você já ouviu falar, eu acho que pelo assunto que a gente está falando aqui você gostaria porque ela fala de como, ela retrada toda, ela passava no tempo da segunda guerra mundial, né, ela passa nesse tempo e fala de como as mulheres conquistaram algumas coisas, tipo um telefone, por exemplo, uma empresa de telefonista antigamente, só funcionavam se tivessem mulheres telefonistas, entendeu? Porque tinha que ligar pra telefonista pra telefonista passar pra outra pessoa né, então se não existir a telefonista você não falaria com as outras pessoas, e aí ele retrata uma telefonista que foi muito inteligente que ele sofreu muito na vida lá e ela inventou aquele telefone que a gente liga direto que povo liga direto se precisar de

telefonista, e o cara roubou dela a ideia e apresentou. Lá na época o nome era roteador, era um roteador, era o novo telefone, aí ela foi lá e inventou uma coisa melhor ainda, a cabine telefone, isso, e esse aí você vê, né, desde os tempos de muito, muito, muito a mulher vem lutando e por muitas vezes tendo o seu destino sugado por outra pessoa pelo simples fato que a sociedade não aceitar que ela pode sim sei lá ser uma diretora de uma empresa que hoje em dia graças a Deus a gente tem muito mas na época lá que ela se tornou diretora de empresa, ninguém queria nem obedecer sabe, ela tipo uma vez que ela tinha feito de volta na empresa e tal e a gente que gosta né desse assunto assim é bem interessante assistir, é uma reflexão muito massa muito massa mesmo.

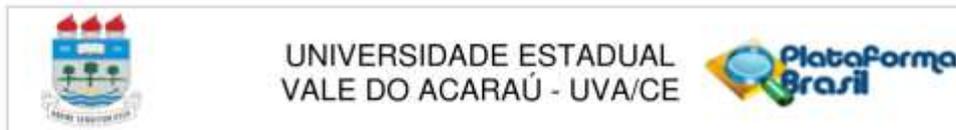
7 – Você conhece meninas que jogam futebol?

Tamires: Várias. Sou treinador

Amandinha: Caracas, conheço muitos muitas, as meninas que jogaram comigo foram representar Sobral jogando em Fortaleza então conheço bastante.

Marta: Claro.

ANEXO A - PARECER CONSUBSTANCIADO DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA - CEP



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: QUAIS OS SIGNIFICADOS E SENTIDOS DO FUTEBOL FEMININO PARA AS JUVENTUDES ATENDIDAS PELA ESTAÇÃO JUVENTUDE EM SOBRAL-CE

Pesquisador: Leidiana do Nascimento Pinto

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 50065721.2.0000.5053

Instituição Proponente: Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.882.838

Apresentação do Projeto:

A pesquisa objetiva um debate sobre os significados e sentidos do futebol feminino para as juventudes, em especial os jovens que são atendidos pelas políticas públicas na cidade de Sobral-Ce, no Programa Estação Juventude. Os participantes da pesquisa serão três jovens de cada Estação Juventude da sede de Sobral, um total de 12 (doze) meninas e meninos entre 18 e 29 anos que são atendidos pela Estação Juventude dos bairros Vila Recanto II, Nova Caiçara, Tamarindo e Cohab I. Os jovens, em sua maioria, são estudantes da escola pública e participam de projetos e ações realizadas direto ou indiretamente pela Estação Juventude. O método será de abordagem qualitativa, com encontros por videoconferência e presenciais, atendendo todos os protocolos municipais sanitários e de segurança relacionado a prevenções de infecções virais que se referem a: distanciamento de 1,5 metros entre pessoas; uso de máscaras para todos; bem como a higienização das mãos álcool 70%.

Objetivo da Pesquisa:

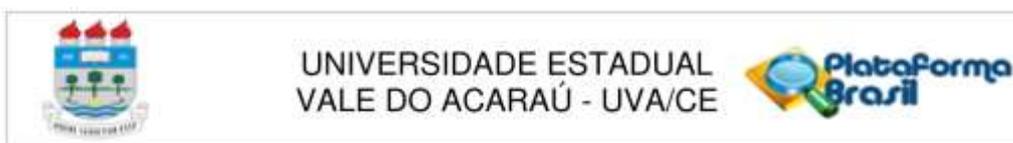
Objetivo Geral

Identificar os significados e sentidos do futebol feminino para as juventudes atendidas pela Estação Juventude em Sobral-Ce.

Objetivos Específicos

Traçar o perfil socioeconômico das juventudes participantes da pesquisa

Endereço: Av Comandante Maurocêlio Rocha Ponte, 150
Bairro: Derby **CEP:** 62.041-040
UF: CE **Município:** SOBRAL
Telefone: (88)3677-4255 **Fax:** (88)3677-4242 **E-mail:** cep_uva@uvanet.br



Continuação do Parecer: 4.882.838

Analisar as percepções que as juventudes atendidas pela Estação Juventude têm em relação ao futebol feminino.

Identificar as reflexões que os jovens fazem sobre sua condição de "ser jovem" e sua participação na Estação Juventude.

Investigar como essas juventudes se reconhecem participando da Estação Juventude e quais os principais conteúdos reproduzidos por essas juventudes.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Os riscos são apresentados de forma clara e direta, e são riscos relacionados aos constrangimento ou vazamento de dados, a pesquisadora apresenta todas as formas necessárias para mitigar esses riscos. Os benefícios são indiretos e estão relacionados com a produção de conhecimento.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Ver conclusões

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Todos os termos estão adequados e em conformidade.

Recomendações:

Ver conclusão

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

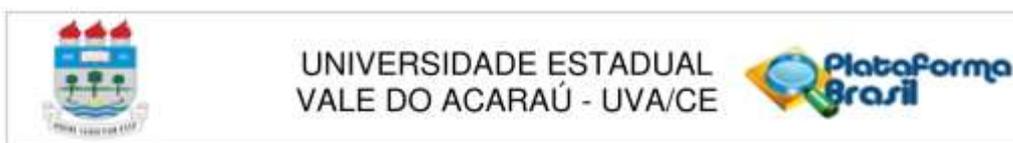
O estudo está adequado sem nem problema ético. Solicitamos que ao final desta pesquisa seja enviado um relatório final a este CEP.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1780279.pdf	29/06/2021 16:11:16		Aceito
Outros	print_email.png	29/06/2021 16:08:23	Leidiana do Nascimento Pinto	Aceito
Cronograma	CRONOGRAMA.pdf	29/06/2021 15:49:58	Leidiana do Nascimento Pinto	Aceito
Folha de Rosto	Folharosto.pdf	29/06/2021 15:41:55	Leidiana do Nascimento Pinto	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura	Projeto.pdf	29/06/2021 15:41:37	Leidiana do Nascimento Pinto	Aceito

Endereço: Av Comandante Maurocílio Rocha Ponte, 150
Bairro: Derby **CEP:** 62.041-040
UF: CE **Município:** SOBRAL
Telefone: (88)3677-4255 **Fax:** (88)3677-4242 **E-mail:** cep_uva@uvanet.br



Continuação do Parecer: 4.882.838

Investigador	Projeto.pdf	29/06/2021 15:41:37	Leidiana do Nascimento Pinto	Aceito
Outros	anuencia.pdf	22/06/2021 22:33:49	Leidiana do Nascimento Pinto	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	22/06/2021 22:30:16	Leidiana do Nascimento Pinto	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SOBRAL, 03 de Agosto de 2021

Assinado por:
Luiz Vieira da Silva Neto
 (Coordenador(a))

Endereço: Av Comandante Maurocêlio Rocha Ponte, 150
Bairro: Derby **CEP:** 62.041-040
UF: CE **Município:** SOBRAL
Telefone: (88)3677-4255 **Fax:** (88)3677-4242 **E-mail:** cep_uva@uvanet.br

ANEXO B - CARTA DE ANUÊNCIA**SECRETARIA DA JUVENTUDE, ESPORTE E LAZER****CARTA DE ANUÊNCIA**

Declaramos para os devidos fins, que aceitaremos (o) a pesquisador (a) Leidiana do Nascimento Pinto, discente do curso de Mestrado Acadêmico em Saúde da Família pela Universidade Federal do Ceará –UFC, a desenvolver o seu projeto de pesquisa **(QUAIS OS SIGNIFICADOS E SENTIDOS DO FUTEBOL FEMININO PARA AS JUVENTUDES ATENDIDAS PELA ESTAÇÃO JUVENTUDE EM SOBRAL-CE.)**, que está sob a coordenação/orientação do (a) Prof. (a) (Camilla Araújo Lopes Vieira) cujo objetivo é realizar um debate sobre os Significados e sentidos do futebol feminino para as juventudes, em especial os jovens que são atendidos pelas políticas públicas na cidade de Sobral-Ce, no Programa Estação Juventude.

Esta autorização está condicionada ao cumprimento do (a) pesquisador (a) aos requisitos das Resoluções do Conselho Nacional de Saúde e suas complementares, comprometendo-se utilizar os dados pessoais dos participantes da pesquisa, exclusivamente para os fins científicos, mantendo o sigilo e garantindo a não utilização das informações em prejuízo das pessoas e/ou das comunidades.

Antes de iniciar a coleta de dados o/a pesquisador/a deverá apresentar a esta Instituição o Parecer Consubstanciado devidamente aprovado, emitido por Comitê de Ética em Pesquisa, credenciado ao Sistema CEP/CONEP.

Sobral, em 22 / 06 / 2024.


Eugênio Parceli Sampaio Silveira

Secretário da Juventude,
Esporte e Lazer